SHOW BIZZ

5561/2 • ANO 12 / Nº 10 • EDIÇÃO 135 • R$ 7,90

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

1 ano

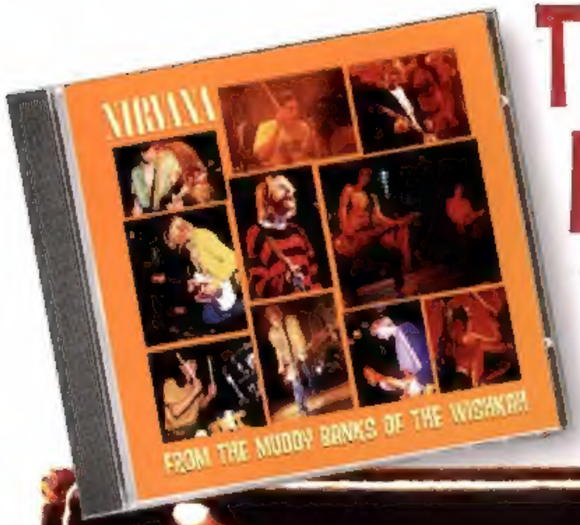
SILVERCHAIR
o primeiro porre a gente nunca esquece

LULU SANTOS
"Cansei de ser pop"

RITA LEE
"Caetano está tesudinho"

RAIMUNDAS
boas de cara e feias de nada

EXCLUSIVO de MIAMI
KISS
OS BASTIDORES DO MAIOR SHOW DA TERRA



THANK YOU, NIRVANA.

"FROM THE MUDDY BANKS OF THE WISHKAH".
O NOVO CD DO NIRVANA.
GRAVAÇÕES INÉDITAS, AO VIVO.

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO BMG
GEFFEN MCA

COUNTING CROWS

recovering the satellites

DEPOIS DO SUCESSO DE "AUGUST AND EVERYTHING AFTER"
O COUNTING CROWS ESTÁ DE VOLTA COM
"RECOVERING THE SATELLITES".
DESTACANDO: "ANGELS OF THE SILENCES" E "A LONG DECEMBER"

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO BMG

À VENDA EM CD
GEFFEN MCA

vai
na
dúvida
ou
fica
na
certeza
?

A ESCOLHA é SUA.

Free ultra lights

é a sua liberdade

para escolher

fumar ainda menos

alcatrão e nicotina

sem abrir mão do sabor

e gostar.

FREE ULTRA LIGHTS

6 mg de alcatrão, 0,6 mg de nicotina.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.

questão de bom senso.

Pauta

36 ERIC BURDON
O eterno animal repassa suas aventuras ao lado de Jimi Hendrix e Janis Joplin

48 LOU REED
A face domesticada do cinqüentão malhador

54 RAIMUNDAS
Elas são dois motivos a mais para você se ligar no forrocore

26 LULU SANTOS
quer dar um tempo na carreira de cantor pop para gravar sambas e ser ator de cinema

32 INNER CIRCLE
Os veteranos do reggae em tempo de regime e boas canções

40 MARIA BACANA
Eles fazem rock irado e provam que nem só de batuque vivem os baianos

42 SILVERCHAIR
Três fedelhos que saíram da Austrália para conquistar as paradas americanas

46 ARNALDO ANTUNES
Solta o verbo: "Eu sou cantor!"

SEMPRE EM SHOWBIZZ

8 CANAL BIZZ
Patrulha anti-Nirvana, aplausos para o mundo livre

10 BIZZES
U2, Electronic, Legião, Smashing Pumpkins, Blondie

58 MTV EM OFF
Uma turnê fumacê com o Planet Hemp

60 ONZE PERGUNTAS
Rita Lee avisa que vai gravar com Raimundos e manda Lobão voltar a ser doido

64 PLAY
Pearl Jam, R.E.M., a trilha de *Tieta*, Ramones

76 REPLAY
Patti Smith, Elvis, Augustus Pablo, Falcão

82 ENJOY IT
Violões para todos os gostos e ocasiões

84 LETRAS TRADUZIDAS
"Only Happy When It Rains", do Garbage, e "Detroit Rock City", do Kiss

87 TESTE
Funk-se quem puder: confira seus conhecimentos sobre música negra americana

90 • BIZZES
Skank, Oasis, John Mayall, Hoodoo Gurus

98 DISCOTECA BÁSICA
O titã Nando Reis se emociona com *4 Way Street*, de Crosby, Stills, Nash & Young

20 KISS
O quarteto fala da retomada das máscaras e declara sua paixão eterna pelo rock'n'roll

Editorial de aniversário é sempre aquela velha babação. Que maravilha de equipe, que orgulho fazer esta revista, quanto esforço a gente não faz para satisfazer nossos amados leitores... Então tá: como diria o violão de João Gilberto, "Como São Lindos Os Iogues". E estamos conversados a respeito disso.

Vamos logo àquilo que interessa mesmo quando se faz anos: F-E-S-T-A! Para animar o baile convidamos os especialistas e PhDs no assunto Paul Stanley, Gene Simmons, Ace Frehley e Peter Criss, do Kiss, atualmente comandando nos Estados Unidos a mais badalada, concorrida e disputada turnê do momento. O editor Robert Halfoun foi mandado por SEDEX a Miami para entrevistá-los e conferir os bastidores do imenso circo que é um show do Kiss. Sabe por que, mesmo beirando os cinqüentinha, eles ainda usam aquela maquiagem e aquelas roupas ridículas? Porque são viciados na farra do rock'n'roll.

E para você, leitor, fazer a sua em casa, SHOWBIZZ aprontou um CD bacana com as crias do Tio Miranda (leia-se Excelente Discos), eletrizantes entrevistas com Lou Reed, Eric Burdon e Lulu Santos e um suplemento com tudo sobre o Pearl Jam.

Divirta-se e não vá com calma.

PEDRO SO

Parada da redação

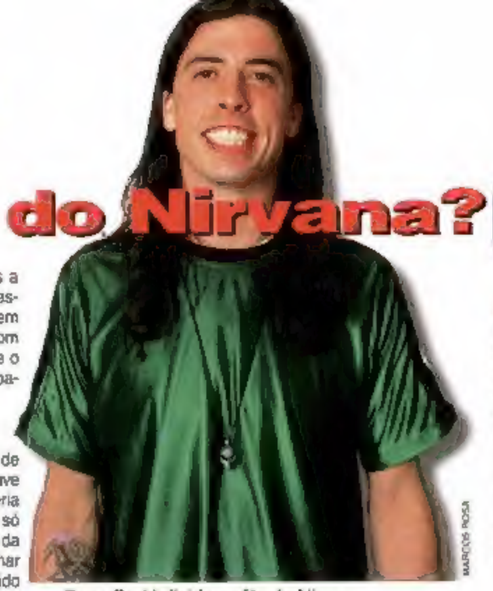
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

O Rappa – *Rappa Mundi*
Howard Tate – *The Legendary Sessions*
Neil Young – *After The Gold Rush*
Velvet Underground – *Loaded*
The Stooges – *The Stooges*
Lúcio Alves – *O Cantor De Todas As Bossas*

FOTO CAPA: LFI

Canal Bizz

herdeiros do Nirvana?



Dave Grohl divide os fãs do Nirvana

Senti que Dave Grohl sabe muito bem que às vezes a vida é dura, mas continua. Dave é um cara que lutou mesmo e merece todo o sucesso que tem. Uma mensagem para o Dave: "Sorry, mas você é d+. E não vale vir com essa de 'mas fulano é melhor', viu? Você, o Nirvana e o Foo Fighters são dez, muito dez e você também é 'culpado' disso, ouviu?"
Cristiane Lumi Massuyama - São Paulo, SP

Confesso que estava até comovido com a entrevista de Dave Grohl para a SHOWBIZZ. Mas quando li que Dave não gostaria de ser comparado ao Nirvana e nem queria o título de herdeiro do império grunge... Ele pensa que só porque arrumou essa banda mixuruca agora é o rei da cocada preta. Dave, você deveria mesmo é se orgulhar de poder ser comparado ao Rei Kurt, seu mal agradecido e metidinho a rei do gado.
Allan F. Pereira - São Paulo, SP

Achei as declarações do Dave Grohl muito infantis para um ex-baterista do Nirvana. Porra, dizer que "foi bom enquanto durou"... Esse cara é o maior vacilão, mas tomara que ele se conscientize e reflita que foi Kurt que o mostrou para o mundo.
José L. da Silva Junior - São Lourenço da Mata, PE

Mas quantas pedras na mão em relação ao Dave Grohl! Temos certeza que o rapaz sabe da grandeza do Nirvana – tanto que nem gosta que seu trabalho seja comparado ao de Kurt Cobain. Quanto ao papo de "a vida continua", bem, talvez se Grohl estivesse até hoje se lamentando pelo fim do Nirvana, ele não teria mandado um trabalho legal como os Foo Fighters.

CAIA NA NOSSA REDE

SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

RASGAÇÃO DE SEDA

Gostaria de elogiar o Charles Gavin pela excelente crítica ao disco *Load* do Metallica. Não existe viadagem nenhuma e sim puro rock'n'roll. Bololas são esses merdas que não percebem a extrema beleza e maturidade de *Load*.
Felipe Proença - Rio de Janeiro, RJ
E isso aí, Felipe! Load tem certos momentos que soam menos comerciais do que o álbum preto. Mas foi só a moçada conferir o visual frangoso do Metallica para cair de pau. O Charles vai ficar bem contente com o elogio.

Odelay, de Beck, não é só o melhor disco do ano. Mas o que sinaliza o melhor do final do século. Outro desses só na virada do milênio? Mas cuidado: não é disco pra gente normal ouvir... Sei que André Abu (jamra) também compartilha minhas palavras. Assim é que se fala de música. Bora lá!
Dudu Marote - São Paulo, SP
Dudu, o que você quis dizer com "não é para gente normal"? Aqui na SHOWBIZZ todo mundo é bom da cabeça. Agora com licença que está na hora de tomar uns eletrochoques e ouvir O Samba Poconé, de uns mineiro bão, produzido por um tal de Marote.

DOSSIÊ SÔNICO

Por favor, me mandem a discografia completa do Sonic Youth.
Antonio A. R. Pedrosa - Igarapé, MG
Anota aí: Sonic Youth EP (82), Kill Your Idols EP (83), Confusion Is Sex (83), Sonic Death: Sonic Youth Live (84), Bad Moon Rising (85), Death Valley 69 EP (85), EVOL (86), Sister (87), Master-Dik Beat On The Brat EP (87), Daydream Nation (88), Goo (90), Dirty (92), Experimental Jet Set, Trash & No Star (94), Made In USA (95), Screaming Fields Of Sonic Love (95), Washing Machine (96).

MANQUE MANDA

Achei simplesmente enlamaçada (considerem isso um elogio) a edição 133. Finalmente uma matéria decente com o pessoal do mundo livre S/A. Já era hora dos caranguejos sapiens aparecerem na SHOWBIZZ direto da lama do Jaboatão. Salve o mangue, salve!
Cristiano F. B. do Nacimento - Recife, PE

A matéria da Claudia Grechi sobre Fred 04 e a "Free World S/A Band" ficou legal. Os caranguejos do mundo livre S/A colocaram o elemento "Bezerra da Silva" que faltava ao rock paulieira.
Estou enviando fotos que tiramos em Olinda, no Skol Rock (etapa Recife). Espero que gostem do mosh que eu dei.
Rangel Cruz - Palmares, PE
Como diria o Fábio Massari, os discos do mundo livre s/a são prediletos da casa. Mas, cá entre nós: você não acha que tem uma mãozinha boba nesse mosh? A propósito, confira o CD que acompanha esta edição de SHOWBIZZ. Além de duas pérolas de Fred 04, tem bandas legais do rock brazuca como Os Ostras, Maria Do Relento e Magneticoss.

PENSADOR DO MÊS

"Se filho de peixe, peixinho é... Não quero que minha filha vire piranha!"
Carlos Sidney Brasil Haussler - Macapá, AP

Escreva seu pensamento e manda junto com ele uma foto. A carta mais criativa ganha uma camiseta.

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!

0800-139-138

De 10h às 12h e das 15h às 18h. Este é o seu canal na SHOWBIZZ. Sugestões, críticas, dúvidas...

O QUE O ATENDIMENTO AO LEITOR NÃO FAZ

- Números atrasados só podem ser obtidos na Dinap. Tel.: (011) 868-3038.
- É o Departamento de Assinaturas que cuida de dúvidas de quem é assinante ou de quem quer se tornar um.
- SHOWBIZZ não fornece endereços ou telefones de artistas.
- Também não fornecemos fotos, matérias, pôsters, camisetas, bonés, adesivos, CDs, CD-ROM, vídeos, ingressos para shows, etc.

LEGIÃO, LEGIÃO, LEGIÃO

Ufa! Não agüentávamos mais esperar. Até que enfim vai chegar a tempestade. Que o disco seria tão bom assim, nem os meteorologistas previram.
Alan Henrique Mendes - Salvador, BA

Adorei saber que a SHOWBIZZ não esqueceu o Legião Urbana. Por favor, fiquem de olho neles, não os deixem escapar.
João José Vieira - Bacabal, MA

Estou mandando a foto de um dos dias mais felizes da minha vida, meu "encontro" com o Dado Villa-Lobos.
Luciana Bernardes - Rio de Janeiro, RJ
Tem mais Legião na seção BIZZES, galera. E quanto a entrevistas, assim que eles derem uma brecha, vamos ter Legião em SHOWBIZZ.

Dado capricha no sorriso Colgate

Bobby: "Oh dia, oh azar!"

DEPRESSÃO EM ALTA

Todos nós, fãs do The Cure, tivemos uma grande depressão na edição 132, em que o Robert Smith fala: "Chega de depressão"! Queramos mais sons depressivos! Ah, Robert Smith, para mim essa depressão foi apenas marketing... Só para ganhar dinheiro em cima das trouxas!
Renato L. de Souza - São Vicente, SP
Robertinho só podia estar alegre. Fez um solzão no Rio e o Cure deu um showzaço. Mas estamos publicando uma foto dele cheio de olheiras pra você ficar contente.

Fã-clubes

Fã-clube Planet Hemp
Rua Antonio Arruda, 717
CEP 60347-250
Fortaleza - CE

Fã-clube Rita Lee
Rua Prof. Manoel Cazasanta, 376
CEP 31510-190
Belo Horizonte - MG

Sr. Banana Fã-clube Oficial
Caixa Postal 48022
CEP 20512-970
Rio de Janeiro - RJ

The Smiths And Morrisey Club
Caixa Postal 31024
CEP 20732-970
Rio de Janeiro - RJ

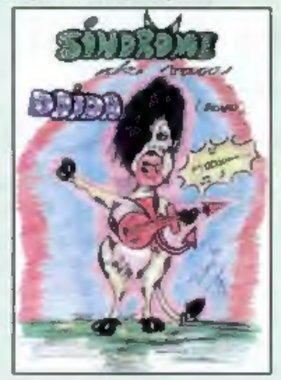
Van Halen Fã-clube
Rua Mario Mourão, 150
CEP 37701-019
Poços de Caldas - MG

VEJA SE VOCÊ GANHOU...

50 ganhadores do CD do Prince

Sorria imaginação! Se depender dos leitores de SHOWBIZZ, Prince tem nome garantido até o fim dos seus dias. A melhor pedida partiu de Valdir de Oliveira, de Itatiba (SP). Ele sugeriu SDVD (Síndrome de Vaca Dolida), com direito a ilustração (veja ao lado). Outras sugestões foram: Nelson Ned, Colsinha e Zorra. Quem estiver a fim de mudar de nome, nem precisa consultar um numerologista: bata um fio pra moçada abaixo.

Admir Calazans - Ilhéus, SP • Alan Henrique Q. Mendes - Salvador, BA • André Anastácio - Cajamar, SP • Antônio Marcos Corrêa - Martinho Campos, MG • Brásulo L. Rodrigues - Canoa, MG • Carlos Flávio P. Prado - Florianópolis, SC • Claudio G. do Nascimento Jr. - Recife, PE • Daniella M. Pimenta - São Paulo, SP • Daniel B. Soares - Rio de Janeiro, RJ • Dirceu R. Z. Junior - Vitória, ES • Edson Araújo - Novo Hamburgo, RS • Edson de Oliveira - Esteio, RS • Eduardo Miranda - Cuiabá, MT • Elizângela A. Ferreira - Morrinhos, GO • Evaldo Kaus Neto - Mogi das Cruzes, SP • Fabiane Ludwig - Feliz, RS • Fábio C. Oyarzábal - Bagé, RS • Genival L. P. de Souza - São Paulo, SP • Giovana Godinho - Canoas, RS • Heloísa Salli - Pirapora do Bom Jesus, SP • Ivania Regina P. de Souza - Paratibe Paulista, PE • Jaumar A. Pereira Junior - João Pessoa, PB • Jean Claudin Fana - Belo Horizonte, MG • José Enio R. Guimarães - Bananal, SP • Juliano de Souza - Ribeirão Preto, SP • Levi de S. Cirino - Ibiraiuma, RJ • Lucas Spanemberg - Caxias do Sul, RS • Luciano Marcio Scherer - Mal. Cândido Rondon, PR • Luis Carlos Veira - Guaraguava, PR • Luis Gustavo Guimarães - Monte Alto, SP • Marcelo C. Santos - São Paulo, SP • Marcelo S. Costa - Taubaté, SP • Marcio Luiz dos Santos - Vitória, ES • Marcos Alexandre Souza - São João do Meriti, RJ • Marcos Antonio B. Ferreira - Olinda, PE • Marcos de Andrade - Itabaiana, SE • Marcos Vinicius Germano - Sabará, MG • Odivaldo Pronti - São José do Rio Preto, SP • Paulo Henrique L. Alvaranga - Fortaleza, CE • Renato Henrique de S. Almeida - Brasília, DF • Ricardo A. Chicuta - Criciúma, SC • Ricardo Anderson G. Sales - Goiana, PE • Ricardo Brandalise - Curitiba, PR • Rinaldo G. Branquinho - Cruzeiro, SP • Suzy Mary A. Figueiras - Campo Grande, MS • Tânia Cabral - Campina Grande do Sul, PR • Tarso F. Bessa - Russas, CE • Valdir de Oliveira - Itatiba, SP • Welson V. • Barbosa - Paranaíba, MS • Yala Anderson Santos - Guarujá, SP



20 vencedores da Zona/Stones

Euzimário Azevedo dos Santos, de Barreiras (BA), parece que adivinhou as gafes dessa edição. A maior zona da vida dele aconteceu num "Puteiro Em João Pessoa" com as Raimundas (*que estão na página 54 dessa edição*). Os outros ganhadores foram:

Alexandre Correia - São Paulo, SP • Alan Gustavo L. de Oliveira - Palmares, SP • Ana Beatriz S. Silva - São Paulo, SP • Carla Mônica S. Maia - Fortaleza, CE • Celso G. Menezes - Itanhaém, SP • Conrado R. Falbo - Recife, PE • Cristiano B. do Nascimento - Recife, PE • Eliete S. Monteiro - São Paulo, SP • Elisa Maria Carvalho - Três Corações, MG • Euzimário A. dos Santos - Barreiras, BA • Giancarlo M. de Carvalho - Jales, SP • Helaine P. da Silva - São Paulo, SP • Jefferson de A. Pinto - Fortaleza, CE • José do E. Reis - São Paulo, SP • Luis Carlos Alem - Jacareí, SP • Marcia C. Zaboto - Rio Claro, SP • Marcos de Andrade - Itabaiana, SE • Marina C. Gurgel - Fortaleza, CE • Paulo Sérgio Martins - São Paulo, SP • Wollington Meirelles - João Pessoa, PB

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundadores: Victor Civita (1907-1990) — Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Bertinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Sá
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Hellburn e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Mata e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Cláudia Grechi e Leticia Calmon
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) André Gordirro, Antônio Carlos Miguel, Carlos Eduardo Miranda, Enor Paiano, Fernando Luna, Hélio Gomes, Ismael do Vale, Jaime Biaggio, Jamari França, João Wady Cury, Leonardo Rivera, Marcelo Bernardes, Marcelo Fróes, Marcelo Janot, Marcos Smirnoff, Marcus Vargas, Mauro Dias, Nando Reis, Nuno Mindelis, Paulo César Martin, Pedro Alexandre Sanches, Ricardo Alexandre, Ricardo F. Cruz, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Valério Campos, Walter da Silva

(Fotos) Ary Diesendruk, Eduardo Costa, Jorge Rosenberg, Miriam Fichtner, Roberto Price, Rui Mendes, Veronica Peixoto
(Revisão) Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Gianetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Maiot
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Madrid, Marcelo Castaldi e Rosana Pires
Contato do Agência: Marcelo Castaldi
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Roseti

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandro Palla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição 135, outubro de 1998). São Paulo – Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83778, fax: (011) 867-3000. Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1583/1468, CP 4816. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá credi-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – Serviço ao Assinante: tel. (011) 823-9222. Números atrasados: exceto últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco – SP – fax (011) 868.3016, fone (011) 868.3038 (Dinap). E-mail: dinap.ns@email.abril.com.br, pagando com os cartões Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER IVC

Fotolito: Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional

Legião mata a seca

Renato Russo fez um disco com todas as faces da Legião

Era para ter sido um disco duplo, mas os 67 minutos de duração de *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias* devem matar com sobras a fissura dos fãs da Legião Urbana. Várias músicas ficaram de fora do novo álbum, que inicialmente iria se chamar *Material* – o que dava para fazer um outro disco inteiro. Entre as sobras, está "Clarisse", um épico barra-pesada de nove minutos que Renato Russo achou que poderia chocar a molecada.

As composições que entraram no CD seguem as mais variadas vertentes da Legião. "Natália", logo na abertura, é um punk rock que profetiza: "Quando tudo é solidão/ É preciso acreditar num novo dia/ Na nossa grande geração perdida". "Dezesseis" também é agitada, com nítida influência do glam rock dos anos 70 e uma letra sobre um certo Johnny que morre num pega em Brasília. "Soul Parsifal", parceria entre Marisa Monte e Renato Russo (que ela pretendia gravar com ele – Marisa ficou surpresa ao saber que a Legião tinha incluído a música no disco), é melodiosa e com um doce sabor pop. Pra quem quiser exorcizar as dores da paixão, tem "Longe Do Meu Lado", amarga e bela: "A paixão já passou em minha vida/ Foi até bom mas ao final deu tudo errado".

O trabalho em estúdio foi desgastante, tanto que o que se ouve em muitas das faixas são as vozes-guia de Renato Russo, que desistiu de fazer as gravações adicionais. O resultado, porém, tem a força da espontaneidade e aquele carisma que viciou jovens e adolescentes brasileiros.

> "As pessoas ficam se humilhando pra mim: gritam e querem me tocar!"
>
> Björk, enojada com a histeria que provoca em seu país, a Islândia

O mea culpa do Metallica

Kirk avisa: vem peso aí

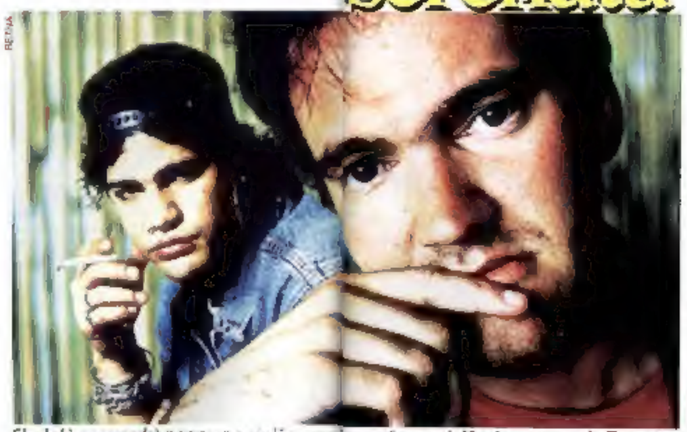
Parece que o Metallica finalmente reconheceu que *Load* é um tanto quanto aboiolado. O guitarrista Kirk Hammett revelou que o próximo álbum, já prontinho, será "infinitamente mais pesado". O disco vai reunir as melhores sobras das gravações do polêmico *Load*. "É um mostruário do lado mais pesado da banda", adianta Kirk, que, por via das dúvidas, sai em defesa de *Load*. "Obviamente *Load* não é tão extremo como *Master Of Puppets*. Mas queríamos seguir um certo caminho e escolhemos músicas que combinassem entre si. O que aconteceu é que elas não eram como a maioria das canções que gravamos antes." Os fãs do velho e bom metal podem ir preparando os ouvidos... E por falar neles, James Hetfield aproveitou para externar a saudade que o Metallica sente de Cliff Burton, baixista morto há dez anos (27 de setembro de 1986), num acidente rodoviário: "Sempre penso em como a banda seria se ele ainda estivesse aqui..."

O fascínio original

"Espero com esse disco trazer de novo para primeiro plano a essência do fascínio que Kurt e o Nirvana exerciam", anuncia Kris Novoselic, ex-baixista do grupo. Mais do que um lançamento póstumo caça-níqueis, *From The Muddy Banks Of Wishkah* é um apanhado do que Novoselic chama de "a força e a paixão originais" do trio: sonzeira *live* no talo. "O Nirvana sempre foi basicamente uma banda de palco; passamos dois anos dando shows antes de gravar *Bleach* (o primeiro álbum, de 1989). Tocar ao vivo era nosso pão com manteiga", explica Kris. Entre o material selecionado a partir de mais cem horas de gravação, estão "Smells Like Teen Spirit", "Lithium", "Drain You", "Heart-Shaped Box", "Polly" e "Breed" (em versão de 1989, quando ainda se chamava "Immodium"). "Nirvana total", promete Kris, que prepara agora o CD do seu grupo Sweet 75.

Kurt-não-morreu: Nirvana ao vivo!

Serenata de horror



Slash (à esquerda) pegou no violão para sonorizar a violência cartoon de Tarantino

A expressão "guitarra matadora" nunca esteve tão próxima de seu significado literal. No próximo filme de Quentin Tarantino (título original: *Curdled*, algo como "horrorizado"), o personagem principal é um *serial killer* demente vivido por William Baldwin. E toda vez que ele ataca, ouve-se a guitarra espanhola (acústica) de Slash, para quem foi encomendada parte da trilha incidental do filme. "A Miramax me mandou um vídeo com algumas cenas e eu adorei. Tem o mesmo *feeling* cru do Slash's Snakepit", comparou o (ex?) integrante do Guns N'Roses.

Viagem demais

Bono & Cia. piraram além da conta

Com tudo pronto para o lançamento do novo álbum em outubro, o U2 deu pra trás. A "sonoridade trip hop" previamente anunciada por Adam Clayton acabou assustando os próprios músicos do grupo. O DJ Howie foi chamado ao estúdio para ajudar os bravos irlandeses a desarmarem a sipituca sonora que eles mesmos armaram. Sussurra-se via Internet que as faixas a serem reconvertidas em rock'n'roll seriam "Super City Mania", "Holy Joe", "Gone" e "MFRR". Em meio a muita boataria, o certo é que os shows no Brasil em fevereiro estão adiados, assim como o lançamento do disco (que deve acontecer entre janeiro e fevereiro). Bono informou ao fã-clube oficial que a turnê só começa em julho e que sua imagem atual "está saindo do Elvis-fase-gorda para um visual Lênin-a-caminho-de-Cuba-para-encontrar-mulheres-que-fumam-charuto". Aaah, sim.

Canções de ninar by Madonna: que clip tarado isso não pode dar...

Madonna embala neném

Ela vai gravar um disco de canções de ninar assim que parir! "Estou fazendo isso por Lola (*nome de sua futura herdeira*), mas pretendo lançar comercialmente também", avisa Madonna. A mãe do ano diz que entra no estúdio logo que puder, mas o tal álbum só vai sair depois que a trilha de *Evita* tiver rendido bastante, lá pelo fim do ano que vem. O barrigão não tem prejudicado a língua ferina. Perguntada pela *Vogue* a respeito de Demi Moore e Sandra Bullock, ela disparou: "O que é isso? O que elas fazem não é arte, não é atuar, não é cinema." Para a revista inglesa *Q*, Madonna revelou que seu maior medo é "ter Bob Dole como presidente", que fica excitada vendo cicatrizes e que deseja ser enterrada ao som de "My Way". O que é a felicidade para ela? "Frozen Yogurt de coco com confetes multicoloridos."

Acabou chorare para os Pumpkins: prêmios e caixa

caixão do Smashing

Depois de passar o rodo na premiação da MTV, os Smashing Pumpkins planejam lançar uma supercaixa com os 28 lados Bs do álbum *Mellon Collie*, incluindo covers de Blondie, The Cars e Cure. Boa sacudida para a banda, que já comenta a morte de seu tecladista.

"Já usei drogas, sim. Podemos dizer que não sou nenhum anjo. Na época de *Gish*, tomei tanto LSD que cheguei a ficar meio gago. Mas jamais coloquei minha vida em risco nem pus a vida dos outros em perigo", compara Billy Corgan. O cantor recebeu o recado do tour manager Gooch, às cinco da manhã: "Jimmy (*Chamberlin, baterista*) overdosou. Jonathan (*Melvoin, tecladista*) está morto." A morte já tinha passado de raspão pela dupla. Em Lisboa, Jonathan e Jimmy foram encontrados desacordados. "Tomaram adrenalina no coração, igualzinho a *Pulp Fiction*. Na época eu disse para Jonathan: 'Você está demitido. Mas continua com a gente até o fim da turnê, senão quem fica na roubada somos nós'", lembra Billy, quase sem culpas...

Um chute no banquinho, um violão...

Supla agora vai de bossa furiosa

Sem abandonar a banda punk-metal Psycho 69, Supla tem caído na bossa por conta de um novo projeto que desenvolve com o ex-Tokyo Marcelo Zarvos: Supla Z. "Eu no violão e ele nos teclados. Os acordes são de bossa-nova tradicional, mas a gente toca de um jeito totalmente diferente", explica o cantor. O público do Supla Z, que recentemente se apresentou no CBGBs, em Nova York, é o que nosso João Gilberto Rotten chama de uma legião de "loucos sweet". Para o banquinho, ele diz que descobriu uma nova utilidade: "Eu chuto o bicho!"

PROMOÇÃO

Um pulinho em Paris

Exausta e constantemente gripada, Dolores O'Riordan recebeu uma licença médica e os cranberries deram um tempo na excursão pelos EUA. Mas você ainda tem chance de ir a Paris com tudo pago para conferir ao vivo um show do cranberries – no dia 13 de novembro. Para ganhar você deve ter mais de 18 anos e escrever dez linhas contando porque gosta tanto de cranberries.

SHOWBIZZ/AZEDINHA: Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo, SP. Escreva nome, idade e se é assinante.

Esta é barbada!

Depois de TEN, V.S., VITOLOGY agora chegou NO CODE o novo álbum do PEARL JAM, incluindo os hits "Who You Are" "Smile" e "Mankind". Já nas lojas em CD.

epic

PEARL JAM NO CODE

Sony Music

Dizzes

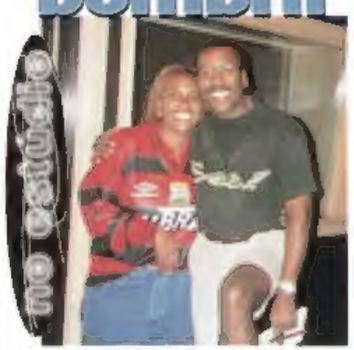
abacaxi com estilo

Johnny Marr e Bernard Sumner recebem SHOWBIZZ em Nova York comendo abacaxi. São informados de que, segundo um estudo da Universidade da Virgínia, os consumidores desta fruta têm mais desejo, porque o abacaxi estimula a glândula responsável pelo apetite sexual. "Uau, onde você leu isto?", quer saber Marr, ex-guitarrista dos Smiths, enchendo a mão com pedaços da fruta. "Você deve experimentar também, Bernard!" Sumner (ex-vocalista e guitarrista do New Order) e Marr, que juntos atendem pelo nome de Electronic, tratam de divulgar seu segundo álbum, *Raise The Pressure*, na sede da Warner, em Manhattan. O primeiro, de 1991, tinha Neil Tennant, dos Pet Shop Boys. O atual foi quase todo composto com o tecladista Karl Bartos, do Kraftwerk. "A idéia é ter sempre convidados", explica Sumner.

Perguntado sobre as bandas da Europa que dão certo nos EUA, Marr quer saber: "Qual?" "cranberries?", arrisca o repórter. "Brincou, né? Como alguém pode se apresentar usando blusers cor de laranja e roxo?", zomba o guitarrista, antes de se atracar com o abacaxi. Pode se dizer muita coisa ruim sobre os anos 80, mas o povo daquela década sempre teve estilo.

Bernard Sumner (de casaco amarelo-abacaxi) e Johnny Marr: volta com estilo

negão bombril



Sandra de Sá com Nathan East: polindo

O baixista Nathan East (da banda de Eric Clapton) deixou Sandra de Sá e o pessoal do estúdio Castle Oaks, em LA, estupefatos com seus truques de cartas. Mas mágica mesmo ele faz em "Ecânico" – um funk arrebatador de Carlinhos Brown – e em outras faixas do novo LP de Sandra, *A Lua Sabe Que Sou Eu*. O álbum tem inédita de Herbert Vianna, uma versão de Ronaldo Bastos para "Waterfalls", do TLC, e até "Telefone", da Gang 90. O produtor Guto Graça Mello resume o negócio: "Era preciso passar um bombril na carreira dela."

SÓ O QUE FALTAVA

Debbie Harry volta para alegrar

Se todas as bandas podem voltar, por que não o delicioso Blondie? Com o que sobrou de Debbie Harry e o que sobrou da banda, o sexteto nova-iorquino está de volta para reviver sucessos como "Atomic", "Call Me" e "Presence Dear". Além de uma turnê de reunião, vai rolar uma coletânea especial. Queremos no Brasil!

abóboras na urna

Presidents armaram uma manobra eleitoreira para promover seu disco

The Presidents of the USA estão de olho em mais um mandato: eles lançam seu segundo álbum no dia das eleições americanas, 5 de novembro. O CD, que leva o preguiçoso título *II*, segue o pique barulho-e-abobrinha do primeiro, com faixas cujos nomes prometem: "Puffy Little Shoes" ("Pantufinhas"), "X-Mas Jingle" ("Jingle de Natal") e "Hillbilly Drummer Girl" ("Batera Caipira"). As letras sacaneiam seriados de TV e alfinetam colegas como Mark Arm, do Mudhoney. No espírito discurso-à-nação, *II* abre e fecha com "Ladies And Gentlemen", uma porrada capaz de convencer qualquer indeciso. (André Gordirro)

Não é para esportistas, é para fanáticos.

OLYMPIKUS®

CHRIS CRISTO

"O público de shows nos EUA hoje em dia é um verdadeiro *alien*", reclama Chris Robinson, líder dos Black Crowes. No começo de agosto, a banda bateu um recorde: depois de um show foram recolhidas dez toneladas de entulho de aço só em latinhas de cerveja. "Isso deixa a gente emputecido. Odeio esta merda de gente surfando, apanhando e jogando latinhas. Essa turma vê o Pearl Jam na MTV e pensa que é tudo doidão igual."

O novo e elogiado CD dos Black Crowes, Three Snakes And One Charm, inclui um rock-gospel chamado "Good Friday" (Sexta-Feira Santa). Perguntado sobre sua semelhança física com Jesus Cristo, Chris (que recebeu SHOWBIZZ numa suíte do cinco estrelas Four Seasons, em NY, descalço e com as unhas do dedão sujas) fica incomodado: "Isso é besteira. Jesus Cristo não era um cara de olhos azuis. Foi representado assim por racismo." (Marcelo Bernardes)

Chris Robinson é religiosamente correto

túnel do tempo

Phil Collins pré-Genesis, ainda com cabelo. E agora, a bordo do novo disco *Dance Into The Light*, que gravou sozinho em sua casa na Suíça. Co-produzido por Hugh Padgham (Police, Genesis), o álbum tem os metais rhythm & blues que marcaram seus primeiros discos solo – e também influências de música africana. "Eu não ouço Paul Simon. Meu referencial está mais para Youssou N'Dour", despista Phil. Ele havia quebrado o pulso (sem sentir) durante a última turnê, mas fez uma volta dramática à bateria. "O médico disse que o ossinho está morto, mas que, se fosse retirá-lo, não garantia a recuperação dos movimentos. Eu tocava e doía pacas, mas consegui: tem bateria no disco todinho."

RETNA

"Se rock'n'roll fosse rebeldia pra valer, ao invés de comprar belas casas e carrões, os astros estariam distribuindo por aí o dinheiro que ganham"

Peter Buck, guitarrista do R.E.M., que tem uma bela casa em Seattle e outra no Hawaii, depois que seu grupo assinou um contrato de 80 milhões de dólares por cinco discos

RETNA

2Pac trombou com a violência que glamourizava

sem surpresa

2Pac Shakur transformou-se no personagem de suas letras: o de rapper metido a fodão que desafia tudo e a todos e morre crivado de balas. Na sexta-feira 13 de setembro, 2Pac morreu aos 25 anos num hospital em Las Vegas, depois de ser vítima de uma emboscada. Voltava da luta de Mike Tyson contra Bruce Seldon, quando seu carro foi abordado por uma gangue rival. A polícia ofereceu apenas mil dólares de recompensa por informações.

2Pac veio ao mundo para criar confusão. Era um dos ícones do gangsta rap. Seu mais recente álbum, *All Eyez On Me* – lançado no Brasil – vendeu 14 milhões de cópias. Acusado de abuso sexual, 2Pac chegou a puxar cana e, em dezembro de 1994, tinha sobrevivido milagrosamente a um atentado – levou quatro tiros de uns desconhecidos no meio da rua. Numa entrevista recente à revista *Vibe*, 2Pac havia dito que não iria durar muito. Não durou.

1 Ligou o CD.
2 Virou video game.
3 Seu pai entra e vê você estudando.
CLICK – ISSO
Entendeu agora o que é multimídia?
ViERCi COMPUTADORES
Ligue agora para: 0800 15 5125

1 ano DE SHOWBIZZ

Desde que ganhou seu novo nome, SHOWBIZZ vem se esforçando para mostrar lados inusitados e diferentes dos ídolos da mússica no Brasil e no mundo. Se você acompanhou, muito obrigado, pode ter certeza de que estamos trabalhando para fazer uma revista cada vez mais completa, inteligente e irreverente. Se não acompanhou, sente só um pouco do que rolou aqui em entrevistas e conversas pra lá de informais...

"Se eu pudesse, ficava o dia inteiro jogando bola no meu bairro"

Dinho, do Mamonas (Dezembro/95)

"Eu queria dar um chute no saco do cantor do Live. O cara do Smashing Pumpkins também merece uma porrada"

Billy Joe, do Green Day (Dezembro/95)

"Minha iniciação sexual foi num cabaré em Fortaleza. Eu tinha dez anos, a gente escolhia uma mulher que fosse boa e fazia fila, ia todo mundo na mesma"

Falcão (Dezembro/95)

"O reggae é uma alternativa para a diluição do rock. Virou zona, todo mundo se apropriou do estilo roqueiro. Pô, tem guitarra distorcida até em disco da Xuxa!"

Samuel Rosa, do Skank (Dezembro/95)

"As mulheres vêm ao camarim e me dizem: 'Nelson, você está inteiraço'. E me apertam. Rapaz, fico louco! Levo para o motel"

Nelson Gonçalves (Março/96)

"A sem-vergonhice acabou; fora o Digão, quem ainda não tá casado tá namorando sério" Rodolfo, do Raimundos (Maio/96)

"Morrer é uma coisa boa"

Dolores O'Riordan, vocalista do cranberries (Maio/96)

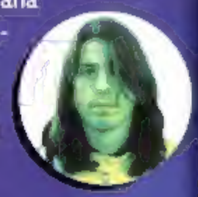
"O público está sufocado com o radicalismo que sempre imperou no meio do metal. O heavy metal é uma merda" James Hetfield, vocalista do Metallica (Maio/96)

"Acho que tenho ritmo, sabe? Só não tenho voz..."

Tiririca (Junho/96)

"Tive problemas com as drogas. Não consegui achá-las!"

Ron Wood, guitarrista dos Rolling Stones (Julho/96)



"Não acho que o Nirvana merecesse tanto reconhecimento"

Dave Grohl, hoje líder do Foo Fighters (Agosto/96)

SURF MUSIC DE ALTA PRESSÃO

OS OSTRAS

CO2 Gráficos

Um lançamento EXCELENTE Discos
Em CD e K7
Venda e Distribuição: PolyGram

CONTATO PARA SHOWS:
RONALDO DEJA
(011)208 1821 OU 982 2662

OUTROS LANÇAMENTOS EXCELENTES

Maria do Relento
Maria do Relento

Blues Etílicos
Dente de Ouro

mundo livre s/a
guentando a ôia

Magnéticoss
La kukaratcha wave music

Mande os seus Zines e Demos. Escreva para Excelente Discos. Caixa Postal 64511 – CEP 05497-970 – São Paulo

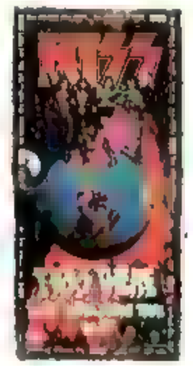
REPÓRTER BIZZ

por ROBERT HALFOUN, de Miami

KISS DE CARA LIMPA

Longe das drogas e da bebida, o quarteto tira a máscara e assume que seu único vício é o rock'n'roll

Paul Stanley está no camarim do Miami Arena e dá os retoques finais na maquiagem. A base branca e a estrela que cobre o seu olho direito já estão prontas. Só falta o batom, vermelho como um beijo. "Não é fácil, mas todos nós preferimos fazer nossas próprias máscaras. É mais ou menos uma hora pra botar e outra para tirar", revela o guitarrista, entre potes de cosméticos comuns da Max Factor. Gene Simmons, o baixista linguarudo, interfere: "A minha maquiagem demora um pouco mais. Tem muito preto, que é mais difícil de limpar."



Desde que o Kiss voltou aos palcos com as máscaras e a formação original, incluindo o guitarrista Ace Frehley e o baterista Peter Criss, num show em Detroit, dia 28 de junho, esta é a 54ª vez que o ritual na frente do espelho se repete. O grupo está na estrada detonando a turnê *You Wanted The Best, You Got The Best*, tocando quase todos os dias. Paul, 44 anos, Gene, 47, Ace, 45 e Peter, 49, apesar da idade estão com gás e apetite de garotos, a exemplo do início da carreira em 1973. A fórmula do rejuvenescimento veio depois que os quatro cavaleiros se reuniram, em agosto do ano passado, para gravar o MTV Unplugged, só com velhos sucessos em versão acústica. "Estávamos no palco, nos olhávamos nos olhos e sentíamos que a química estava de volta. O retorno ao palco foi só uma consequência. Desde que nos separamos, sabíamos que essa reunião iria acontecer", lembra Ace. "Ver o Peter sentado atrás da bateria, feliz e empolgado como se tivesse 15 anos de idade é maravilhoso", empolga-se Gene.

Já totalmente fantasiados, altíssimos por causa das botas com saltos gigantescos (a figura de Gene, que sem a plataforma tem aproximadamente 1,90 metro, é aterrorizante), os mascarados se dão as mãos, ficam em silêncio e fazem uma espécie de corrente pra frente antes de sair do camarim. A fisionomia de cada um muda ainda mais, eles ganham um ar poderoso e é fácil perceber que, agora sim, eles estão transformados. Peter quebra o silêncio: "Estamos unidos »

Ao lado, o Kiss em 1974 com as máscaras recém criadas. No centro da foto, Neil Bogart, o presidente da Casablanca Records, entra na onda. Abaixo, Gene e Paul no backstage

novamente, nos respeitamos e os shows voltaram a ser divertidos. "Uma diversão bem cara, diga-se de passagem... "Cada show custa centenas de milhares de dólares", diz Tim Rozner, o responsável pela montagem do circo, evitando revelar os valores exatos.

Para fazer o maior show da Terra o Kiss mobiliza quase 200 pessoas. Momentos antes do início do espetáculo, fora do conforto dos camarins com ar-condicionado e cheio de frutas tropicais, faz um calor do cão e o que se vê são inúmeros containers, cabos gigantes e gente correndo de um lado pra o outro, com a adrenalina no talo. No meio da confusão seguranças mal-encarados vigiam o passos de qualquer um, mesmo credenciado. **O estúdio fotográfico montado por SHOWBIZZ próximo a entrada do palco causa um certo mal estar no staff da banda. "Se vocês tirarem alguma outra foto, senão a combinada, estão mortos"** avisa visivelmente nervosa, a agente da gravadora.

Fotografia é palavra quase proibida na *entourage* do Kiss. Foto, só com o controle da banda e se os caras estiverem devidamente mascarados.

Como no passado, quando ninguém sabia como era o Kiss sem maquiagem, fotógrafos xeretas e integrantes do grupo à paisana voltam a ser inimigos mortais.

Durante a tarde, sem pintura e esparramado num sofá da suíte presidencial de um Golf Resort ao norte de Miami, Gene explica o porquê de, mais uma vez, estarem fazendo segredinho em relação à identidade. Afinal, desde que o grupo apareceu de cara lumpa na capa do álbum *Lick It Up*, de 1984, e no próprio *Unplugged* feito um ano atrás, o público já está cansado de saber quem é quem na real. "Resgatamos o clima do passado e

"Não voltamos por dinheiro. Mais dólares? Pra quê? Somos milionários, queremos é a emoção de tocar"

temos que respeitar a mágica que gira em torno do grupo. Os fãs gostam desse tipo de comportamento." A expectativa do público, aliás, é a grande preocupação da banda. No show, só são apresentadas as músicas lançadas com a formação original. E com as interpretações originais. "Não podemos mudar as canções. As pessoas esperam ouvi-las do jeito que elas as conhecem. Há grupos que simplesmente mudam os arranjos e tornam os sucessos irreconhecíveis. Isso é uma sacanagem! O público merece ter o que deseja. É por isso que ele paga." E como paga. Os altos preços das entradas para os shows do Kiss vêm causando polêmica nos EUA. Num país onde os ingressos de concertos de rock costumam custar entre 20 e 30 dólares, quem quiser sentir os respingos do sangue cuspido por Gene Simmons, paga 85 dólares por um lugar nas primeiras filas. "Os fãs querem o melhor e têm o melhor. Só que o melhor custa caro. **Montamos um circo preocupados com a diversão do público, não com o bolso deles. Deixamos essa tarefa para o Pearl Jam"**, justifica Paul. O público, pelo visto, concorda com ele. A galera que vem lotando os estádios por onde o Kiss passa não está mesmo preocupada com a grana. O grupo vem batendo recordes de vendas de ingressos e não pára de fazer datas extras. Em Chicago, 45 mil entradas foram vendidas em 45 minutos. Em Nova York, sua cidade natal, a banda fez quatro shows a mais do que o previsto. Fato inédito para a banda.

Contabilizando tudo isso, a volta do Kiss, além de divertida obviamente, é muito lucrativa também. Mas eles juram que não foi pelo dinheiro que resolveram se reunir. "Mais dólares? Pra quê? Somos milionários, temos o suficiente para comprar carros, mansões... Voltamos pela emoção de tocar e porque nossa vida é o rock'n'roll", defende Gene, ajeitando seu boné da *Playboy*. O mesmo,

aliás, que desfilou pela boate erótica Kilt, em São Paulo, quando esteve no Brasil, em 1994, para o Monsters Of Rock. "Boas garotas, muito boas...", lembra e tenta fugir do assunto percebendo que o repórter sabe das aventuras pouco familia que a banda passou por aqui. Paul disfarça: "Humm... jornalista brasileiro? Então vamos falar em português... Tudo bom?", brinca, arranhando um portunglês cheio de sotaque. **"Adoramos a paixão e o fogo dos brasileiros. O Brasil é um país muito especial para nós"**, completa.

Foi no Brasil, em junho de 1983, que o Kiss tocou para o maior público da sua carreira. Aproximadamente 250 mil pessoas lotaram o Maracanã e viram, sem saber, a última apresentação da banda usando máscaras. Antes da reunião, é claro. "Ninguém sabia que depois daquele show iríamos mudar tudo... Simplesmente aconteceu", conta Gene. "Tínhamos consciência de que estávamos próximos a dar uma reviravolta na carreira. Mas realmente não havia certeza de nada", continua Paul.

Naquela altura do campeonato, o guitarrista do Kiss era Vinnie Vincent, o baterista, Eric »

17 anos depois da dissolução da formação original, Ace, Gene, Paul e Peter (da esq. para a dir.) estão juntos novamente. "Temos egos enormes... Insuflados por dinheiro, mulheres, álcool e drogas ficamos insuportáveis."

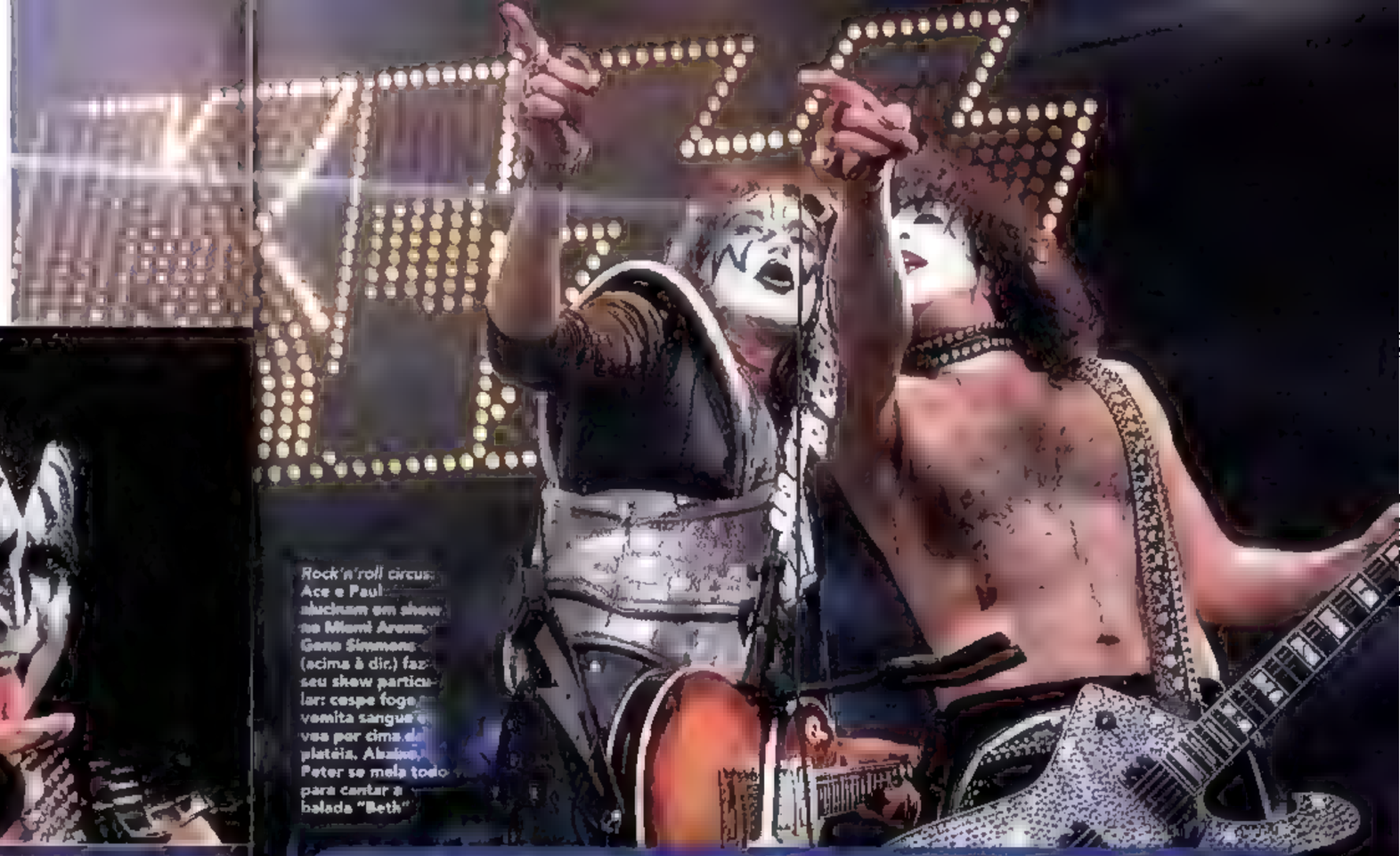
"A única concorrência para o Kiss é o próprio Kiss. Vamos ao Brasil em março de 97"

Carr e Ace Frehley e Peter Criss, depois de terem deixado o grupo em 1982 e 1980, respectivamente, sequer falavam com Paul e Gene. "É, realmente tivemos sérios problemas de relacionamento. Todos nós temos egos enormes... Inflados por dinheiro, álcool, mulheres e drogas, ficamos insuportáveis. Só nos víamos na hora dos shows e nem nos falávamos direito", revela Ace, num discurso pausado, quase bobo, deixando claras as sequelas do uso excessivo de drogas. Com a pele toda enrugada, cabelo ralo e tremeliques nas mãos, o guitarrista lembra Keith Richards, dos Rolling Stones, em termos de detonação. "Sei que Paul e Gene ficaram muito chateados quando eu deixei o grupo. Mas eu não aguentava mais aquilo tudo, precisava respirar", desabafa. "Sempre fomos como uma família, tinha dias que nos odiávamos, mas era temporário. Num determinado momento, as discussões estavam ficando pesadas demais. Eram questões pessoais, sabe?", interfere Peter. Hoje, eles concordam que o tempo foi o remédio para os mal-entendidos. E procuram manter os ânimos sob controle fazendo semanalmente uma espécie de terapia de grupo. "Durante os ensaios para esta turnê e ainda agora, nos reunimos para falar de como estamos nos sentindo. Assim, nos mantermos unidos", revela Gene.

Quanto ao futuro do grupo, Paul Stanley escapa da pergunta. "Não posso te adiantar nada. Fizemos algumas músicas novas, mas não temos planos de lançá-las. O que interessa mesmo é a turnê que vai até 97. Queremos rodar o mundo todo e devemos passar pelo Brasil no ano que vem, provavelmente em março." Gene assume: "Queremos estar em forma. Fazemos o maior show da Terra e precisamos estar cada vez melhores. Afinal, a única concorrência para o Kiss é o próprio Kiss."

De volta ao Miami Arena, o Kiss já está no palco e, mal começou o show, o público está em êxtase total com o circo de tecnologia, o rock simples e direto e o carisma contagiante da banda. Alucinada, a multidão recebe o grupo aos gritos incontidos de "We love Kiss, we love Kiss..." É.. o linguarudo tinha razão.

Fotos Arq. Diário/Reuters



Rock'n'roll circus: Ace e Paul alucinam em show no Miami Arena. Gene Simmons (acima à dir.) faz seu show particular: cospe fogo, vomita sangue e voa por cima da platéia. Abaixo, Peter se mela todo para cantar a balada "Beth"

O MAIOR SHOW DA TERRA

Pirotecnia pesada, mascarados com roupas brilhantes em frenesi, parede de amplificadores que levita, guitarra que dá tiros, homem-morcego que cospe fogo, vomita sangue e voa sob da platéia. Senhoras e senhores, o espetáculo vai começar... "Deuce" abre o show. O luminoso que traz o nome da banda pisca freneticamente. O palco, literalmente, pega fogo. A luz é tanta que é difícil manter os olhos abertos. Sem pausa, "King Of The NTW", vem na seqüência e a parede de amplificadores é erguida como num truque de ilusionismo. "Do Ya Love Me", "Calling Dr. Love", "Cold Gin", "Watchin You"... O telão de altíssima definição mostra tudo nos mínimos detalhes. "Firehouse", e a guitarra de Ace se inflama, sem que ele pare de tocar. Depois da tiros. Gene Simmons carrega uma tocha, cospe fogo e a temperatura sobe ainda mais no Miami Arena. "Não há perigo nenhum para a platéia. Está tudo sob controle", garante Tim Rozner, o maestro dos efeitos especiais. "Qualquer problema e eu cancelo o show", avisa. Mais explosões em "I Stole Your Love", "Shock Me", "Let Me Go Rock'N'Roll", "Shout It Out", "Strutter" e, finalmente, Gene entra em convulsão, vomita sangue e levanta vôo, durante "God Of Thunder". "New York Groove" vira "Miami Groove", "Love Gun" "100 000 Years" e, ao final de "Black Diamond", os integrantes do Kiss sobem em plataformas com braços gigantes que os levam até o meio do público. A platéia com gente na maioria entre 20 e 30 anos alucina. "Vocês pediram pelo melhor e aqui está o melhor. Está valendo o dinheiro que vocês pagaram?", provoca Paul Stanley. "Detroit Rock City" devolve, com juros, o caramunguá deixado na bilheteria. Peter Criss deixa a bateria e se mela todo cantando a balada "Beth". A banda ataca "Rock'N'Roll All Nite". Nocaute. Chove confete e serpentina, o palco pega fogo mais uma vez e o que já era festa vira carnaval. Joãozinho Trinta é brincadeira de criança

quase livre para voar

Mais um disco e chega: cansado da vida pop, LULU SANTOS parte para outras viagens

por VALÉRIO CAMPOS fotos VERÔNICA PEIXOTO

Quando tinha sete anos e estudava num colégio de padres, Lulu Santos respondeu assim ao religioso que lhe indagou o que ia ser quando crescesse: "Quero ser artista de cinema". Anos depois, em "De Repente, California", cantava "Vou ser artista de cinema, o meu destino é ser star". Agora, 43 anos completados em maio (embora adore dizer que tem 44), Lulu jura que cansou de ser star: quer gravar o último disco do contrato com a BMG, depois fazer um acústico com os grandes sucessos e então dar um tempo. Adivinhe o que ele quer fazer... "Ser artista de cinema, é claro. Que nem o Marcello Mastroianni", responde.

Enquanto isso não acontece, ele se prepara para, mais uma vez, percorrer o Brasil divulgando o novo disco *Anti Ciclone Tropical*.

"É um disco carioca", vai logo esclarecendo Lulu. Anti ciclone tropical é um fenômeno metereológico comum no inverno do Rio e tem a ver com as frentes frias que chegam do Pólo Sul. "Nada se compara ao inverno do Rio, com dias ensolarados e noites fresquinhas", suspira. "Sou devoto do mar e da Pedra da Gávea", acrescenta,

revelando que, inicialmente, o disco ia se chamar Joatinga — nome de uma das mais belas praias cariocas.

A esta altura, depois de ter demonstrado vocação para modelo, posando com estilo para as fotos no heliponto de um dos mais altos prédios de Botafogo, Lulu Santos começa a atacar seu mais novo alvo: o domínio do mundo pelos homens. **"Estou cansado da idéia masculina, do excesso de testosterona." Foi esse cansaço, confessa, que o levou a escrever, em "Quero Minha Mãe", versos como "Pede a ela (Diana Caçadora) um antídoto/Neutralizar toda essa cafajestada".**

E foi o declarado amor pela disco music que ele pôs em prática em *Anti Ciclone Tropical*. Faixas como "Cadê Você?" e "Vai Entender" contam com orquestra, cordas e metais regidos, nos Estados Unidos, por Vincent Montana Jr. (papa do Philadelphia Sound que mandou nas pistas americanas durante os anos 70). "Não é uma beleza?", derrama-se Lulu, aproveitando para voltar ao ataque ao mundo masculino e defender mais uma tese. "A disco foi transformada em bode expiatório nos anos 80, quando todo mundo falava mal dela, porque é gay e celebra o prazer. O mundo dominado pela testosterona não podia suportar isso."

Ele está tão satisfeito com o novo álbum que ainda não consegue nem imaginar como será o próximo, o último do atual contrato com BMG. Mas sabe direitinho o que quer depois: "Trabalhar em escala menor. Gravar em casa só o que eu quiser, sem compromisso além do artístico. Se tiver saudade da vida que levo hoje, volto e canto alguns sucessos. Acho que dá, não dá?"

É claro que dá. O sonho de Lulu é a liberdade: "Quero tanto poder gravar um disco só de samba como formar um power trio.»»

Lulu quer ser ator, gravar sambas da antiga e fazer o que der na telha

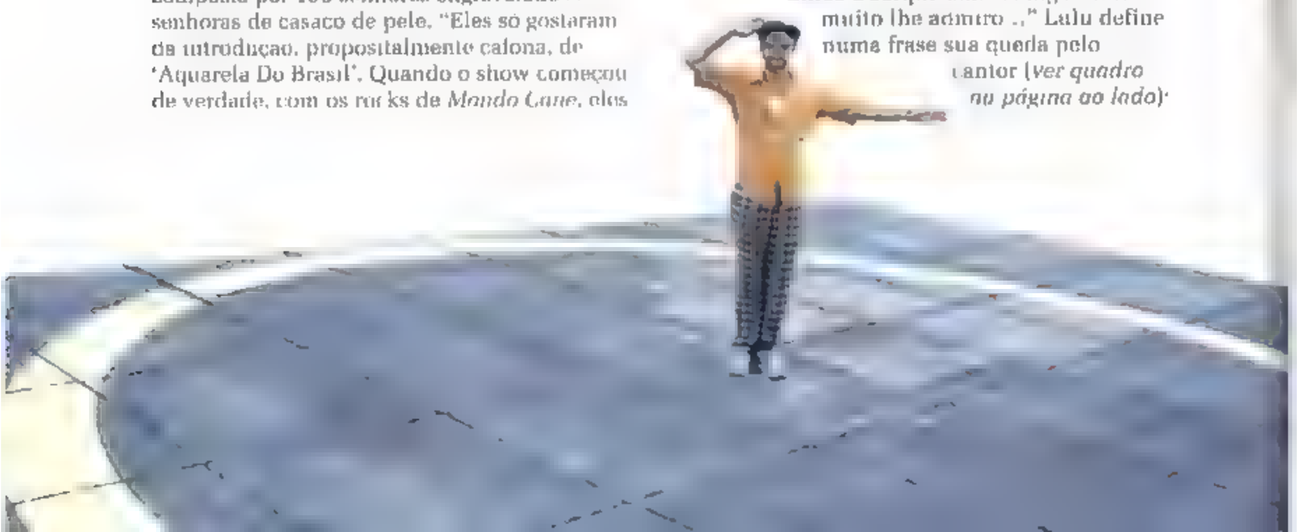
Los Gusanos, e sair por aí tocando rock pesado."

O que o espanta é o fato de muita gente ter se surpreendido com sua gravação de "Pipoca À Meia-Noite", um samba de Jorge Mautner (afinal, Lulu tem no currículo um disco chamado *Popsambalanço & Outras Levadas*). Por trás de sua aproximação maior com o gênero está justamente o mais constante parceiro de Mautner, Nelson Jacobina. Foi com ele que Lulu "estudou" samba, nos últimos anos. "O Nelson chega lá em casa e mostra dois sambas maravilhosos. Aí ele vai contando a História do Brasil, Floriano, Getulio, essas coisas. E sempre me pede para gravar algumas dessas músicas, para que elas não se percam no tempo."

Atualmente, o estudante Lulu anda mais interessado na história, especialmente a dos maias mexicanos — não é à toa que, nos agradecimentos do disco, cita o subcomandante Marcos e seu Exército Zapatista. O interesse pelo mundo hispânico começou quando, aos 39 anos, Lulu vivia intensamente a crise dos 40 (afinal, ele sempre aumenta a idade). Foi fazer um show na Expo-92, em Sevilha, cidade-sede das comemorações, na Espanha, dos 500 anos da Descoberta da América. A plateia era composta por 150 senhores engravatados e senhoras de casaco de pele. "Eles só gostaram da introdução, propositalmente calona, de 'Aquarela Do Brasil'. Quando o show começou de verdade, com os rocks de *Mondo Cane*, eles foram indo embora. No fim, só ficaram quatro mulatas que trabalhavam no estande do Brasil." Lulu fez o show só para elas, até o fim, mas viu que era hora de pensar na vida.

Leu, então, no caderno de turismo de um jornal, que estava para se realizar em Cuzco, no Peru, o Festival do Sol, antiga cerimônia inca. Foi, viu e adorou. **"Foi uma surpresa me ver em Machu Pichu, logo eu, que ia a Nova York como quem vai à Disneylândia, com orelha de Mickey e tudo."** Passou a estudar a história dos incas, mas se decepcionou ao constatar que eram militaristas. Foi assim que chegou — e parou — nos maias, a mais avançada civilização pré-colombiana do México. Daí para o subcomandante Marcos foi um passo. No momento, Lulu está lendo *A Verdadeira História Da Descoberta E Conquista Do Mexico*, escrito em 1560 pelo espanhol Bernal Diaz de Castilho, que estava lá. E pensa até em lançar discos em castelhano. Não seria a primeira iniciativa nesse sentido: "A versão de 'Como Uma Onda' foi um sucesso na Argentina", orgulha-se.

Mas não raciocinemos assim: Lulu grava o disco que falta para a BMG, faz o acústico com os maiores sucessos e para. O que vem depois? **"Uma possibilidade é gravar de vez em quando, mas só o que e quando tiver vontade. Poderia ser uma delícia gravar só sambas, por exemplo."** Mas que sambas seriam esses? Certamente, um seria "Cachorro Vagabundo", de Claudionor Cruz e Pedro Caetano. Lulu canta um trecho: "Gosto de cachorro vagabundo / Que anda sozinho no mundo /Sem coleira e sem patrão..." Ele se orgulha de, "com mais uns dez gatos pingados", ter assistido, no Rio, a um show de Claudionor. Mas o sambista preferido de Lulu Santos é, sem dúvida, Ciro Monteiro, o "Formigão" homenageado por Chico Buarque em "Amigo Ciro, muito lhe admiro ..." Lulu define numa frase sua queda pelo cantor (*ver quadro na página ao lado*):



"Pop, de verdade, é Ciro Monteiro."

Contudo, não é música que tira Lulu de casa. Ele não troca por um show qualquer filme de cineastas como Martin Scorsese. "Robert de Niro está espetacular em *Cassino*, não é mesmo?", comenta. Gosta de De Niro quase tanto como de Mastroianni, mas o italiano é inigualável: "Além do ator maravilhoso que é, ele também disse uma frase sensacional: 'Fazer cinema é a arte de esperar'." Lulu viveu isso na pele, recentemente, ao estrear no cinema em *O Que É Isso, Companheiro?*, o filme de Bruno Barreto baseado no best-seller de Fernando Gabeira. Ele interpreta um PM, o sargento Etras, que recebe o telefonema de uma dona de casa (vivida por Fernanda Montenegro) relatando o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick.

"Imagina estar no mesmo filme da Fernanda... Ela é tão maravilhosa que todo ano me manda cartão de aniversário", diz Lulu. Não tem como esconder que ele gosta mesmo é de mulher. Se o assunto é música brasileira, as preferências recaem sobre Cássia Eller e Marisa Monte, que gravou o velho hit "Tempos Modernos": "Marisa é poderosíssima. Além de cantar divinamente controla um exército de homens que a serve", baba Lulu, aproveitando para criticar outra vez a ditocracia.

Mas, afinal, o que Lulu quer realmente da vida? A resposta, diz ele, está em "Boca A Boca", a faixa seis de *Anti Ciclone Tropical*:

Meu sonho sempre foi tocar num conjunto/
De pop-samba-balanço e soul/ Falar bobagem sobre qualquer assunto/ E fazer música como quem marca um gol".

Goooool de Lulu Santos!

"Pop é o Ciro Monteiro!"

Nascido no Rocha, mas criado informalmente no Catete, no Rio, Ciro Monteiro (1913/1973) foi um dos maiores, senão o maior cantor de samba do Brasil. Amado e admirado por Vinicius de Moraes, Chico Buarque e outros bambas, ele estourou em 1937 com "Se Acaso Você Chegasse", de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins, depois de muito ralar pelas rádios cariocas. Ficou consagrado anos mais tarde com sua interpretação definitiva de "Falsa Baiana", de Geraldo Pereira, cujos sambas sincopados encontraram no Formigão a mais maneirosa divisão possível.

O MELHOR DE TI PARA ASSISTIR NAS MÃOS

DIET VIBRATIONS

Inner Circle encara um regime brabo e solta disco sem a gordura das louvações a Jah

Roger e Ian Lewis são dois homens preocupados com o excesso de peso. De líderes do Inner Circle eles se transformaram na versão rasta de Sherman Klump – o personagem de Eddie Murphy em *O Professor Aloprado*. Deram um basta em comidas entupidas de calorias e encaram sessões de malhação.

Pura vaidade? Não, esse pecado capital passa longe da mentalidade rasta dos caras. O que importa é a saúde. "Roger estava se achando muito pesado", entrega Ian Lewis. "Ele está fazendo regime e corre todos os dias." Ian é solidário ao sofrimento do irmão: joga tênis.

A situação de Calton Coffie, ex-vocalista da banda, é outro incentivo aos Lewis na batalha contra as gordurinhas. O bom de garfo Coffie abandonou o Inner Circle por causa de sérios problemas estomacais. "Nenhum médico conseguiu descobrir o que havia de mal com Calton. Ele teve de sair da banda para se tratar e agora planeja algo solo", conta Ian.

O novo vocalista da banda, Kris Bentley: magrelo [illegible] por novo estilo do Inner Circle

O Inner Circle também está de disco novo, *Da Bomb*. E tudo que os manos Lewis queriam ser fisicamente: não tem as gorduras provocadas pelo excesso de Jah Rastafari. Um dos destaques é o resgate de "Book Of Rules", do grupo vocal The Heptones.

"Queríamos mostrar a beleza da canção para a nova geração", diz Ian. "A letra ainda é atual: esse mundo é tão povoado de inveja e maldade, que nós temos de nos guiar pela *Bíblia* (o tal *Book Of Rules*)."

Da Bomb ainda tem outros encantos: a versão anos 90 de "Tell Me Something Good", racha-assoalho de Rufus & Chaka Khan – "o refrão é o mesmo, mas a letra está voltada para os dias de hoje", comenta Ian –, e batidas próximas ao reggae eletrônico que manda na Jamaica. Méritos do novo cantor, Kris Bentley, que também dá suas *rapeadas* pelo álbum.

O disco devia ser lançado em Atlanta, durante as Olimpíadas. Bem na noite em que uma bomba – ô coincidência *maligrina*! – estraçalhou o Centro Turístico da cidade. "Eu nasci de novo", desabafa.

Ian prefere mesmo falar do Brasil. "É o único local do mundo onde eu não me sinto um estranho", regozija. "Um dia, vou levar meus filhos a [illegible]. Tadinhos, eles pensam que o Brasil tem apenas Pelé." Mas é só falar do imenso fã-clube feminino do Inner Circle para Ian ficar invocado. "Elas são apenas amigas do Inner Circle", brada. "O reggae não desrespeita o público." A devoção do Inner Circle pelo público brasileiro rendeu até música em *Da Bomb*. É "Senoritas Love Da Reggae", cujo refrão foi vertido para o portunhol. "A versão foi feita pelo Miguel. Ele pertenceu a uma importante banda de rock brasileira", comenta. O tal Miguel era Maurício, ex-baixista do Ultraje A Rigor!

Em agosto o Inner Circle embarcaria para outra turnê. Mais uma daquelas que nem Jah sabe quando acaba. O novo rolê mundial estava marcado para começar no Japão. E se depender dos esforços dos manos Lewis, o Inner Circle acaba com as [illegible] Haile Selassie.

Os manos Ian e Roger Lewis malham diariamente e cortam as calorias: tudo em prol da boa forma do reggae jamaicano

Ouça no volume máximo, senão os vizinhos reclamam.

CD K7 EMI

A Tempestade, o novo álbum da Legião Urbana.

animaaal!

Eric Burdon sobrevive aos anos 60 sem perder o jeitão selvagem

por SÉRGIO MARTINS
foto JORGE ROSENBERG

Eric Burdon faz parte do clube seleto das lendas do rock. Como vocalista dos Animals, nos anos 60, emplacou clássicos do quilate de "House Of The Rising Sun" – todo vocalista de rock deveria cantar daquela maneira – e "Don't Let Me Be Misunderstood". Foi *brother* de Jimi Hendrix e patrão de um bando de negões sarados – Eric Burdon & War. Mas o cantor não tem nem um centésimo da fortuna e fama de Mick Jagger. Por quê? "Não sei fingir nem gosto de interferências em meu trabalho", diz Burdon, sorvendo um bom vinho no bar de um hotel paulistano. "O mundo do showbiz leva você à destruição. O baixista dos Animals (*Chas Chandler, descobridor de Jimi Hendrix que fez carreira como empresário de rock*) preferiu a fama e morreu há pouco; eu estou vivo. Precisa dizer mais?"

A música está na alma desse inglês de Newcastle. Graças ao vizinho. "Ele possuía uma loja de discos e importava muita coisa dos Estados Unidos. Ouvia Sonny Boy Williamson, Louis Armstrong, essas coisas." Mas não foi daí que Burdon desenvolveu aquela voz arrasa-quarteirão. "Acho que foi quando eu era criança e vendia carvão. Tinha de gritar para que a vizinhança notasse a minha existência."

Dessa época Burdon recorda com saudades seu encontro com Louis Armstrong. "Eu tinha onze anos. Louis veio dar um show na cidade e eu fiquei escondido atrás do palco, cantando todas as músicas dele. Até que um cara me viu e disse: '*Hey*, garoto, vou te levar para conhecer Louis Armstrong!' Foi emocionante vê-lo de perto, aquele rosto suado, os lábios estraçalhados de tanto tocar trompete." »

Eric Burdon sonha em gravar com percussionistas brasileiros

Jana Joplin foi a musa de "San Francisco Nights"

Jimi Hendrix era *brother* de Eric Burdon

Jim Morrison trocou umas "ombradas" com o animal

Eric formou o Animals ainda em Newcastle depois de ser recrutado como trombonista (!!). O grupo participou da British Invasion – febre de bandas inglesas que tomou os Estados Unidos de assalto em 1963 – e terminou suas atividades em 1966. Mas de vez em quando alguém desenterra seus clássicos.

O Santa Esmeralda camuflou "The House Of The Rising Sun" e "Don't Let Me Be Misunderstood" na era disco. "Gostei das versões. Tem muito motoqueiro que gosta de ouvir Santa Esmeralda", entrega Burdon. Mais recentemente, o Camisa De Vênus fez sua versão de "Don't Le Me Be...", com participação do próprio animal nos vocais.

Burdon também é famoso pelas amizades que arrebanhou. A maior delas foi Jimi Hendrix. "Eu morava em Los Angeles, no alto de uma colina. Eu e Jimi costumávamos tomar um ácido e ficarmos ali, nus, curtindo o pôr-do-sol", conta o inglês. "Para mim, 'And The Gods Made Love' (*do álbum* Eletric Ladyland, *do guitarrista*) nasceu de nossas viagens."

A morte de Hendrix traumatizou Burdon a ponto de o vocalista abandonar temporariamente o showbiz. Hendrix e o War *jammearam* até às seis da matina num boteco. Horas depois, o guitarrista estava morto. "Eu o vi morrer. Foi ali que percebi o quanto a fama era prejudicial." Outros anjos caídos passaram pela vida de Eric Burdon. Com Jim Morrison ele trocou "algumas ombradas"; Janis Joplin foi a inspiração para "San Francisco Nights". "Eu dava uns rolês com Janis em São Francisco. E numa dessas noites, havia uma brisa agradável, os policiais nos olhavam meio desconfiados... exatamente como coloquei na letra."

Hoje Eric superou os traumas e vícios dos anos 60; vive em Palm Beach, Califórnia, e possui duas Harley Davidson. Separado, tem uma filha – "ela passou por alguns probleminhas com drogas, mas está bem agora", diz – e dois netos.

Convites para a estrada não faltam. Retomou os Animals em 1983, trabalhou com o tecladista Brian Auger e até o meio deste ano cantava numa superbanda que, além dele, contava com o guitarrista Alvin Lee (do Ten Years After), o baixista Boz Burrel (Bad Company) e o baterista Aynsley Dunbar (ex-John Mayall). A turnê acabou e Burdon caiu na estrada de novo, com direito a um rolê brasileiro.

Eric Burdon já fez rhythm'n'blues, música psicodélica e funk. O que o homem pensa em fazer agora? "Um disco com percussionistas brasileiros. Quando estive no Brasil pela primeira vez, em 1994, uma garota subiu no palco e ficou tocando *cowbell*. Desde então, não consegui tirar o som daquele batuque da cabeça. E a danada da menina também (*risos*)!"

Livre dos vícios, Eric só quer saber de pilotar sua Harley Davidson

Com raiva & com amor

Dado Villa-Lobos ouviu e aprovou: no palco, o trio baiano Maria Bacana é uma porrada e está pronto para ganhar o Brasil

Miúdo ("1,65 metro, no máximo"), óculos, o rosto marcado pelas espinhas do fim da adolescência, uma franja esquisita cobrindo a testa (corte da barbearia do Boquinha, no Bonfim), o baiano André Mendes, vinte anos, fica possuído quando sobe num palco. Tira a camisa, rola pelo chão, morde as cordas da guitarra, se joga na platéia e, mais importante, canta com raiva e paixão. "O André acaba contagiando a gente", explicam o baixista Lelê Marins e o baterista Marcello Medeiros, que junto com ele formam o Maria Bacana.

Quem topa com esse trio soteropolitano ao vivo fica impressionado. Rafael Borges, empresário da Legião Urbana, exclamou depois de conferir: "Puxa, estou tocado!" E foi correndo chamar os meninos para seu *cast*. Wander Wildner, ex-Replicantes, confessou para eles após muito bater cabeça: "Faz anos que eu não sentia tamanha empolgação por uma banda." O editor de SHOWBIZZ os viu em ação na Expo Alternative, no Rio, e marcou entrevista para o dia seguinte.

Sobre a reação de Dado Villa-Lobos nem é necessário falar. O guitarrista é o padrinho da banda, que entrou com duas faixas na bela coletânea *Brasil Compacto*, de seu selo Rock It!, e já gravou um disco (ainda sem data de lançamento). "A gente veio da Bahia para o Rio no ônibus da Penha ouvindo Legião no walkman e foi direto encontrar com o Dado. Foi um baque", lembra André.

Tudo veio muito rápido para o Maria Bacana, formado há um ano e meio. Antes, André cantava em inglês, numa linha metal/punk próxima do Motorhead. A mudança para o português surgiu a partir da frustração com a falta de comunicação e – orgulho! – da leitura de SHOWBIZZ. Para as coisas começarem a acontecer, bastou uma demo custeada por Marcello, 23 anos, mais velho dos integrantes e único que trabalhava (num estúdio como técnico), chamar a atenção de Sérgio Espírito Santo, produtor de *Brasil Compacto*.

Agora a gente quer acontecer, não estamos nessa pra brincar. Não mesmo", brada André. Se depender do punk rock melodioso e com letras impregnadas de romantismo pós-adolescente, com tiradas bem sacadas ("às vezes a vida parece Coca-Cola sem gás") vai dar tudo certo para estes baianos "de classe média bem média".

"A gente é tranqüilo, mas sobe no palco, é pra fazer um show de f...!"

Apesar da cara de CDF, André largou os estudos aos 18 anos, ainda na primeira série do Segundo Grau. "Todo mundo acha que ele é um doido, mas o André nem sequer bebe. Somos todos tranquilos caseiros e caretas", avisa Lelê. "Agora subi no palco, é aquilo: 'Bora fazer um show de foder!' Porra, velho!", exalta-se André. As comparações com a Legião lhe "dão raiva". Com Green Day, "é pior ainda". "A gente ainda vai afirmar nossa individualidade!"

Aliás, conflitos coletivos e temática social passam longe das músicas que o rapaz compõe ao violão. A tônica romântica está em sintonia com o que ele e seus colegas esperam da vida. "Todo mundo aqui sonha em encontrar alguém e ficar junto pro resto da vida." Nada mais subversivo hoje em dia do que uma fé dessas no amor, não?

Em matéria de baianidade, o teor no Maria Bonita é baixo. No Carnaval, eles se escondem. Mas entre um Pixies e um Iron Maiden, André gosta de ouvir Caetano Veloso. Diz que "tem um respeito da porra por Carlinhos Brown" e que "mais cedo ou mais tarde vai bater o Caymmi" que seu pai escuta. Quando quebrar na praia dele, com certeza vai ser bonito.

Da esquerda para a direita: André (guitarra e voz), Lelê (baixo e vocais) e Marcello (bateria).

sai de baixo

por ROBERT HALFOUN

O Pearl Jam que se cuide... a molecada do SILVERCHAIR vem aí

Vender mais de três milhões de discos em um ano e se tornar rockstar aos 16 anos não mudou a vida de Daniel Johns, vocalista e guitarrista do Silverchair. "Rico, eu?! Você só pode estar brincando... Meus pais regulam a grana toda. Não tenho idade para isso. Rockstars costumam ser mais velhos do que eu. Pô, eu ainda sou um garoto que está na escola."

Instalado na casa dos pais em Newcastle, na Austrália, do outro lado do mundo, ele fala com SHOWBIZZ às oito da matina.

O moleque está com sono e responde às perguntas entre "uh-hus" típicos de adolescente. "Eu não costumo acordar tão cedo, nem pra ir à escola." Ao contrário do ano passado, Daniel agora não vai tão mal nos estudos. Mas evita falar no assunto. "É, as coisas vão indo bem...", diz, reticente. Definitivamente, matemática – a lógica também – não é mesmo o forte dele. Daniel diz que gosta mesmo é de tocar guitarra, de ouvir Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple e de passear na praia com a cachorra. "Ela é a garota mais bonita do mundo", brinca. Entre um rolê e outro, Daniel termina as gravações do próximo disco do Silverchair, que sai em fevereiro. Antes de chegar ao Brasil em novembro, vai mixar em Nova York e volta à Austrália para ensaiar o show que você vai ver dia 25 no Metropolitan, no Rio, e dia 26 no Olympia, em São Paulo.

Freakshow será o nome do segundo álbum do grupo e ele trata de explicar o título rapidinho. "Lembra dos freak shows que faziam nos anos 40? É como uma turnê do Silverchair. As pessoas ficam muito surpresas quando nos vêem tocando. Deixamos as cidades e a mídia fica um burburinho sobre o show. Esse é o nome perfeito para o álbum." Como se vê, o Silverchair está olhando o mundo com mais bom humor. O clima depressivo das letras de *Frogstomp*, lançado em 95, parece ter ficado para trás. "E, as músicas eram mesmo meio pra baixo. Agora elas melhoraram, mas também não estão festivas. Nossa letras são apenas rock'n'roll. Às vezes têm até uma veia negra", entrega revelando as influências óbvias de Black Sabbath, nome muito repetido durante a entrevista. **Os três garotos do Silverchair descobriram que o rock vai muito além de Seattle.** "Reconheço que tínhamos muito da cena grunge. Agora ouvimos coisas diferentes. As músicas de *Freakshow* têm uma linha melódica mais acentuada duas delas contam até com arranjo de cordas. Nunca fizemos canções tão diferentes. Acho que estamos crescendo." E como. Daniel agora tem 17 anos e já é quase um homenzinho. Empolgado, conta que tomou »

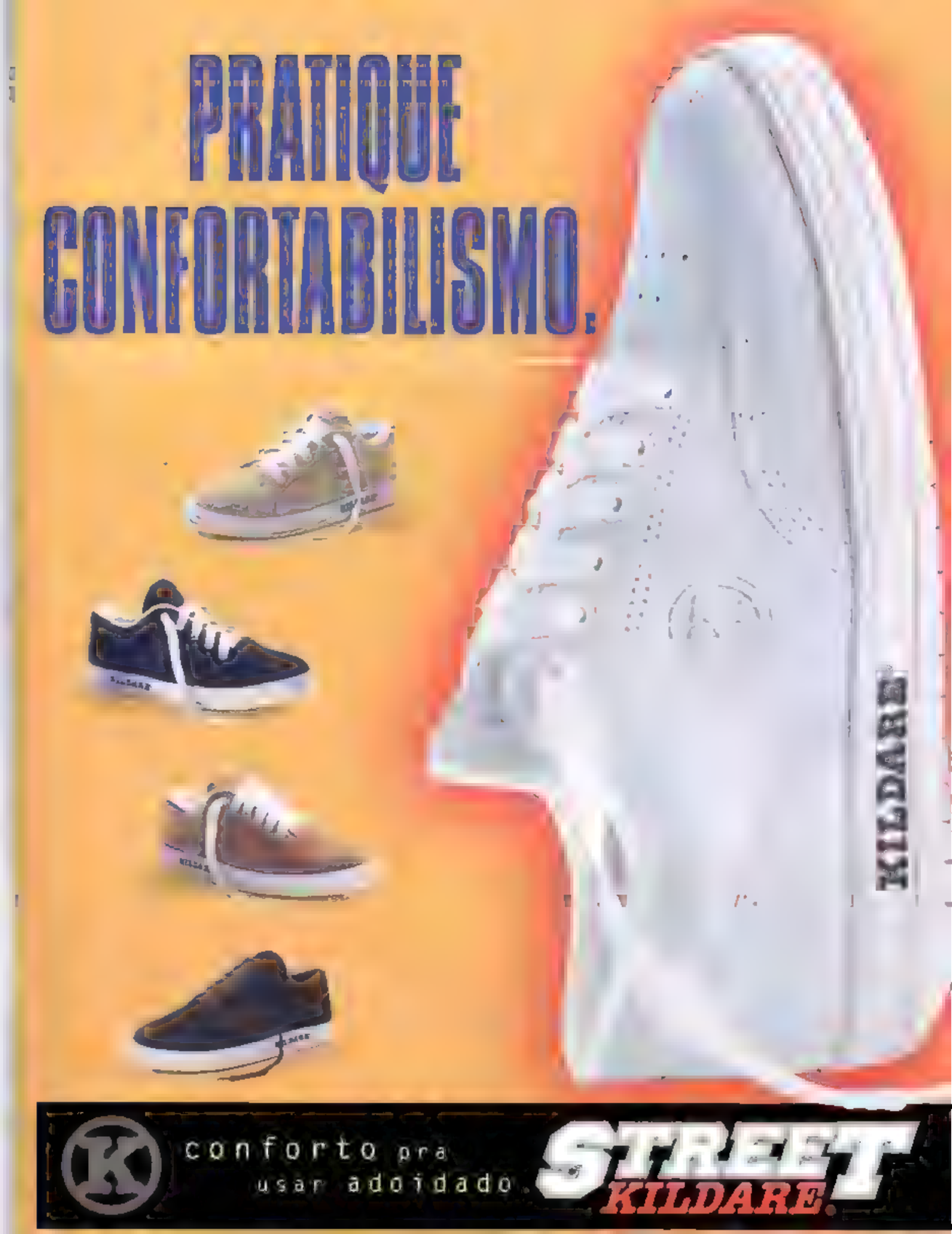
seu primeiro porre aos 14 anos. "Fui a uma festa determinado a ficar bêbado. Pô, tinha muita cerveja de graça! Tomei a primeira e não parei mais. Não tenho idéia do quanto bebi. Só sei que passei mal pra caramba", lembra. O pinguchinho só não teve ainda experiências com drogas. Não teve e nem quer saber de ter. "Não sabemos muita coisa sobre drogas. Mas sei que não é um lance legal para mim. Não tenho motivo para estapar da realidade. Acho que o maior problema das drogas é que as pessoas ficam tão chapadas e se decepcionam muito com o mundo quando voltam à real. Vê só o Kurt Cobain."

Kurt não é ídolo de Daniel. Ele ri quando é questionado a respeito. "Ah, não... Nirvana não é exatamente o som que gosto de ouvir. É legal quando toca no rádio, mas não vemos nada demais no som deles." Ídolo para Daniel Johns é Steve Albini, um dos grandes mitos do rock dito alternativo, ex-guitarrista do Big Black e o produtor (ele prefere o termo engenheiro de som) que quase transformou o som de *In Utero*, do Nirvana, num caos generalizado de ruídos. Depois de muita roupa suja entre Albini e Kurt, Scott Litt, produtor do R.E.M., acabou sendo chamado para dar uma limpada na fita original e criou o disco que você conhece.

Outra figura por quem Daniel baba grosso é Ozzy Osborne. "Pô, você já entrevistou o Ozzy? Como ele é? Parece muito velho?", pergunta ansioso. Depois de conseguir todas as respostas, Daniel resolve saber sobre o Brasil. "Não sei muito sobre o seu país... Mas [que] sabendo que tem bons garotos por aí", diz, com um risinho de Beavis. Garotas, Daniel? E o que você vai fazer com elas? "Aaah... A princípio, nós só vamos tocar." A curiosidade de Daniel pelas brasileiras é um súbito momento de descontração. Tímido durante toda a conversa, o moleque treme a voz toda vez que se fala em namoradas. "O Chris *(o baixista Chris Joannou)* é que tem uma. Ela acompanha a banda e fica todo mundo de olho nela. Eu não sou tão assediado assim, gostaria de ser mais um pouco até. Essa história de garotas gritando na frente do palco é coisa da imprensa."

Quanto ao velho papo de ser chamado pelos jornalistas de "Pearl Jam mirim", Daniel não liga mais. Até admite que deu uma chupadinha no som da banda. "Nos realmente parecíamos o Pearl Jam em algumas coisas. Hoje, embora continuemos achando que eles são uma grande banda, não os ouvimos mais." E vai mais longe: "Para fazer música é preciso inspiração. E eles nunca foram a nossa inspiração para tocar", revela. Segura essa, Eddie Vedder!

Homenzinho de 84 centímetros no programa do Faustão e broncadeira de criança. O Silverchair foi certinho buscar nos anos 30 e 40 as atrocidades que eram apresentadas em feiras e ganharam o nome de freak show. O melhor documento desse circo dos horrores é *Freaks*, filme do diretor Tod Browning (o mesmo de *Dracula*, com o ator Bela Lugosi). A fita rodada em 1932 é um clássico em que Browning utiliza atores com anormalidades reais num roteiro de ficção. Os melhores momentos são estrelados pela Mulher Galinha, o Hermafrodita, o Homem-Esqueleto, as Irmãs Siamesas e o Pinhead, um homem com o corpo largo, pescoço compridíssimo e cabeça em formato de alfinete.



por JOÃO WADY CURY

papai é pop

Em família, Arnaldo Antunes faz seu disco mais acessível para garantir o leite das crianças

O jovem Arnaldo nos vocais, a esposa Zaba Moreau nos teclados, um coro de crianças com os filhinhos Rosa e Celeste e uma música com arranjo de vovô Arnaldo. Produtiva, essa vida família de Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho, o bom e extitânico Arnaldo Antunes. Em seu terceiro trabalho solo – *O Silêncio* – o cantor está mais família do que nunca. Além de trabalhar com varias pessoas do clã Antunes, formou e manteve uma segunda família: a sua banda, que continua com os fiéis Edgar Scandurra (guitarra), Paulo Tatit (baixo) e Pedro Ito (bateria).

Mas se o corte do cabelo de Arnaldo é o mesmo, a família é a mesma e os músicos são os mesmos, será que as músicas do *Silêncio* saíram parecidas com as dos dois trabalhos anteriores (*Nome* e *Ninguém*)? Claro que não. Desta vez, Arnaldo Antunes experimentou bem menos. Você não ouvirá com tanta frequência aquele barulho típico dos aparelhos de UTI. Ou seja, nunca a sua música ficou tão próxima do que toca nas FMs. Não acredita? Pois então tome como exemplo a faixa de trabalho do disco: "O Poder". Feita a quatro mãos com o videomaker Tadeu Jung, e, que também assina o clip, em mais alguns dias deve invadir as FMs da vida.

E já que o negócio é tocar no rádio – afinal, seu disco custou 90 mil reais e precisa vender, e não ser estudado em universidades –, há duas fortes participações de heróis modernos. Chico Science faz os vocais com Arnaldo na mais titânica das músicas, "Inclassificável". Outro que *arnaldou* foi Carlinhos Brown que levou sua caixa de ferramentas sonora aos estúdios Mosh para colaborar em duas faixas: "O Silêncio" (também no vocais) e a segunda versão de "Desce". Isto mesmo, a música "Desce" tem duas versões, absolutamente diferentes e complementares. Trata-se de um ótimo exemplo de "marchinha fúnebre", uma mistura de marchinha de Carnaval com marcha fúnebre. A mais lenta, soturna e arrastada teve a participação do pai de Arnaldo, que também se chama Arnaldo e fez o arranjo de cordas da música. A segunda versão tem Brown. Precisa dizer mais?

A mais curiosa das participações é a do guitarrista Marcelo Fromer, dos Titãs, que nem precisou sair de casa para ter o nome incluso como co-autor da música "Macha Fêmeo". Bastou uma única expressão, dita há uns dez anos, e que Arnaldo nunca esqueceu: liberal gerou. "O Marcelo falava muito essa expressão, que eu adorava. Anotei-a em um pedaço de papel, que coloquei na gaveta, esperando o momento ideal de usá-la", conta o cantor, que fez da dita o refrão da música.

Disco pronto, clip OK, agora a neura é outra. Arnaldo quer se firmar como cantor. "Passo nas ruas e os caras continuam me perguntando por que deixei os Titãs ou, o que é pior, porque abandonei a música, porque hoje sou apenas um poeta", conta, inconformado. "E, pelo contrário, estou cada vez mais cantor, cada vez me dedico mais a cantar. Falo sempre para esses caras: 'Aí, ó, tem disco novo meu na praça. Tem que comprar. E em outubro começo a fazer show também. Tem que ir'."

Arnaldo tem razão. A razão de quem deixou, à época, a maior banda pop do país para seguir a sua própria música. A razão de quem conseguiu um contrato com uma grande gravadora para fazer três discos — e fez como bem quis. E a razão de quem, agora, depois de lançar o terceiro trabalho solo, está prestes a cair na vida, como qualquer outro cantor do mercado. A diferença é que Arnaldo tem a sua família. Uma grande família.

Arnaldo leva trabalho pra casa: à esquerda, Zaba Moreau, mulher do cantor, pilota os teclados

Arnaldo Antunes & banda, cujo destaque é o guitarrista Edgard Scandurra (à *dir*) ensaios diários para provar que também é um bom cantor

papo brabo com um cara legal

Lou Reed influenciou meio mundo no rock. Mas reclama que ninguém escuta o que ele diz

por PEDRO SÓ fotos MIRIAN FICHTNER

Pessoas com o lábio superior fino e muito distante do nariz costumam ter cara de poucos amigos. Lou Reed tem poucos amigos mesmo. E uma fama de ser lacônico e grosseiro em entrevistas. Manda avisar sempre que não responde a questões sobre sua vida pessoal e não tolera inexatidões e hesitações nas perguntas. Sarcástico, debochado e evasivo sempre que lhe interessa, o ex-líder do Velvet Underground já deixou muito repórter falando sozinho por motivos torpes.

Com tudo isso em mente, fui ao encontro de meu maior ídolo nesse negócio de rock & roll (talvez o segundo, depois de Iggy Pop) com certa apreensão. Aos 54 anos, aparentando uns dez a menos (e muito melhor do que ele próprio há uma década), Lou Reed está forte como uma barbie e faz questão de mostrar isso numa camisa preta mamãe-tô-forte. Feito um Falabella moreno, ele aparece no bar da piscina do Hotel Intercontinental, no Rio, para ser meu por 40 minutos. De entrevista, bem entendido. »

Lou Reed durante a entrevista coletiva no Rio: em forma aos 54 anos, mas de volta ao Marlboro, seu único vício confessável hoje em dia

O cantor das drogas pesadas e do submundo hoje malha obstinadamente e faz tai chi chuan

Tento quebrar o gelo perguntando sobre as costas dele (prejudicadas pelo excesso de maromba) e o tratamento que fez com shiatsu. Lou responde "ya", "ya" e não olha para minha cara durante as quinze primeiras perguntas. Rola uma espécie de gato-e-rato: ele não quer conversa e eu preciso extrair alguma reação. De repente, ele se solta, faz piada (eu rio, ele inicialmente não – talvez porque seus dentes amarelados sejam a única coisa que lhe entrega a idade) e até joga uma conversa esquisita. O tempo de *wild side* nos anos 70 já passou, o relacionamento com o transformista Rachel é só uma dedicatória num LP antigo e o disco novo *Set The Twilight Reeling* tem um monte de declarações à amada Laurie Anderson, mas essas coisas costumam ser irreversíveis. Eu hein? Depois do encontro, ele disse para Rosana Ferrão e Bebel Prates, da gravadora WEA, que assistiram à entrevista: "Cara legal". Lou também é um cara legal. Quando lhe interessa, claro.

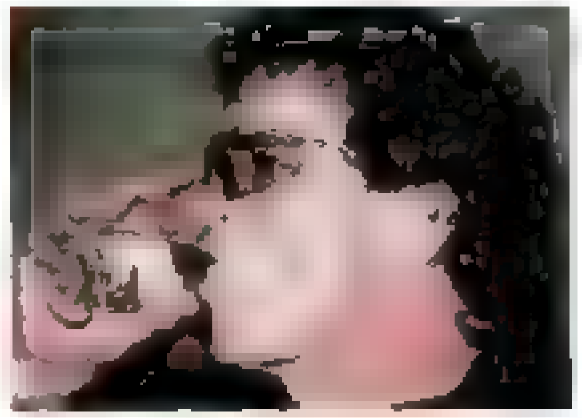
Lou Reed defendeu a legalização das drogas mas sem ingenuidade "Na Rio anda não melhorou muito"

Você disse que Laurie Anderson [illegible] muito sobre samplers. Tem planos de passar a usá-los?
Talvez sim, talvez não. Já usamos computadores no último disco, para a bateria.
Você pretende transformar as jams que faz com Laurie ao violino elétrico em disco?
Não por enquanto.
Como será seu próximo álbum?
Estou... pensando... num projeto que tenho com Robert Wilson, em Hamburgo, "Time Rocker" (*baseado em H. G. Wells*). Uma peça, um musical. Eu fiz as letras.
Você participa da montagem?
Não, vou só gravar as músicas.
Você disse que *Songs For Drella* [illegible] o disco biografia de Andy Warhol. Que outras pessoas você gostaria de contar a história num trabalho desses?
Van Gogh, Malcolm X, Kennedy.
A sua vida não dava um bom disco assim?
Não. Eu não ia gostar.
No disco *New York*, de 1989, você diz que duas guitarras, baixo e bateria são uma formação imbatível. Lou Reed poderia ser considerado um purista do rock?
Esse é realmente um formato muito divertido e fácil. Talvez eu faça música assim porque sou preguiçoso.
Em toda sua carreira você só teve um hit, Walk On The Wild Side, em 1972. Depois de tanto tempo, [illegible] outro sucesso?
Não tenho expectativas de nada.
Um novo hit mudaria algo em sua vida?
Provavelmente eu não teria que dar entrevistas.

Ou talvez tivesse de dar mais.
Acho que não.
Você lê críticas de seus discos?
Tento não ler.
Por quê? Elas podem incomodar.
Não acho interessantes.
Mas de vez em quando você se [illegible] imprensa americana.
Eles me pedem.
Tenho aqui um [illegible] que saiu na New Yorker.
(*pegando a revista, felicíssimo*) Aahhh... (*faz sinal para sua produtora e fala para ela, na mesa ao lado*) Taqui, ó. Todo mundo queria ver, mas não achava. (*voltando para o entrevistador*) Tem ainda nas bancas?
Deve ter.
Você leu, né? Seu inglês é muito bom.
Nem tanto.
Muito melhor do que meu português, com certeza.
O que você fala de português?
Obrigado. E tchau. (*o garçom traz um chazinho*) Isso é chá? Cadê o chá? Arrrá! Eles fazem infusões aqui! Ontem só tinha em saquinho.
Por que as rádios dos EUA não tocam suas músicas?
(*Com cigarro na boca*) Às vezes tocam, às vezes não tocam. Eu nunca entendo por quê.
Há pouco, em New York, você deu um show. Lembra as letras [illegible] para aprender as novas ou para se lembrar das velhas?
Todas elas. Eu tenho mais de 500 músicas para escolher. Você conseguiria se lembrar de 500 canções?
Não.
Mas isso foi no começo da turnê. Agora já estou afiado. E sempre posso inventar, fui eu mesmo quem compôs tudo.
Você faz alguma [illegible] especial antes de sair em turnê?
(*cínico*) Bebo uma garrafa de scotch antes de entrar no palco.
Você não tem a [illegible] que faz isso.
Bom, eu faço ginástica todo dia, em turnê ou não. Faço exercícios chineses, estudei tai chi muitos anos, fiz chi-kung, um pouco de ioga. E barras.
Foram as barras que [illegible] problemas nas suas costas.
Sim. Eu estava fazendo 300 barras por dia.
Você faz [illegible] especial?
Eu tento comer saudavelmente.
Come carne?
(*longa pausa*) Claro.
Um dos grandes assuntos na imprensa americana atualmente é...
Que cor são seus olhos?
Verdes.
Estraaaanhos... Parecem os de um gato.
Parecem o quê?
Um gato. Não é interessante? (*para o pessoal da WEA*) Achei que ele estava usando alguma lente de contato. Ele me perguntando e eu só olhando seu olho. Especialmente o esquerdo, é completamente diferente. Parece com os do Bowie. Os olhos de Dave são totalmente diferentes um do outro. Acho que eu devia fazer isso também.
O quê?
Usar umas lentes assim. Andy Warhol usava lentes coloridas, um olho verde, outro castanho. É divertido. Talvez eu devesse fazer igual. O que você acha?
(*contendo o [illegible]*) Seria impressionante.
(*emendando*) Aliás, minhas costas não foram pro espaço por causa das 300 barras. Eu exagero muito, sou um escritor. Faço só 150 barras. E mais flexões. Trinta abertas, trinta fechadas.
Bom, mas eu ia falando sobre o grande assunto na imprensa americana no momento.
As barras? (*risos*)
Não. As mortes por heroína.
(*interrompendo, debochado com voz de velha senhora*) Não é horrível isso? Como foi acontecer? Inacreditável! Eu nem sabia que as pessoas ainda tomavam heroína. O que essas crianças estão fazendo? Tsc, tsc.
Por que você acha que a heroína está na moda?

Lou no Metropolitan (RJ): quatro shows inesquecíveis no Brasil

Eu não sabia que estava na moda. Quem disse isso?
Os jornais.
Ah, se os jornais dizem... (*adota repentinamente um tom sério*) A heroína nunca saiu e nunca vai sair das ruas.
Mas agora houve pelo menos uma série de coincidências, não?
Não acho. Sempre foi assim. Sempre vai haver heroína e sempre vai ter gente para tomá-la. Nunca entra ou sai de moda, está sempre lá.
Como artista que influenciou gerações e [illegible] respeitada na cultura americana, você se sente responsável?
(*interrompendo, mais debochado ainda*) Ooooh, essa pergunta! Eu vou ter que tomar cuidado! Só me amaciando, né? O que você quer saber?
Você não se sente responsável? Já fez anúncios antidrogas na TV.
(*sério*) Que anúncios? De que você está falando?



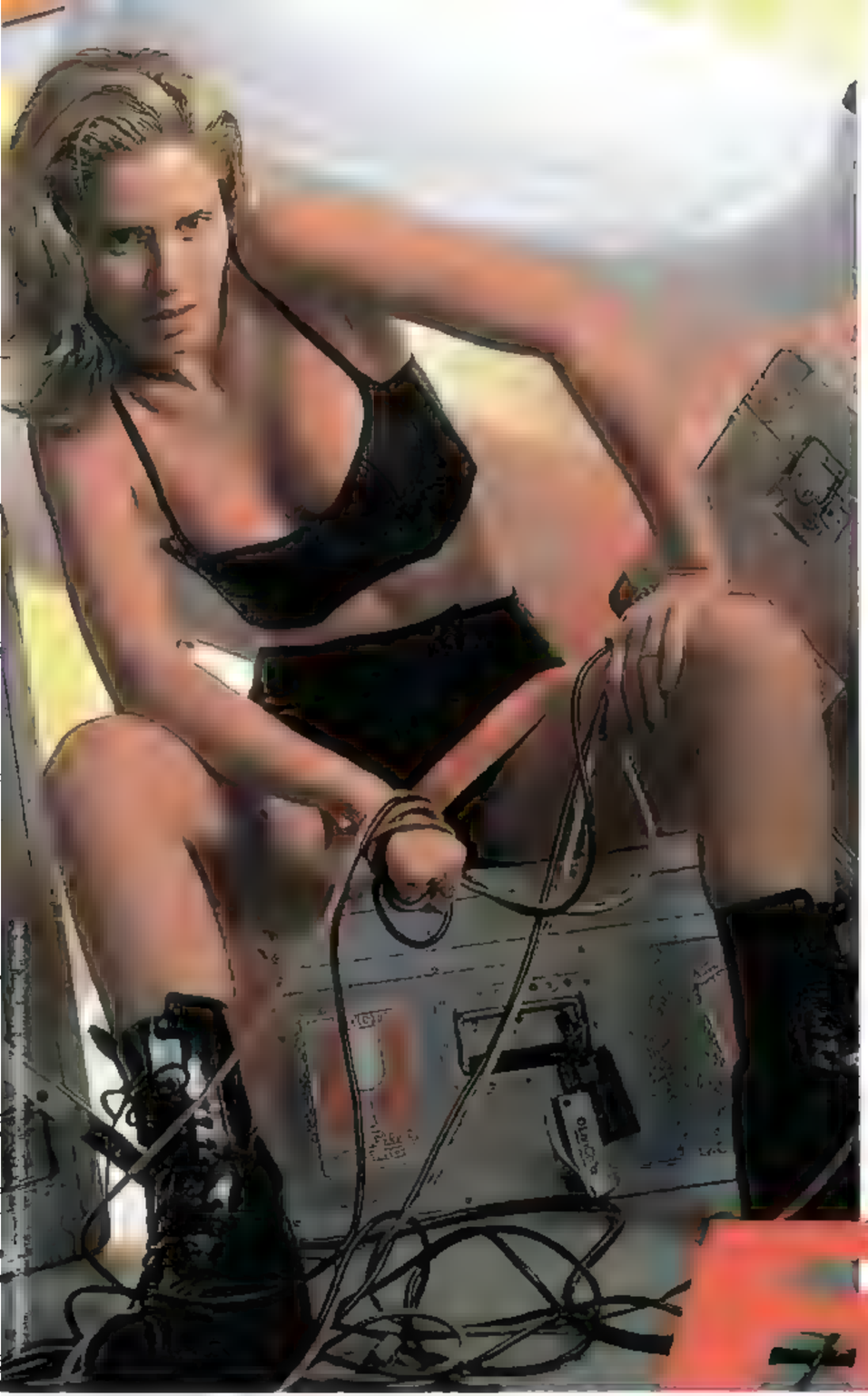
Você já fez anúncios, sim.
Eu fiz uma coisa com Bono, para a Irlanda. Não me lembro se foi sobre bebida ou drogas (*a ironia foi involuntária*). Não lembro direito. Mas minha opinião pessoal é: não quero dizer aos outros o que fazer com suas vidas. Não estou aqui pra dar conselhos. De qualquer maneira ninguém ia ouvir. Ninguém ouve nada. Imagina alguém comentando: "Oh, Lou Reed diz..." A gente tem que tomar cuidado para não ser moralista e piegas.
E aquela sua célebre frase: "Eu devia estar fora de mim quando disse que queria fazer rock tão duradouro quanto Shakespeare"?
Eu falo demais. (*risos*) Devia estar um pouco fora de mim quando falei isso. (*risos*) Tudo que quis dizer é que tento escrever coisas não descartáveis. Em certo nível, fui bem-sucedido em algumas canções: "Sweet Jane", "I Love You Suzanne", "Walk On The Wild Side", "Rock N'Roll"... aah, tem tantas.... Agora, quando você escrever que eu falei "aaaah, tem tantas", diga "ele riu, ele fez uma piada".
(*risos*) Como andam seus projetos literários?
Tenho escrito contos, mas guardo pra mim mesmo. Não sei. »

"Eu devia estar fora de mim quando disse que queria fazer rock tão duradouro quanto Shakespeare"

não tenho certeza se são bons o bastante.
E por que não?
Não sei. Acho que tenho um problema de insegurança. Sei lá, bom demais, ruins demais. Não sei. Não sou muito inteligente o suficiente para me encontrar. Gasto tempo.
Você diz isso porque [illegible]?
Não. Só fiz contos e canções. Mas às vezes os contos viram canções. Mas sempre [illegible] por ser [illegible] (gerou) Ding dong ding dong. (*Aponta para o telefone que está sobre a mesa*)
Quando [illegible] acho que [illegible] mesa e continuar [illegible] de você é coletiva. Não assim, ligou para você. Sim, [illegible] (*Between Thought And Expression*).
Você não pensou em ser [illegible]

"Escrevo contos, mas guardo pra mim. Não sei se eles são bons o suficiente"

deu [illegible] do seu maravilhoso arranjador [illegible] de repente [illegible] do [illegible] apressado.
O seu primeiro disco solo (*Lou Reed* de 1971, com Steve Howe e Rick Wakeman) não [illegible] lançado.
Com esse aconteceu [illegible] problema interessante. Era [illegible] gravadas porque [illegible] [illegible] que [illegible] que estava [illegible] gravando, [illegible]. Mas quando [illegible] [illegible] coletânea, *Lou Reed* [illegible] [illegible] esse. Não [illegible] [illegible] terrível. Eles [illegible] [illegible] [illegible]



Feias de nada e boas de backing vocal, elas estão deixando os paraíbas *doidjões*

Raimundas

Não foi só você que ficou doidão quando a loura Patrícia Coelho e a morena Adriana Farias arrancaram a roupa do vocalista Rodolfo durante a apresentação dos Raimundos, no VMB'96, da MTV. "Pô, véio, elas me deixaram tão excitado que até o meu pé ficou duro", diz Rodolfo, sem medo de ser feliz. Digão completa: "Elas são as coisas mais lindas do mundo, fiquei tão louco com a presença delas, que nem toquei direito", derrete-se Adriana envergonha-se do episódio. "Quero pedir desculpas para o Rodolfo porque não consegui arrancar a roupa dele. É que ele tem um pé muito grande e o velcro da calça era muito duro..."

Revelações à parte, a verdade é que as meninas fizeram tanto sucesso, que agora estão acompanhando a banda em alguns shows. A galera, é claro, vai à loucura. "Eles estão até pensando em nos chamar para participar do próximo disco", conta Adriana. Ela tem 24 aninhos, dez de carreira, já cantou com Fábio Jr e atualmente excursiona também com Leandro & Leonardo. "A grana que rola é »

“Uma lourinha e uma moreninha... O que mais eu quero da vida?”

Digão

muito boa”, justifica. E explica como virou Raimunda. “O técnico de som dos Raimundos me viu tocando ‘Satisfaction’ com o Leandro e deu o toque.” Patrícia, 22 anos, segue uma linha mais radical. Ela canta em inglês na banda de dance music Sect e já teve até a música “Follow You” incluída na novela *História de Amor*, da Globo. Agora Adriana prepara repertório solo. “Quero uma carreira voltada para o pop e cantar em português”, revela

Além dos passos profissionais, a morena sertaneja e a loura dance também têm gostos musicais diferentes: **Patrícia é fã de Motown e Adriana ouve MPB.**

Mas no relacionamento com os Raimundos, elas falam no mesmo tom: o envolvimento com os paraíbas é estritamente profissional, não tem sacanagem. “Pode não parecer, mas o Rodolfo é tímido pra caramba”, diz Patrícia. **“O Digão é um ursinho bagunceiro. Sabe aquela criançona legal? O Canisso é que é o mais louco de todos”, entrega Adriana.**

E o que os Raimundos acham das garotas? Digão e Rodolfo respondem pela galera. “Uma lourinha e uma moreninha... O que mais eu quero na minha vida? Estou até me sentindo alguém!”, diz o Ursinho. Rodolfo prefere comentar o talento das meninas: “Elas deram base para a banda e seguraram muito bem a barra no palco. A voz das duas é muito boa”, finaliza, cheio de malícia.

Marcelo & Sibéria (*na outra página*) no palco e Formigão no tête-à-tête com a stripper

Erotismo na viagem

Na Estrada com o Planet Hemp tem stripper e vídeo pornô

"Pô, eles nem fumam tanto assim", decepciona-se Renata Rodrigues, a repórter que acompanhou o Planet Hemp em Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo para fazer o *MTV Na Estrada – De Ponta A Ponta* que você vê dia 25 de outubro, às 10h da noite.

O baixo consumo de cânhamo registrado no programa tem explicação: com a marcação cerrada dos canas, o grupo anda evitando levar baseados nas viagens. "Baguinho na estrada é a maior sujeira. Ficamos mais na cerveja, só pra dar uma chapadinha e dormir", despista D2. O motorista do ônibus não concorda. "A cabine é aqui na frente e tudo que é feito lá atrás vem pra cá. Pô, às vezes a gente pede pra aliviar... O fumacê é tanto que chega a escorrer água dos olhos."

O *MTV Na Estrada* mostra que, além dos cigarrinhos, sessões de vídeo também animam o buzum do Planet. Impróprias para menores, é claro. Do Rio a Curitiba, rolou um vídeo da revista *Ele & Ela* e outro da *Sexy* com Núbia de Oliveira. "A Núbia é a preferida da rapaziada. Depois deste vídeo, a Cristina Mortágua perdeu ponto", baba D2. Mas mulher mesmo para o Planet Hemp atende pelo estranho nome de Siberia, uma stripper quarentona que tem animado alguns shows do grupo. O guitarrista Rafael explica a participação especial: "Já que a gente fala de drogas e toca rock'n'roll, tínhamos de botar sexo na parada."

Sibéria fez subir a temperatura do show em Belo Horizonte. Em Curitiba, sem a stripper e com um frio de lascar, o Planet Hemp quase congelou: "Nem fumamos e já sai fumaça da boca... Isso é que é bom!", viaja D2. A fraca afugentou até os canas, que costumam seguir o grupo pelo país com dedicação de deadhead.

Em São Paulo, o programa registrou o assédio policial pesado num show [illegible] tanto cassetete por metro quadrado nas imediações da casa. "É um policiamento concentrado com todos os batalhões de choque, rota, canil e cavalaria", explicou o capitão da Polícia Militar de São Paulo, Cleodir Nardin. Todo mundo tomou geral, inclusive a banda. B-Negão e Formiga levaram dura quando chegavam à casa de shows e acabaram tendo de fazer uma visitinha à delegacia. Pra sorte deles, não estavam com nada em cima. D2, gato escaldado, dá a dica: "Vá ao show do Planet Hemp, mas não dê mole: fume antes."

A volta para casa, de São Paulo ao Rio no luxuoso Trem de Prata, serve de pretexto pra lembrar da favela do começo da carreira. O vocalista Skunk, morto em decorrência da Aids, em junho de 1994, ainda estava na banda. "O grupo se formou numa segunda-feira e demos o primeiro show na sexta. Nós só tínhamos cinco músicas e a platéia se resumia a meia-duzia de gatos pingados", lembra Formiga. B-Negão completa: "Depois dessa achamos que esse negócio de banda era a maior furada. Só continuamos porque a mãe do Skunk insistiu."

Traçando uma pinguinha da boa, o Planet Hemp hoje aproveita a mordomia do trem. "Tem de ser, né? A gente sempre botou o pé na estrada bancando tudo. Botava gasolina no carro do Rafael, entupia com seis neguinhos e viajava doze horas, um no colo do outro", lembra B-Negão.

Marcelo D2 entra no Trem de Prata Rio-São Paulo com seu fiel companheiro, o skate

Cenas de dura explicita no Olympia, em São Paulo. houve quem levasse três duras só no trajeto estacionamento-casa de show

ONZE PERGUNTAS

RITA LEE

Livro novo, planos de selo próprio e vinte músicas inéditas prontas, titia está impossível

Como surgiu o *Rita Lyrica*, livro com letras e fotos que você acaba de lançar?
Começou como tentativa de saber quantas letras eu tenho. São trezentas e lá vai pedrada, eu continuo sem saber. A editora sugeriu fazer alguma coisa sobre trinta anos do rock'n'roll, eu achei superlegal e escolhemos 123 letras.

O que você acha do interesse atual pelos Mutantes?
Acho normal. Mutantes sempre teve um pé no futuro. Só que essa coisa de ficarem perguntando: "Ah, quando é que vocês vão voltar com os Mutantes?" não tem a menor condição.

Gostou do livro *A Divina Comedia Dos Mutantes*, de Carlos Calado?
Dos trabalhos sobre Mutantes, foi o melhor. Ele escreveu coisas lá que o Sérgio e o Arnaldo odiaram, mas são verdade. Ele foi muito honesto, legal pra chuchu.

E o CD *Triângulo Sem Bermudas*, você gostou dele?
Não ouvi, mas tenho quase certeza que deve ser melhor que Mutantes. O som daquela época não era legal. Podia ter tido toda criatividade lá, mas... não sei.

O que você acha do Beto Lee, seu filho, tocar numa banda, Larica?
Ele toca tão bem! Mas eu não dou pa pites. Ele tem uma postura compenetrada, é responsável, ensaia sempre, mas eu fico na minha.

Você está compondo e fazendo demos para um disco novo?
Sim. Devo ter umas vinte musicas pra escolher, mas o disco é para o ano que vem. Tem "Santa Rita De Sampa", que sou eu (*risos*), "Normal Em Curitiba", "Liquidação Paraíso", "Entre Sem Bater" e "O Homem Vinho", pro Caetano Veloso. É só observá-lo que você vai ver que ele tá ficando cada vez mais gostoso. Ele, Gil, Chico, estão tesudinhos! Tonéis de carvalho com o vinho lá dentro.

Você e o Roberto de Carvalho estão casados e morando separados?
A gente agora está pensando em casar! (*risos*) Depois de vinte anos a gente achou que tá na hora! Mas morar junto não, é legal ficar longe. Existe mais tesão.

E o selo que você quer montar?
Pode rolar assim que eu estiver numa gravadora bacana. Tem tanta gente pra produzir! Uma criançada que me manda fitas demo e que eu tenho a maior vontade de lançar!

O que você pensa sobre a legalização da maconha?
Não vejo problema em liberar. Mas não é "vamos liberar geral!" A questão é que a criançada sabe muito bem onde pisa. Mais informação e menos proibição. Eu sou assim. Como eu libero em casa, meus filhos são todos caretas!

Das novas bandas, o que você está ouvindo?
Adoro Oasis, é Beatles puro. Entre os brasileiros, muita rapaziada boa: Skank, Pato Fu e, claro, Raimundos. Eles têm uma versão para "Ando Jururu" que eu adoro! Convidei pra gravarem ela comigo e toparam na hora. Acho que acabou a fase bocejante do rock nacional.

O Lobão falou que não existe geração 90 do rock nacional...
O Lobão falou isso? Ele tem que voltar a queimar fumo, cheirar pó, porque deste jeito não dá. Lobão, meu filho, volte a ser louco!!!

Os Jogos da Juventude já começaram em todo o Brasil. O que você vai ver agora é a etapa nacional, com jovens atletas de 10 a 17 anos provando porque podem formar a nova geração olímpica brasileira. Os Jogos da Juventude mostrarão também que o trabalho e o investimento no esporte não podem parar, renovando e revelando talentos para que o Brasil continue no pódio dos grandes eventos do esporte internacional. Você tem que ver.

JOGOS DA JUVENTUDE

A nova geração olímpica.

Voleibol Handebol Futsal Ginástica Rítmica e Desportiva Natação Judô

Jogos da Juventude 01 a 10 de Novembro Curitiba Paraná

BRASIL GOVERNO FEDERAL

Ministério Extraordinário dos Esportes INDESP

BRASIL

GOVERNO DO ESTADO PARANÁ

Ótimo

Bom

Regular

Ruim

Importado

Rock saído do moedor de carne

Não é mole conciliar o *popestrelato* com a integridade. Kurt "Bang" Cobain que o diga. Afluente da mesma maré grunge, o Pearl Jam já bateu de frente com empresa de tickets de shows, lançou disco sem o nome do grupo e até colou num *survivor* do rock essencial, o Neil "Forever" Young.

Um caleidoscópio de polaroids, as letras rabiscadas de giz ensacadas na capa desdobrável. Tudo em *No Code* dá aquela idéia de rascunho/urgência que combate a armação do produto fabricado. Até o clichê de guitarras rugindo ("Hail Hail, Habit") foi racionado. Porradaria ("Lukin") e sutileza ("Sometimes") se alternam [illegible] ndo da valsa/rock "Red Mosquito") a um relance de world music ("Who You Are") além de incursões climáticas no folk guiadas pela amargura vocal de Eddie Vedder que parece ter passado a garganta num oscila dor de voltagem. Vai da tensão à depressão como quem atravessa a rua.

O PJ parece ter encontrado a saída do moedor de carne. Um belo disco sem candidatos chapados a hit. Tem de rodar muito até colar no ouvido.

Tarik de Souza

SCREAMING TREES
Dust
Epic/Sony Music

Psicodelia em Seattle

• O Screaming Trees [illegible] Pearl Jam [illegible] [illegible] *Dust* contém rock [illegible] [illegible] *Pedro Sá*

OCEAN COLOUR SCENE
Moseley Shoals
MCA

Banda para varios veroes

• Conhecido por abrir os concertos de verão do Oasis, o Ocean Colour Scene demons[illegible] álbum quase impe[illegible] para não ser apenas [illegible] uma banda [illegible] da estação.

Moseley Shoals remete o ouvinte ao final dos anos 60. Da para [illegible] imaginar garotos com flores na cabeça. Para quem gosta de referências, o grupo transita entre Animals e Lovin' Spoonful [illegible] O vocal [illegible] Simon Fowler merece ser a revelação do ano, com uma voz singular e cativante. Obras-primas instantâneas: "One For The Road" e "The Downstream" [illegible] Scene chegou para ficar.

Thales de Menezes

JANET LEE DAVIS
Missing You
Fashion/Atração

A história se repete

• A trajetória de Janet Lee Davis [illegible] em algum lugar ela descobriu seus dotes vocais [illegible] estúdio, acompanhando diversos artistas, até lançar seu primeiro álbum solo. *Missing You*, o primogênito sonoro da menina, é uma beleza, os produtores [illegible] contribuem com bandas eletrônicas e o DJ inglês [illegible] sugerem numa versão remixada da faixa-título.

Ja[illegible] Walk On By, de Burt Bacharach, e "Ooh Baby Baby", do som [illegible] Smokey Robinson. Tudo muito bem cantado, bem produzido, bem embalado, com direito aos grooves mais sacolejantes que a Jamaica pode produzir.

Sergio Martins

P.U.S.
Presets
Paradoxx

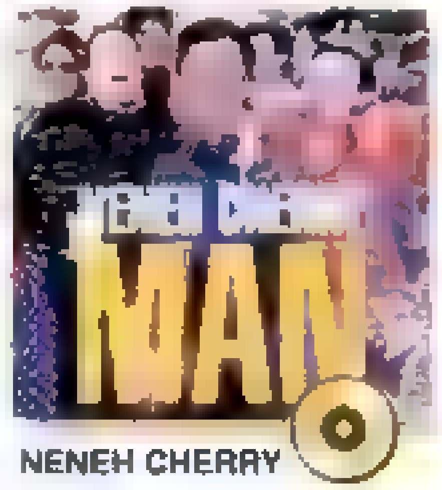
Porrada com eletronica

• A descoberta dos ritmos eletrônicos modernos pela galera do rock está injetando novidade na área. Prova disso é este novo trabalho do P.U.S. [illegible] Os que levam chumbo, porém, ficam atrasados.

O grupo [illegible] [illegible] Carl [illegible] Brown às introduções [illegible] hardcore, thrash e tecno. Algumas músicas recuem na mesmice e são pontos baixos de um álbum ambicioso.

Os convidados de *Presets* são os responsáveis [illegible] modernos do som do P.U.S. A lista [illegible] Koko Zambian [illegible] DJ Mau Mau. É dele, aliás, o grande momento do CD, uma remixagem da faixa "I nreal". [illegible] beats já vale a ouvida.

André Gordirro



NENEH CHERRY
Man
Hut/Virgin

Lover's rap preguiçoso

• Neneh Cherry é preguiçosa. Desde sua estréia em 1988, ela grava um disco a cada quatro anos. Logo 1996 [illegible] por este *Man*, em que Neneh dá o truque: encaixa entre as 11 faixas o torpedo "Seven Seconds", que [illegible] do disco *The Guide* (1994), do cantor senegalês Youssou N'Dour, e a sensacional "Trouble Man", de [illegible] a Marvin Gaye de 1975.

Pode ser entressafra criativa: *Man* é menos inspirado do que *Raw Like Sushi* (1988) ou o delicado *Homebrew* (1992). O [illegible] lover's rap, climático e dengoso – Tricky, ex-DJ do Massive Attack, co-arquiteta os [illegible] de Neneh em "Together Now", um dos acontecimentos do CD.

Ponto negativo: a estrela não precisa da fúria hype de Bristol (celeiro de Tricky e do Massive Attack) para se provar chique – ela sempre foi. Não cola também a tímida pisada de "Woman", resposta feminina a "It's A Man's, Man's World", de James Brown [illegible] Ainda assim *Man* [illegible] de cima a disputa pelo título de melhor disco de 96. Neneh é Neneh, os mortais são os mortais.

Pedro Alexandre Sanches

CONCRETENESS
Numberum
Tinitus

ETs de Santa Barbara

• *Numberum* é eletrônico e furioso. As músicas do álbum não poupam bordoadas, tanto em palavras quanto na sonoridade, que vai do eletrônico mais cru ao hardcore. As covers de "Batmacumba" (Gil e Caê) e "Deus Lhe Pague" (Chico Buarque) são boas, mas não representam o que há de melhor no disco. Prefira o atropelamento relampejante de "Locomotiva", o tom visceral de "Tchau", a viajada acid de "Balada Para Momentos De Medo dos De Raiva" ou a benzedeira climática tenebrosa pop pegajosa de "Simple People". *Numberum* merece ser saudado com um [illegible]

Israel do Vale

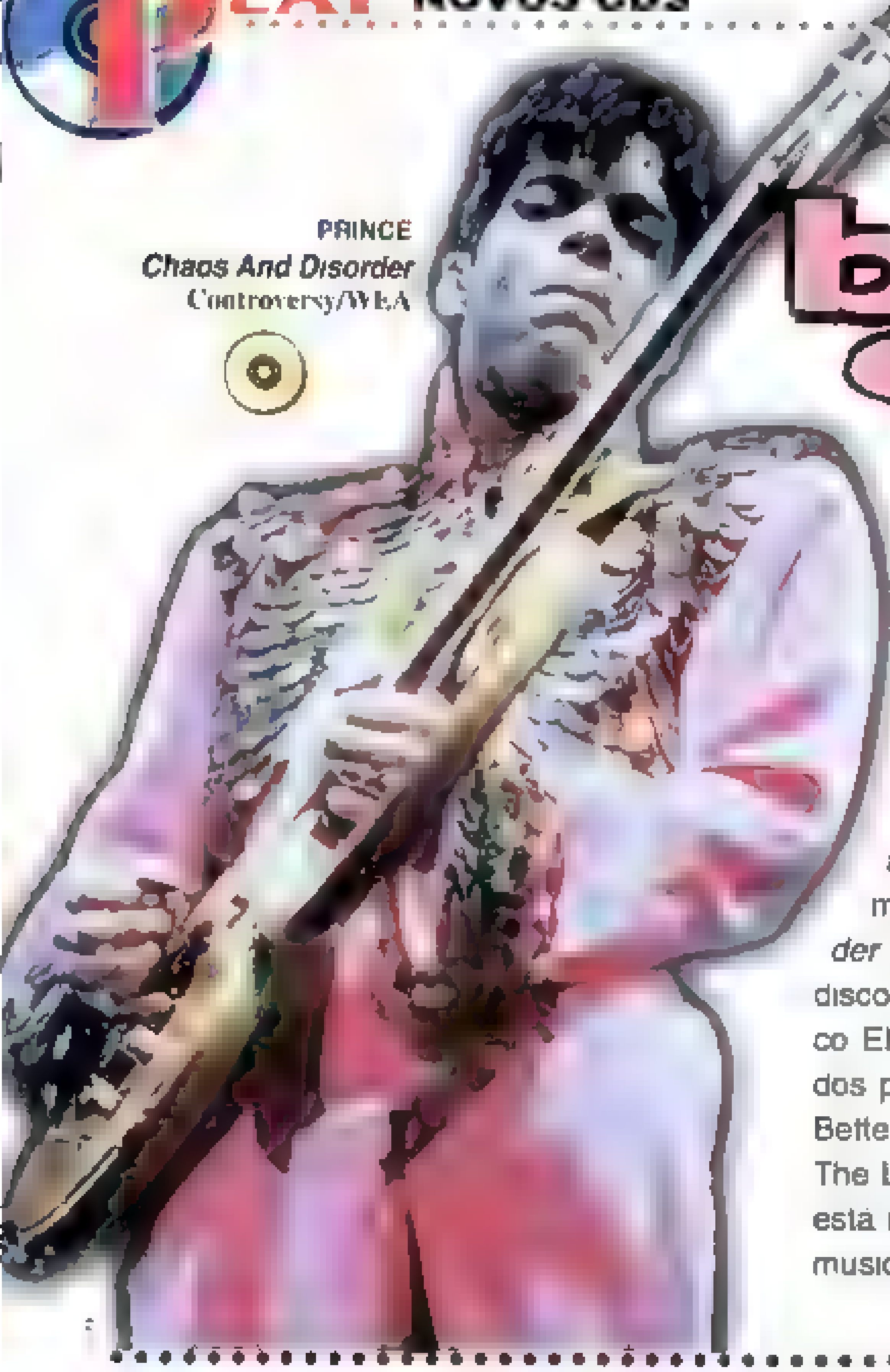
R.E.M.
New Adventures In Hi Fi
Warner/WEA

Deprê fora de época

New *Adventures In Hi-Fi*, do R.E.M., é um álbum atípico. O material foi composto e gravado durante a acidentada turnê de *Monster* (1994), que levou três dos quatro integrantes do grupo para o hospital – apenas o guitarrista Peter Buck se salvou. Além de faixas de estúdio, há outras registradas na estrada, gravadas ao vivo durante passagens de som ou mesmo no camarim. O resultado é sujo, propositadamente desleixado.

Compilações como esta costumam ser detestáveis, mas *New Adventures In Hi-Fi* vem confirmar a exceção. Mr. Michael Stipe substitui adjetivos que costumam namorá-lo – messiânico, pomposo, enfadonho – por simplicidade. O CD chega a tocar o genial quando aprimora o conceito "fora do tempo", só nominado em *Out Of Time* (1991). É assim em duas masterpieces atemporais: em "How The West Was Won And Where It Got Us", o R.E.M. abraça Velvet Underground e abandona Smiths, em "E-Bow The Letter", Stipe se faz bem mais Patti Smith do que Renato Russo. Não é pra menos: a sacerdotisa punk, recém-ressurrecta, intromete-se em pessoa para elaborar os vocais mais arrepiantes da década. E Stipe, que afirma ter decidido fazer música ouvindo a roqueira, sucumbe à larga a estridência que costuma prejudicá-lo e canta como um travesti de Patti. E há ainda a suprema obsessão temática de "Leave", a sutileza rocker de "Bittersweet Me" e "Be Mine", a sanha melódica de "Zither" e "Electrolite". Bravo.

Pedro Alexandre Sanches



PRINCE
Chaos And Disorder
Controversy/WEA

Sem-nome bota pra quebrar

O cara que criou um símbolo intraduzível em lugar de seu ex-nome é mais estranho e genial do que manias como essa. Ou a de aparecer com a palavra *slave* (escravo) no rosto. A cada trabalho disfarçado na pele do baixista e vocalista Tora Tora da New Power Generation (sua banda de apoio), Prince deixa dúvidas de qualidade no ar.

Exodus (1995), seu último projeto "secreto" com a NPG, está longe do talento de seus discos como Prince. Talvez ele faça isso para desembocar suas pérolas rock dançantes no álbum seguinte com assinatura declarada. Mais um truque do mestre dos disfarces. Sim, porque, felizmente, *Chaos And Disorder* lava a alma dos fãs. Tudo que se pode esperar de mais um ótimo disco de Prince está aqui nos compactos 39m17 das 11 faixas do disco. Ele continua surpreendendo dentro de seu próprio universo. Petardos pop dance ficam por conta de "I Rock, Therefore I Am", "Dig U Better Dead" e "Chaos and Disorder". Já "Dinner With Delores" e "Into The Light" mostram a veia baladeira. O espectro único de seu estilo está muito bem amarrado nos vocais, nos arranjos e na edição das músicas, indicando que ele ainda tem muitas surpresas pela frente.

Walter de Silva

TRACY BONHAM
The Burdens Of Being Upright
Island/PolyGram

Bela e feminista

• De repente a música americana se viu infestada de novas cantoras cheias de personalidade, talento e invariavelmente chatinhas! Depois de Liz Phair e Alanis Morissette chegarem aos pináculos da glória com seus gritos feministas politicamente corretos, agora é a vez da guitarrista e violinista Tracy Bonham.

Produzido por Sean Slade e Paul Q. Kolderie (Radiohead, Hole e Morphine), *The Burdens Of Being Upright* marca a entrada com pé direito de Bonham no mundinho roqueiro. Tracy está mais para as baladonas nervosas do Radiohead, como demonstra em "Mother Mother", "Tell It To The Sky" e "Sharks Can't Sleep", em que começa arrasando na voz e no violino/guitarra para depois detonar sua ira. Contra o quê? Sabe-se lá... América adora se achar alternativa e irada.

Tracy surpreende mesmo é nas baladas. "30 Seconds" e "The Real" são de uma delicadeza profunda e ao mesmo tempo não esquecem a raiva que permeia as composições da cantora. Não deixa de ser mais uma. Mas pelo menos é mais uma boa.

Claudia Grecchi

CISSY HOUSTON
Face To Face
HBH/BMG-Ariola

Whitney tem mãe – e que mãe!

• Quem estiver interessado num bela sessão de gospel não precisa mais encarar aquela prestação salgada da passagem para Nova York. O CD *Face To Face* abre as portas da New Hope Baptist Church, cujo coro, capitaneado por Cissy Houston (isso mesmo, a mãe da Whitney), arrepia até os pelinhos da alma. O repertório contempla várias facetas do universo gospel – uma centopeia de blues, funk e até pop. Qualquer dúvida a respeito é só ouvir três faixas em sequência. A primeira delas é "Just Tell Him", em que Cissy e o coro, inspiradíssimos, cantam com uma energia digna de madrugada do Juízo Final. Mamãe Houston mostra que genética não é tudo e passeia por interpretações inacessíveis à primpolha plastificada. A segunda, "Face To Face", é completa – aquele piano, aquele órgão, um coro dos capetas (perdão, dos anjos) e Cissy espargindo graças. Para terminar, "Go Where I Send Thee", santo exorcismo para pecados como o mau humor. No mais, *é hallelluiah, sister!*

Marcus Veras

RYUICHI SAKAMOTO
1996
Milan/BMG-Ariola

Erik Satie do sol nascente

• A música de Ryuichi Sakamoto pode ser entendida como uma imagem idealizada do Japão atual. Ele equilibra bem a tensão entre um imenso fluxo de influências ocidentais e a solenidade aparentemente simples da tradição japonesa. O resultado é uma obra multiforme – do pop mais grudento à música sinfônica – mas de uma coerência surpreendente. Em *1996* Sakamoto revisita suas trilhas para o cinema e algumas novas composições num trio acústico, o mesmo que se apresentou no Brasil durante o Heineken Concerts: o compositor ao piano, Everton Nelson ao violino e o brasileiro Jaques Morelenbaum ao cello. Desplugado e com poucos instrumentos, Sakamoto soa como um Erik Satie por acaso nascido no Oriente.

Marcus Simoso

VÁRIOS
Common Ground – Voices Of Modern Irish Music
Capitol/EMI Music

Bono e Adam Clayton reinam

• Atenção, fãs do U2! Tudo bem que este disco aqui é um projeto do produtor e músico irlandês Donal Lunny (fera que pega no bouzouki, pega no bodhran). Tudo bem que uma penca de nomes famosos na trilha de James Joyce – e, sejamos dialéticos, do infame Bob Geldof também – esta neste. Mas o ápice maior de *Common Ground* mesmo é a belíssima regravação de "Tomorrow", que Bono e Adam Clayton arranjaram com Lunny. Injustamente pouco conhecida, essa canção foi feita por Bono na ocasião da morte de sua mãe. La no disco com cítrinha e tudo, o só que barbada! De sobremesa, na sequência vem uma arrumada instrumental em que pontifica o fole da acordeonista Sharon Stone. O resto leva a mal não, com Sinéad (bem), Elvis Costello (sempre bem), Kate Bush (ótima) e tudo, fica ofuscado pela beleza de "Tomorrow".

Pedro Só

belô velloso

BELÔ VELLOSO
Belô Velloso
Velas

Nem precisa dos titios

• Ela vem mais uma da família Velloso a usar o nome da família para aparecer, muitos devem ter pensado assim. Mas antes de jogar o disco da moça pela janela de um segundo andar, você perceberá que apesar da carinha de adolescente da capa, Belô já vai desenhando uma personalidade musical um pouco calcada no estilo de Gal, com pitadas de Adriana Calcanhoto (que fez a capa, toca violão e tem duas composições no repertório). Titios dão força: Bethânia na excelente "Brincando", Caetano numa versão que acrescenta pouco a "Amante Amado". Mas a menina pode andar sozinha, como mostra no *chanson* "A Dama Da Fotografia" e na excelente versão para a tropicalista "Mamãe Coragem".

Enor Paiano

PATO FU
Tem Mas Acabou
Plug/BMG-Ariola

Pretensão exagerada

• Os mineiros do Pato Fu chegam a seu terceiro álbum. Fernanda, John e Ricardo, agora com o reforço fixo do baterista Xande Tamietti, entregaram a produção a André Abujamra. A sonoridade da banda continua peculiar, com arranjos criativos. No entanto, o grupo derrapa na pretensão de ser engraçado e/ou singelo o tempo todo. Boas ideias como as das faixas "Nevers" e "Feliz Ano Novo" acabam se perdendo na insistência em versos como "Eu quero um Macintosh pra por o CD-Rom/ Eu quero fotografar a pala enrocar no pão". A comparação com Mutantes, que era engraçados e se transformaram em camisa de força.

Thales de Menezes

LEILA PINHEIRO
Catavento E Girassol
EMI Music

Cultura para as massas

• O mais bem sacado dos compositores brasileiros em atuação e o mais importante e transgressor dos letristas brasileiros – Guinga e Aldir Blanc – encontraram em Leila a intérprete por excelência de sua obra densa e revolucionária. Acumulada em poucos anos, a parceria é uma rara manifestação não só de música popular. Mas daquilo que poderia se denominar alta cultura, capaz de esmiuçar a alma de um povo, mexendo em suas fendas, expondo-as em forma de muitas perguntas e algumas respostas, e fazendo-lhe a declaração do amor possível e necessário. Leila Pinheiro bancou (moveu mundos e fundos para conseguir isso) e fez o melhor disco da MPB dos últimos tempos.

Mauro Dias

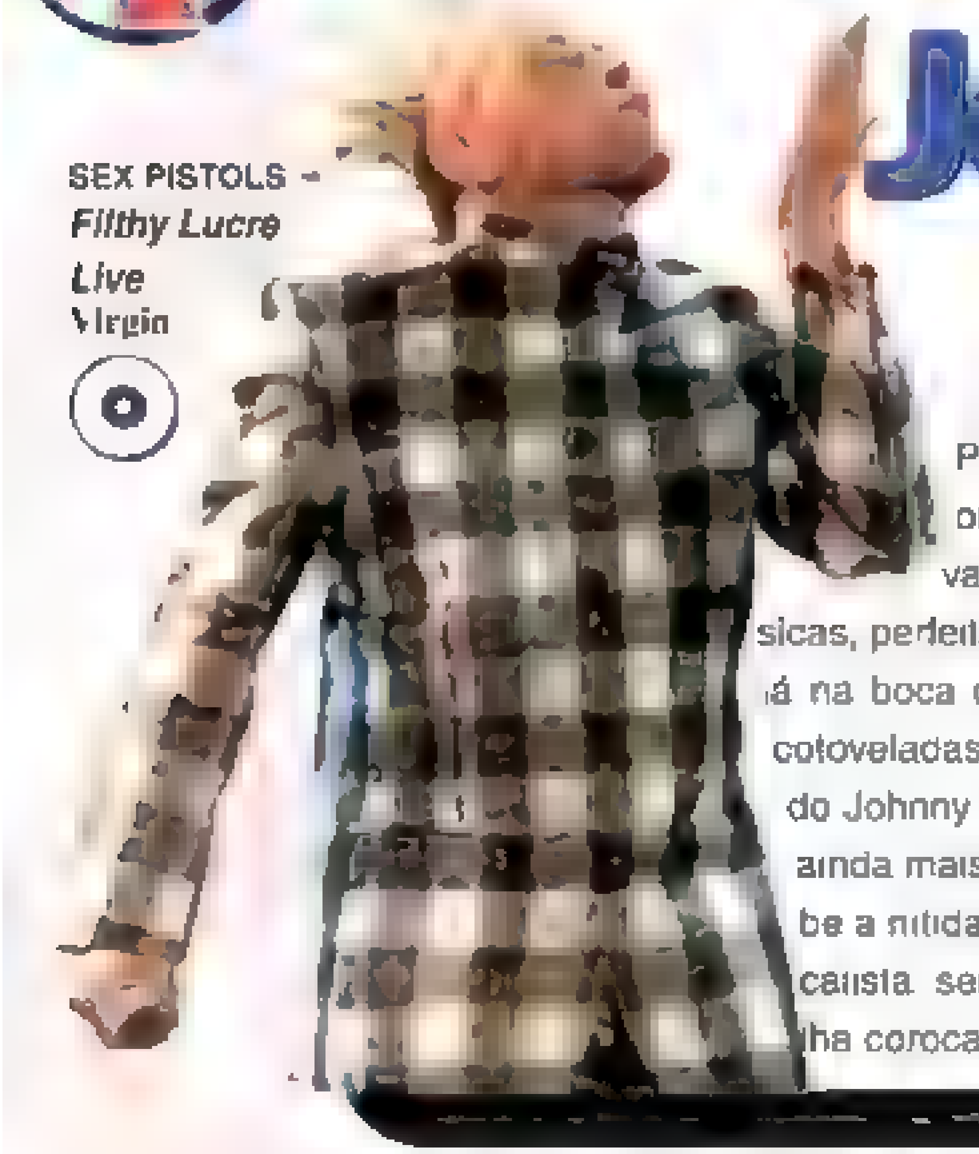
Chris Robinson capricha no som anos 70

BLACK CROWES
Three Snakes And One Charm
American/BMG-Ariola

um allman aqui, um crosby ali

Felizmente os Black Crowes superaram as divergências entre os irmãos Chris (vocais) e Rich Robinson (guitarras), que quase acabaram com o grupo. Este *Three Snakes And One Charm* mantém a evolução e o alto padrão do anterior *Amorica* (1994). Autênticos elos perdidos entre o rock dos anos 60, os Crowes mostram nestas doze faixas de seu quarto disco que são um elo com o que se fez de melhor nos anos 60 e 70: um rock de raízes negras, com levadas de slide, intervenções de gaita, um bom e sutil trabalho de duas guitarras e vocais elaborados. Percebe-se um Allman Brothers aqui, um Crosby, Stills, Nash & Young ali e assim se vai. Destaques para os bons riffs de "Under A Mountain" e "Nebakenezer", "Blackberry" tem um sabor de Steppenwolf, assim como outras faixas contêm várias referências, mas com sabor próprio e sem soar *déja vu*.

Jamari França

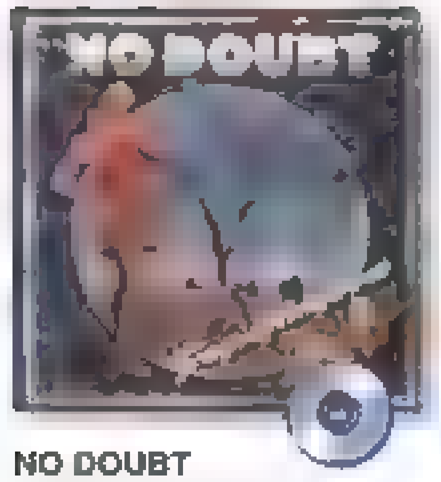


SEX PISTOLS – *Filthy Lucre Live*
Virgin

Joãozinho apodreceu

Vamos e convenhamos: Sex Pistols nunca foi grupo para se ouvir em disco ao vivo. Ou você vai nas versões de estúdio dos clássicas, perfeitas (até nos erros), ou então, só lá na boca do palco, pulando, distribuindo cotoveladas e largando perdigotos na cara do Johnny Rotten. A experiência aqui fica ainda mais inadequada quando se percebe a nítida decadência do apodrecido vocalista: sem fôlego e com o baixo de velha coroca bastante esmaecido. "Quarenta anos, gordo e de volta", confessa ele mesmo, entre uma faixa e outra deste show da turnê de reunião no Finsbury Park de Londres. Rotten não acompanha o pique dos músicos – o drive de Steve Jones à guitarra voa anos-luz à frente da voz. OK, não se pode esculhambar totalmente um disco com "Bodies", "No Feelings", "Anarchy In The UK", "Pretty Vacant", "God Save The Queen" e outras obras-primas. Mas é melhor poupar bufunfa e salvá-la para gastar no show dos caras.

Pedro Só

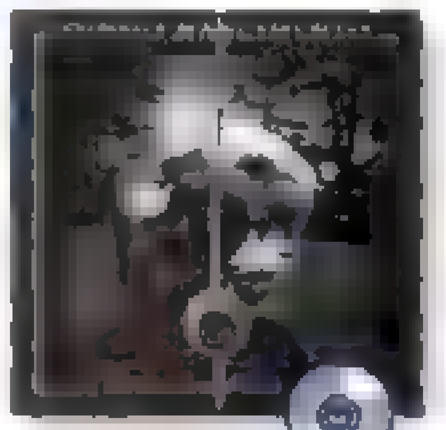


NO DOUBT
Tragic Kingdom
Interscope/MCA

Barbie inflável

• Comandado por Gwen Stefani – um cruzamento da Barbie com a *Tank Girl* –, o No Doubt é a nova mania entre a geração kids norte-americana. O grupo fez com que a mistura de new wave, ska, pop, reggae e happy hardcore de seu terceiro disco, *Tragic Kingdom*, caísse nas graças do povo e de uns tantos. Um dos culpados é o irmão mais velho de Gwen, Eric Stefani, tecladista e principal compositor da banda. O hit "Just A Girl", uma ode new wave às garotas sensíveis, extremamente femininas e delicadas, "Excuse Me Mr." e "You Can Do It" são afinadas do punk babão do Bad Religion e ainda tem o clássico "Got To Be Real", de Cheryl Lynn. Na real, No Doubt é isso aí: muita maquiagem, chiclete e festa para um som pouco original, porém energético, pra fazer a mole cada esbagaçar o esqueleto.

Ricardo Franca Cruz



DINHO NASCIMENTO
Berimbau Blues
Velas

Mississipi é na Bahia

• Disco solo de berimbau parece coisa de maluco. Mas Dinho Nascimento conseguiu algo diferente. Ele não é um vanguardista como Naná Vasconcellos – pelo contrário, tenta usar o berimbau como instrumento melódico. As boas ideias são quando o berimbau lembra a slide guitar caipirinho, como na salseira "The Banana Boat Song". Este é um caminho legal, muito melhor do que quando Dinho se mete a compor letra e cantar. Aí é só aquela velha axé music.

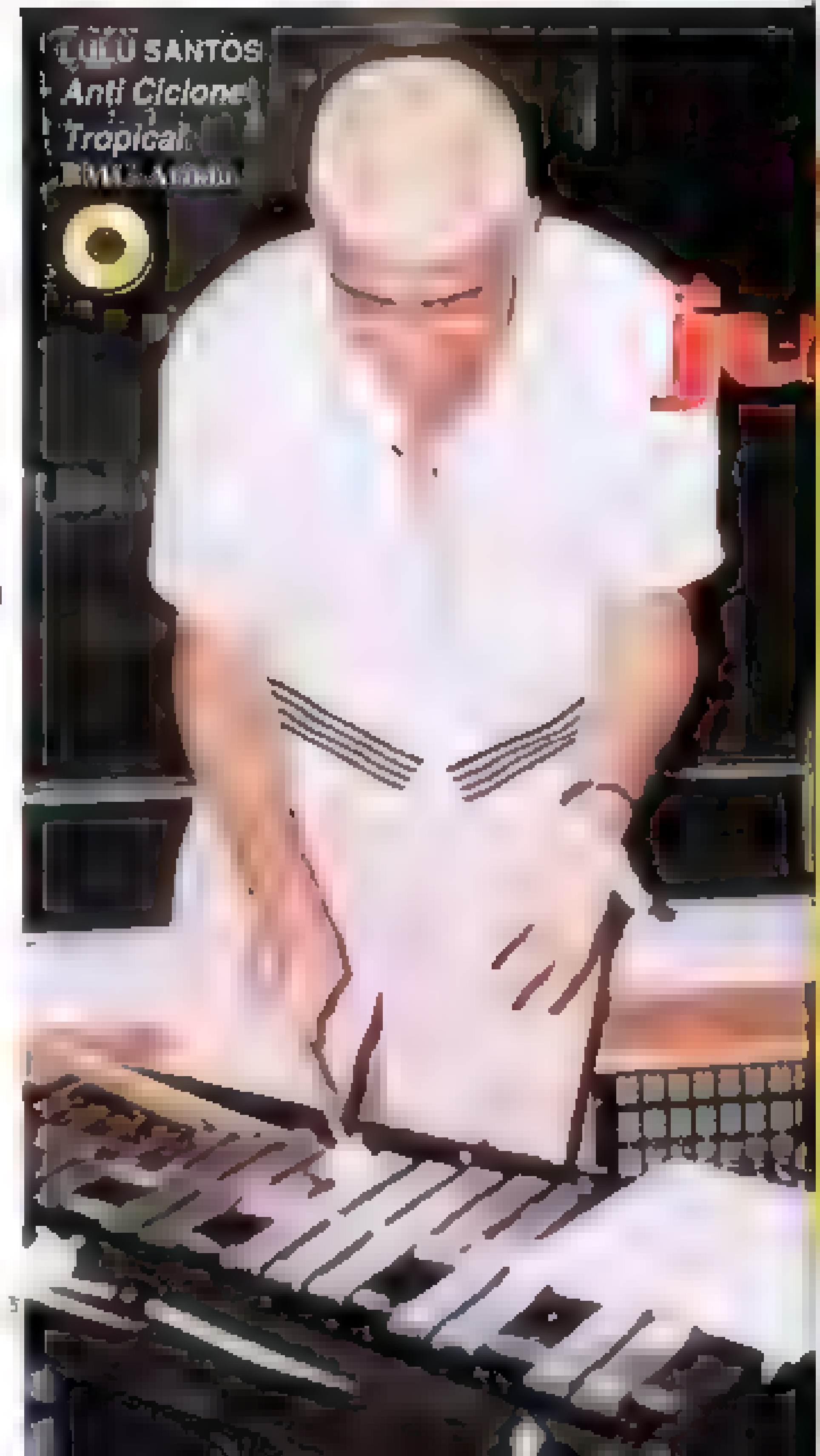
Ênio Paiano

THE MIKE FLOWERS POPS
A Groovy Place
London Records

Clássicos em versão churrasco

• Mike Flowers é uma espécie de Falcão com diploma da Cultura Inglesa – brega, muito brega. Então, prepare-se para reg avações, hum, peculiares de "Light My Fire", dos Doors, "Wonderwall", do Oasis, e um medley de Velvet Underground. Mike transforma tudo em música de churrascaria, mas não faz por mal. É evidente que o cara gosta mesmo disso. E não sendo só pose, já é demo.

Fernando Luna



O segredo da juventude

Nos últimos tempos, Lulu Santos costuma declarar que anda "lindo, leve e solto", coisa que a audição do CD *Anti Ciclone Tropical* não desmente. A frase é um dos versos de "Dancin' Days" (Nelson Motta e Ruban), sucesso das Frenéticas agora gravado por Lulu, mas sintetiza a forma como ele vem encarando a vida e a carreira.

Num meio voraz, que prega uma eterna juventude, o quarentão popstar administra com prazer, saúde e boa pinta a "provecta" condição. Solto, vai da dance ao samba metafísico "Pipoca À Meia-Noite" (de Jorge Mautner e Nelson Jacobina) ou relembra em boa hora sua parceria com o poeta Waly Salomão em "Assaltaram A Gramática II" (lançada pelos Paralamas no álbum *O Passo Do Lui*, agora ganhou um rap de Gabriel O Pensador, por isso o "II"). Também mostra novas e lindas canções de sua lavra, como a baladona "Vai Entender" e a caribenha "Quero Minha Mãe".

Antônio Carlos Miguel

SPECIALS
Today's Specials
Kuff Records/Virgin

Raspa do 2 Tone

• A exemplo do Big Bang – a explosão que deu origem ao Universo –, os Specials reaproveitam os fragmentos do 2 Tone, a mistura de ska e punk que sacudiu a Inglaterra, para voltar à ativa. Lynval Golding e Roddy Byers (guitarra, vocais) e Neville Staples (vocais) são Specials da primeira cena. Os outros integrantes estão escaldados de acompanhar Madness, English Beat etc. Mas nenhum sinal de Jerry Dammers, tecladista e pai do movimento que sacudiu a Inglaterra no final dos anos 70.

O repertório de *Today's Specials* – que saiu pelo Kuff, selo de Ali Campbell, cantor do UB 40 – é cuidadoso. Pinça a primeira fase dos Wailers de Bob Marley ("Simmer Down", "Hypocrite") e um Peter Tosh mais moderninho ("Maga Dog"); há resgates preciosos do ska jamaicano com Desmond Dekker ("007 Shanty Town") e Toots And The Maytals ("Pressure Drop") e uma releitura de "Somebody Got Murdered", do Clash, outro que bebeu na fonte musical jamaicana. Todas ganharam um clima de festa, feito para colorir as cenas de muito dançar. Simples e oportunista, feito para aproveitar o revival mundial do ska. *But who cares?*

Sérgio Martins

MAN OR ASTRO-MAN
Experiment Zero
Touch And Go Discs

Te cuida, rock fresco!

• Você acha que o Oasis é o que há de mais-mais no rock? Então faça o seguinte: pegue o seu CD do Oasis e quebre ao meio. Depois compre este *Experiment Zero* e descubra (ou redescubra) o que é rock.

O Astro Man é de longe a banda mais cool da atualidade, porque é rock'n'roll básico, tocado por caras que sabem tudo de música e não ficam perdendo tempo com arranjos cabeça e solos modorrentos. Eles usam samples de filmes sci-fi dos anos 50 em algumas faixas no ponto ideal para incendiar qualquer festa. Bandas como Man Or Astro Man?, The Mummies, Phantom Surfers e Huevos Rancheros lembram a gente que dá para fazer rock sem breguice e com inteligência. O álbum é quase todo instrumental, com exceção de "9 Volts" e "Television Man", uma boa releitura da canção dos Talking Heads. A produção dez é de Steve Albini (aquele do Big Black).

Paulo Cesar Martin

GROOVE COLLECTIVE
We The People
Impulse!/MCA

Balanço acumulado

• Os dez caras que formam o Groove Collective soltam groove pelos poros, liberam toda a sua (boa) escola de funk, soul, jazz e música latina e são um dos responsáveis pelo que há de melhor do acid jazz mundial. Também não é pra menos. O grupo formava o meio-campo talentoso das noites de Giant Steps que rolam em Nova York e que podem ser consideradas o berço do acid jazz nos Estados Unidos. Lá aconteceram jams alucinantes com nomes imortais do jazz, rappers, bluesmen, músicos latinos e quem mais tivesse swing de novo na veia.

Os caras são fabulosos. Tocam pracas e colocam tudo o que tem pra fora. Guitarrinhas funk cheias de manha, baixos lotados de som, o astral do jazz e levadas quentes estão reunidos em temas instrumentais com aquele sotaque de música feita nos anos 70. Imperdível.

Roberto Hazoles

OS REPLICANTES
Ao Vivo
Fora Da Lei

Pauleira de mão-cabeluda

• O Green Day pode chegar à frente lá pras negas do Billie Joe, mas nos buracos de Porto Alegre não é novidade. Desde 1983, os Replicantes têm se encarregado de extrair via suor as sobras hormonais da gauchada com seu punk mão-cabeluda – ainda que quase toda turma já tenha suas entradas na cabeça e o vocalista Carlos Gerbase seja um cineasta independente com uma respeitável quantidade de metros de filme rodados.

Há dez anos, quando o hino "Surfista Calhorda" ameaçou virar hit nas FMs, o posto de Gerbase era atrás da bateria, com o "Tenório MacGowan" Wander Wildner cuspindo no microfone e Cláudio e Heron Heinz arranhando guitarra e baixo. Hoje Cleber Andrade segura as baquetas, Gerbase, o pedestal, e Wander, a barra de tocar para frente o selo Fora Da Lei. O disco reúne quinze amostras do repertório haba-cósmico da banda, culminando com "Festa Punk", a "Festa De Arromba" dos moicanos. Para ouvir espirrando cerveja pelo CD-player com uma cara de chimarrão.

Jairo Bonow

RAMONES
Greatest Hits Live
Radioactive/MCA

Sílvio Caldas do punk rock

• E aí vem eles de novo. Depois da turnê de despedida, os Ramones assumem o papel de Sílvio Caldas do rock e perpetram mais um álbum. Como o nome já diz, é um registro ao vivo dos maiores sucessos da banda, em show que foi gravado em 29 de fevereiro deste ano, no The Academy, em Nova York.

Para manter coerência com seu som paleolítico, a produção é a mais tosca possível. No comando dos botões está Ed Stasium, aquele que adora produzir o Kiss. O resultado é uma massaroca sonora com a qualidade de gravação dos antigos discos piratas – os atuais dão um banho de qualidade técnica nos oficiais. Atrás de um muro de ruído todos os hits estão aí: "Sheena Is A Punk Rocker", "I Wanna Be Sedated", "Pet Sematary" e outras porradas. Ramones ao vivo é o grupo no que ele sabe fazer de melhor: rock pra lá de básico e nenhuma enchação de linguiça. Há bônus tracks de estúdio: "Any Way You Want It" e o hino "R A M O N E S". Fracas, mas valem como brinde.

Thales de Menezes

O que não pode um órgão enrugado

Eles vieram para confundir, não para explicar. Dois malucos juntaram um vasto artesanal de antiguidades tecnomusicais e regravaram com elas vários hits recentes do rock. *O Livro Moog De Receitas* é isso: reinterpretações até embaraçosas de coisas como "Basket Case", do Green Day (lembra Doobie Brothers!), ou "Black Hole Sun", do Soundgarden (transformada em trilha de desfile de fantasias). Os gênios culinários revelaram o sabor country de Lenny Kravitz em "Are You Gonna Go My Way" e trouxeram à tona o Giorgio Moroder oculto em "Everlow" do Pearl Jam. Tudo isso com os timbres às vezes maravilhosos, às vezes ridículos de moogs, ARPs, Yamahas, Rolands... aqueles objetos do desejo de qualquer progressivo ou new wave em 1978, 1979. Os dois "chefs" são Meco Eno e Uli Nomi (Brian Kehew e Roger Manning, um deles ex-Fishbone). Listaram muitas influências na capinha do CD, mas esqueceram uma óbvia: Residents. Ressalva: seus finos biscoitinhos podem ser indigestos para quem ainda leva música pop a sério demais.

Marcos Sarkoff

THE MOOG COOKBOOK
The Moog Cookbook
Restless

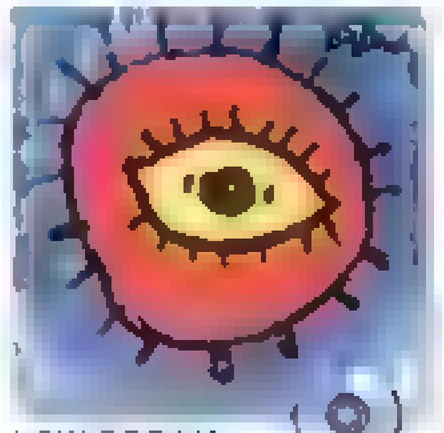
ZELIA CRISTINA
Outra Luz
Eldorado

Saída para a cafonália

• Numa época em que ainda assinava com seus prenomes, Zelia Duncan não era conhecida, apesar de figurar com insistência em reportagens do tipo "novas cantoras". *Outra Luz*, seu álbum de estréia, de [illegible] desde [illegible] que o material contém [illegible] suspeitos [illegible] mais de suspensão musical e [illegible] estranhas [illegible] repetidos em hits posteriores como "Catedral".

Zelia Cristina teve coragem de fazer seu new age-brega caber bem em formato pop. Usou recursos extremos para isso, como gravar um tema de Kenny G com letra de Orlando Morais – "Going Home", transformada em "De Onde Vem". Aqui está também seu dueto com Luiz Melodia, "Segredo", além de uma versão que acrescenta nada a "Super Homem", de Gil. *Outra Luz* é um disco que prova que [illegible] das [illegible] para o [illegible]. Mesmo que essa não tenha sido a intenção de sua autora.

Paulo Vieira



LOW DREAM
Reaching For Balloons
Uplight/RVC

A 38 passos da identidade

• Uma coisa importante a respeito do Low Dream é que, na condição de principal *guitar band* do Brasil, os caras conseguiram construir uma sólida reputação entre os *indieofilos* e peitar a responsabilidade de qualidade sem o amparo de nenhum selo ou grande gravadora. *Reaching For Balloons* é um tapa na cara de quem não acredita ser possível estruturar uma carreira decente cantando em inglês e sem ser fã de Jackson Do Pandeiro desde criança. O grupo de [illegible] suas influências (Ride, Jesus, My Bloody Valentine etc), mas anda uns 38 passos em direção a uma identidade muito própria. E, o melhor, deixa pra lá essa mania de meter todos os pedais no [illegible] pra fazer pose de mau. Aqui, o que pega é a mania de costurar refrões ganchudos nas duas guitarras afiadas, ora com teclados, ora com efeitos bacanas. Ouça e comprove se estou certo.

Ricardo Alexandre

MELANIE GARSIDE
Fossil
Echo/MCA

Cindy Lauper da Inglaterra

• Este primeiro trabalho de Melanie, ex-líder da banda inglesa Zu, traz arranjos mais suaves para as composições que a cantora e compositora já apresentava com a Zu. A produção foi entregue às mãos de duas grandes feras: Julian Mendelsohn, produtor inglês de responsa, e Paul Wickens (Wix), que ajudou o beatle Paul McCartney a reproduzir no palco os arranjos originais das músicas dos Beatles entre 1989 e 1993. Muito embora tudo pudesse levar a crer que os teclados cuidariam de tudo, o disco saiu com um bom balanço. O violão de Melanie, muito bem executado, faz um bom acompanhamento da voz, que de repente lembra um pouco Cindy Lauper (no bom sentido). A percussão, excelente em faixas como "Broken Fingers", encorpa e disfarça com maestria o excesso de programações e drum machines. É eclético e com bom gosto.

Marcelo Fróes

THROWING MUSES
Limbo
4AD

Amém, Kristin, Amém!

• Kristin Hersh, líder das Throwing Muses, é daquelas mulheres que você diria "sim" sem piscar se te pedisse em casamento. Letrista espetacular e ótima guitarrista e autora da trilha sonora da vida de um monte de gente, Hersh debulhou mais uma vez neste *Limbo*. Ouça, apoiado as faixas "Freeloader", "Tango" e o primeiro single, "Shark".

O Throwing Muses parece ter ficado ainda melhor com a saída de Tanya Donelly (que montou o chatinho Belly). Quem já conhece essa banda [illegible] sabe que os [illegible] "Cowering", "Backwards Fish", "Two Step" e "Pearl" valem a vida. Quem não conhece, é bom sair correndo para catar este *Limbo*.

Paulo César Martin

INCOGNITO
Remixed
Talkin' Loud/PolyGram

Sons para você balançar

• Tem gente que [illegible] o Incognito de fazer um acid jazz meio cabeça. Chatinho às vezes. Influências de bossa nova, acordes dissonantes, sabe como é... Se [illegible] que bom que a onda de [illegible] Paul Maunick, o líder do grupo, agora é outra. Natural das Ilhas Maurício, aficionado por música e futebol brasileiros, o cara sempre foi chegado num remelexo. E fazer balançar é exatamente a proposta de *Remixed*.

Os grandes hits do Incognito foram devidamente remixados por vários DJs ingleses de responsa. E você sabe muito bem o que uma [illegible] podem fazer com uma transa mal resolvida. O resultado é um disco [illegible] direcionado para pista, com direito até a beats acrobáticos, mas com o talento que não se vê nas [illegible]. O sensacional samba-jungle da música "Barumba" deixa isso bem claro.

Robert Halfoun

ZÉ RAMALHO
Cidades E Lendas
BMG-Ariola

Guru sem caminho

• Zé Ramalho quase se tornou um Raul Seixas da Paraíba. Messiânico, Ramalho tem todas as qualidades dos ídolos e dos gurus. Mas *Cidades E Lendas* é um disco chocho, que não é salvo nem pela ótima produção, com direito a arranjo de Sivuca. "Rap-Xote-Esotérico" parece Guilherme Arantes, "Um Lugar Para Sonhar" é uma bala da brega e, em "Os Últimos Dias", comete os versos "Saber conviver com o HIV/ Um vírus pairando sobre os mortais/ Contaminam sangue, seringas e homossexuais". O velho Zé Ramalho [illegible] "Cidades E Lendas" e no ótimo forró "Alforria", para provar que nem tudo está perdido. Mas o guru precisa reencontrar seu caminho.

Evan Paulo

JOYCE
Ilha Brasil
EMI Music

Saudades do Brasil

• Santo de casa brasileira não faz milagres mesmo. Até agora os brasileiros não entenderam muito bem o fenômeno europeu criado por Joyce nos últimos anos. Ela despontou como um dos principais [illegible] das pistas de dança em Londres e outras cidades, virando [illegible] entre a moçada mais nova.

Mas esse grato reconhecimento [illegible] Joyce a ponto de [illegible] de música brasileira da [illegible]. E o resultado é este excelente *Ilha Brasil*. Joyce não apenas resolve essa diferença [illegible] como também apresenta um dos melhores discos da última safra. Ela assina todas as músicas, algumas com Paulo César Pinheiro, Maurício Maestro ou Lulu Lobo. São temas que evocam agradavelmente Tom Jobim, Vinicius de Moraes e [illegible] instrumental [illegible] com Joyce no violão, Marcos Suzano na percussão, Hermeto Pascoal, Jaques Morelenbaum [illegible]. Vale mencionar [illegible] "Banana", "Samba Da Zona", "Até Jazz", "Ilha Brasil".

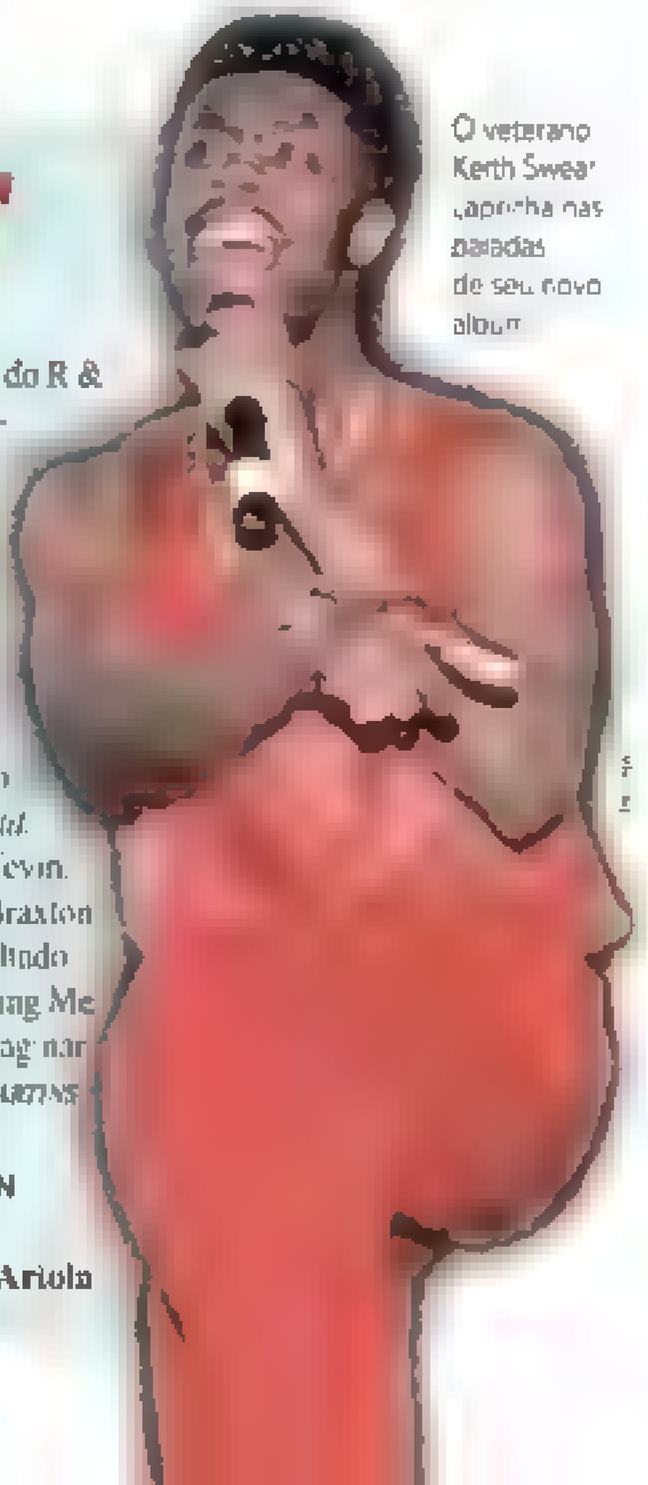
Walter de Silva

Para melar a cueca

Keith Sweat, Tevin Campbell e Toni Braxton, o Trio Ternura do R & B americano, estão de discos novos. Keith é o veterano da moçada. Já havia abalado as estruturas da soul music em 1987, com seu homônimo álbum de estréia. O novo disco – também com o nomão *Keith Sweat* à frente – segue à risca a tradição do charme: participações de gente do ramo como Aaron Hall (do pioneiríssimo Guy) e Ronald Isley (do redivivo Isley Brothers, que também cantou no álbum de R. Kelly) e alguns sacolejos escondidos entre um festival de baladas.

Tevin Campbell é menino prodígio. Foi descoberto aos 12 pelo megaprodutor Quincey Jones. Aos 17, lança este *Back To The World*, um disco de gente grande. Parcerias com Babyface e a voz de Tevin, que nos faz lembrar o Stevie Wonder de priscas eras. Toni Braxton também se apoia em Babyface para produzir *Secrets*. O resultado: uma chuva de baladas e algumas surpresas. Como "You're Making Me High", uma ode à masturbação, em que ela canta: "Eu posso imaginar você! Tocando minhas partes íntimas". Uau!

Sérgio Martins



O veterano Keith Sweat capricha nas baladas de seu novo album

TEVIN CAMPBELL
Back To The World
Qwest/WEA

KEITH SWEAT
Keith Sweat
Elektra/WEA

TONI BRAXTON
Secrets
LaFace/BMG-Ariola

Os 10 maiores astros de Hollywood

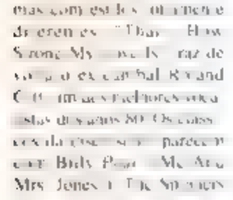
Nas bancas

REVISTA SET CINEMA & VIDEO

VÁRIOS
Beautiful Girls
Elektra/WEA
No balanço dos anos 70

• Produzida por Greg Dulli e Afghan Whigs, a trilha de *Beautiful Girls* segue uma fórmula editorial e sonora já estabelecida, mas com estilos diferentes e diferentes. Thank You Falettinme Be Mice Elf, Sting, My Sharona, The Knack, Rare de Sting e ex-canibal Richard Cheese, um dos melhores covers-sátiras dos anos 80. Os clássicos da disco music parecem com Bitty Power, Mr. Big, Mrs. Jones, The Stylistics, Could It Be I'm Falling in Love, King Floyd, Chic, Le Freak e Never Can Say Goodbye, Gloria Gaynor, Sweet Charlie Babe. O kiss contribui com quatro baladas românticas: Beth, de Peter Criss, Hard Rock Hallelujah, de Gene Simmons, Every Time I Look At You, de Paul Stanley, e Forever, de Ace Frehley. Mas nenhuma delas chega aos pés de Do You Love Me, do Contours, Dancing In The Street, do Mamas & The Papas, Stay In My Corner, do Dells, e Ain't Too Proud To Beg, dos Temptations, que fecham o CD com chave de ouro.

Cláudia Greco



VÁRIOS
Stealing Beauty
EMI Music
Frankenstein de bom gosto

• Beto Frankenstein em Missão Bolso Holiday. Um CD de covers de músicas de filmes, com a participação de Sting, Suzanne Vega, Joe Jackson, Elvis Costello, Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Marisa Monte, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes, Nando Reis, Sandra de Sá, Lulu Santos, Ed Motta, Cássia Eller, Fernanda Abreu, Herbert Vianna, Paulinho Moska, Lobão, Ritchie, Titãs, Barão Vermelho, Capital Inicial, Skank, Jota Quest, Cidade Negra, Fernanda Porto, Ira!, Engenheiros do Hawaii, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Ultraje a Rigor, Biquini Cavadão, Os Cariocas, Roupa Nova, Leoni, Ritchie, Jorge Vercillo, Zizi Possi, Ney Matogrosso, Rita Lee, Gal Costa, Elba Ramalho, Alceu Valença, Zé Ramalho, Fagner, Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Baby Consuelo, Daniela Mercury, Margareth Menezes, Carlinhos Brown, Olodum, Timbalada, Banda Eva, Asa de Águia, Chiclete com Banana, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Tom Zé, Tim Maia, Jorge Ben Jor, Wilson Simonal, Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Ivan Lins, Djavan, Milton Nascimento, Elis Regina, Beth Carvalho, Alcione, Clara Nunes, Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Fundo de Quintal, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Almir Guineto, Sombrinha, Jovelina Pérola Negra, Luiz Melodia, Ney Matogrosso, Cazuza, Barão Vermelho, Ultraje a Rigor, Titãs, Paralamas do Sucesso, Engenheiros do Hawaii, Legião Urbana, Capital Inicial, Kid Abelha

RÁPIDO & RASTEIRO

Tem pacotão embecado na área. Prepare-se para se encher de balanço e transformar sua festa num baile de responsa como as noites cheias de charme promovidas pela equipe do Casino Disco Club, no Rio. Muito antes do estilo virar moda, a galera do Casino já colocava a rapaziada na maior estica para dançar coreografado em bailes para quase 5 mil pessoas. **Casino Disco Club Vol. 5** não podia ser diferente e charme de profissa. O repertório é impecável e as 12 musicas do disco vão pintando no CD numa ordem contagiante. Amostra gratis: versão raggae charm de "Sexual Healing", de **MAX-A-MILLION** e na sequência a especialíssima "Happy", com **JUDY ALBANESE**. Quer mais? Troca o CD que DJ Edu Corello, o pai do charme carioca, assume os pick ups e arrebenta. **R&B Connection** (Continental) é outro show de balanço. Os nomes que pintam no disco falam por si: **BRANDY, D-INFLUENCE, SILK** e até uma galera que mistura rap com R&B como o **INI KAMOZE, FOESUN** e **ROB'N'RAZ**. Sem sair da pista, a festa continua com **Super Charm Vol. 1** (MCA). **BOBBY BROWN** abre o disco. Precisa dizer mais? Precisa, porque ainda tem **JODECI, C&C MUSIC FACTORY** com as garotas do **A.S.K.M.E** e **VIC BLACK**, na pegajosa "I'll Be Around", **SOUL FOR REAL** e mais 11 nomes de peso. É melhor você colocar uma meia grossa pra não fazer bolha no pé. Misturando charme, soul e até o acid jazz do **BRAND NEW HEAVIES**, **Charme, Soul & Balanço** (Polygram) mantem o volume das caixas no talo com uma seleção variada de fazer inveja. Não é mole, não: **LORENZO, MONTELL JORDAN, II CLOSE, BOYZ II MEN, CAMEO...** Em **Rappers Paradise** (MCA), no meio de algumas porradas do gangsta rap, o estilo mostra seu lado arrumadinho, incorpora beats de R&B e também vai parar na pista. O hit "Gangsta's Paradise", de **COOLIO**, abre o disco. **GENIUS** em parceria com **D'ANGELO, NONCHALANT, LOST BOYZ** e **RUFFA** com **TASHA** são imperdíveis. Se liga, shock, que é dica de irmão. Em cinco CDs dá pra sacar boa parte do que há de melhor na atual musica negra americana.

Robert Halfoun

Bolsa de discos

		Claudia Grecchi	Israel do Vale	Marcelo Ambrósio	Marcelo Fróes	Ricardo Alexandre	Robert Halfoun	Sergio Martins	Tarcísio	Zeca Camargo
8,8	BECK *Odelay* MCA	10	10	7	9	9	10	8	8	7	10
8,5	J. J. CALE *Guitar Man* Virgin	8	8	9	•	9	•	9	9	8	8
8,1	OS PARALAMAS DO SUCESSO *Nove Luas* EMI	8	7	9	8	10	8	10	8	6	7
8,1	SKANK [illegible] Sony	8	9	9	8	8	8	10	8	6	7
7,8	PORNO FOR PYROS *Good God's Urge* BMG	9	7	8	8	9	6	9	9	7	6
7,8	GEORGE CLINTON *T.A.P.A.F.O.M.* Sony	•	8	8	7	•	9	•	9	8	6
7,5	NEIL YOUNG & CRAZY HORSE *Broken Arrow* WEA	8	8	9	7	9	7	7	7	7	6
6,8	OS OSTRAS *Os Ostras* *Excelente*	8	6	7	6	6	10	8	6	5	•
6,1	SLAYER *Undisputed Attitude* BMG	•	6	7	•	8	0	9	7	6	•
5,7	ODOÓ JEKA [illegible] Virgin	7	7	7	•	7	1	•	6	6	5

Pra você que está lendo a SHOWBIZZ
e ficou a fim de um monte de CDs.

Mutação envaginada de Jim e Bob Dylan

Patti Smith, a lendária poetisa do punk, ganha uma caixa de CDs a altura de seu talento

Ela transformou o amor num toque de telefone ("Because The Night"). Disse que Jesus morreu pelos pecados de alguem, nao pelos dela ("Gloria", de Van Morrison, adulterada). Bradou: "Fora da sociedade / É onde eu quero ficar" (na musica "Rock N Roll Nigger"). Voltou muitos anos depois cantando que "o povo tem o poder" ("People Have The Power"). Na capa do primeiro disco, Horses, aparece masculina, a cara do Keith Richards. Na capa do terceiro, Easter, coloca em primeiro plano os seios, embutidos em fina camiseta, e a axila esquerda, peluda feito taturana. Na capa do quarto LP, Wave, de branco, segura duas pombas e olha assustada. PATTI SMITH colou poesia e rock & roll na louca Nova York dos anos 70, foi pioneira do que nos EUA chamam de punk, transou androginia e todo tipo de transgressao as normas de conduta. Um belo dia se apaixonou por um guitarrista (Fred Smith, do MC5) e largou tudo para viver vida de mulher cuidando do lar e dos filhos.

Uma caixa com a obra dessa mulher é viagem mais do que enriquecedora. The Patti Smith Masters (seus cinco primeiros CDs com faixas-extras e mais um disco melhores-momentos) pode nao ser cem por cento palatável, mas sempre propõe idéias interessantes. Os maiores fãs dela a enxergam como uma mutação envaginada de Bob Dylan e Jim Morrison. Exagero, se bem que prometido por sua estreia, *Horses*. Produzido por John Cale, este é o disco que mudou a vida de Michael Stipe, do R.E.M. . Tem como bônus uma versão demencial de "My Generation" com as guitarras punks de Lenny Kaye e Ivan Kral mais um John Cale animal no baixo – de calar a boca de Babes In Toyland, Seven Year Bitch e outras bruacas gritonas de hoje em dia.

Radio Ethiopia, segundo album, e aquele em que Patti não facilita nada. Dificil, verborrágico, o disco traz três faixas antologicas: "Ask The Angels", "Pissing In A River" e "Pumping (My Heart)". *Easter*, o terceiro, foi gravado em 1978, depois de Patti ter quebrado duas vértebras durante um show na Flórida. Inclui seu maior hit, a parceria com Bruce Springsteen "Because The Night". "Desejo é fome, é o fogo que eu respiro", informa a canção-cantada, antes de justificar, perfeita, "porque a noite pertence aos amantes". Em "Babelogue", introdução ao vivo de "Rock'N'Roll Nigger", Patti deliciava a plateia com maliciosos discursos politico-existenciais: "Eu não f. muito com o passado, mas E... de montão com o futuro!"

Hoje, ela diz que não se sente confortavel falando sobre sexo num palco. "Como posso encorajar a sexualidade num mundo em que a Aids é tão perigosa?" Courtney Love, Chrissie Hynde, Debbie Harry, Madonna e Alanis Morissette, todas elas e suas contradições estao prenunciadas em momentos como esse.

Muito antes de Sinéad O'Connor rasgar a foto do Papa, Patti já estava dando a volta pelo outro lado. *Wave*, de 1979, estampa no encarte João Paulo I, o Tancredo da Igreja Católica, e cita o poeta alemão Rainer Maria Rilke: "Talvez seja a mais difícil de nossas tarefas /Um ser humano amar o outro". Produzido por Todd Rundgren, o disco tem uma versão de "So You Want To Be A Rock & Roll Star", dos Byrds, e a classica "Dancing Barefoot" que podia ser do Fleetwood Mac, nao fosse a letra heroinomaniaca.

Dream Of Life, que saiu em 1988, já na fase mãezona, celebra a fé no ser humano. Apresenta duas grandes faixas, "Looking For You" e "People Have The Power", e um lado épico/sombrio que desaguaria mais triste no difícil disco que marca a volta de Patti agora, *Gone Again*.

Pedro So

O Bauzão da MPB

O produtor, cantor, compositor arranjador e outras *coisas mais* Aloysio de Oliveira curtiu a vida como poucos. Desde o Bando Da Lua até a bossa-nova, seu nome resplandece como neón e sua vida merece um baugrafo de primeira. Pouco antes de morrer, em 1995, montou um projeto com a EMI para relançar algumas preciosidades do seu selo Elenco. Desse baú maravilhoso saíram quatro coletâneas – **História de Pescadores**, de **DORIVAL CAYMMI**, **LUIZ EÇA & QUINTETO VILLA LOBOS**, **Genios do Violão**, com **GAROTO E LUIZ BONFÁ** e o preciosissimo **O Cantor De Todas As Bossas**, de **LUCIO ALVES**. De quebra, dois lançamentos de LPs originais em CD: **MAYSA** com **O Ultimo Disco** e **Paulistana**, obra de **BILLY BLANCO**. Apesar do valor histórico de todos eles, o disco de Lucio Alves é o que mais reluz, recuperando o mais perfeito interprete de bossas, balanços e baladas de todos os tempos. Conhecido como o "cantor das multidões", já que as multidões pareciam não saber de sua existência, Lúcio ganhou uma coletânea que inclui Jair Amorim, Alcyr Pires Vermelho, Dorival Caymmi e Tom Jobim, entre outros, dando a cada canção uma roupa ao mesmo tempo elegante e confortável, como um sapato novo que não aperta. São 24 faixas (a minha favorita é "Estrada Do Sol", Tom Jobim e Dolores Duran) que colocam Lúcio no seu devido lugar histórico: passagem obrigatória entre Mário Reis e João Gilberto. Vai cantar assim lá no Paraíso.

Marcus Veras

Interpretação bruta

Aos que não conheciam este disco, é chegado o momento: chega ao CD o trabalho de estréia de **MARIA BETHANIA**, gravado em 1965. Pertence ao auge da era da canção de protesto – o que tornaria ínfima a chance de que seu prazo de validade não estivesse vencido em 1996. Só não está por uma razao: o protesto maniqueista daqueles tempos se estarela frente à força interpretativa bruta que Bethania ostenta em cada fragmento de canção. É aqui que se encontra "Carcará", até hoje sua marca mais poderosa.

De resto, é pura história: embora Bethania nunca tenha se deixado "tropicalizar", aqui são lançadas as primeiras composições do irmão tropicalista Caetano e a voz de Maria da Graça, futura Gal Costa (no pungente duelo de "Sol Negro", com participação também de Jards Macale), o mestre Nelson Cavaquinho toca em "Feiticeira", talvez a faixa mais emocionante. preenchem o disco chapões de artistas tao importantes quanto Noel Rosa, João de Barro, Caymmi, Batatinha e Monsueto Menezes (na estupenda "Mora Na Filosofia").

Pedro Alexandre Sanches

O parto do Rei

Dois CDs e um vídeo relembram os altos e baixos da carreira de Elvis Presley

Quatro décadas depois de **ELVIS PRESLEY** conquistar seu lugar cativo no inconsciente coletivo dos tenraqueos, dois lançamentos resgatam o momento em que ele transformou-se no rei do rock'n'roll. O vídeo e o disco **Elvis 56** (BMG-Ariola) dissecam os doze primeiros meses da carreira de Elvis Presley – isso se descontarmos os tempos na lendária gravadora Sun, selo pelo qual ele gravou seus cinco primeiros singles. Também chega às lojas a coletânea **Heart & Soul** (BMG-Ariola), cheia de baladas.

Elvis 56 traz a nata da produção de um Elvis jovem e inquieto, que sonhava ser James Dean e tinha pento para encarar os conservadores de plantão – como o seboso apresentador de TV Ed Sullivan, que nunca mais viu o cantor em sua vida depois de mostrá-lo apenas da cintura para cima em seu show. O ótimo documentário mostra como Elvis era uma perigosa ameaça nos idos de 1956, um branco de alma negra que levava multidões de adolescentes ao êxtase com canções de figuras como Little Richard. O material reunido no disco é de arrepiar: "Heartbreak Hotel", "Blue Suede Shoes", "Tutti Frutti", "Hound Dog", "Shake, Rattle and Roll", "Rip It Up"... clássicos remasterizados de no máximo dois minutos e meio de duração, capazes de tirar o fôlego de qualquer fã de rock'n roll.

Como nem tudo são flores, também está sendo lançada no Brasil a coletânea *Heart & Soul*. Trata-se de uma seleção de baladas chorosas, perfeita para você dar de presente para a sua mãe. Afinal, o que podemos dizer de um disco que começa com "Love Me Tender", passa por "It's Now Or Never" e vai acabar com uma lamentável versão de "Bridge Over Troubled Water", de Simon & Garfunkel? *HÉLIO GOMES*

saudosa Perversão

Se tem uma banda que realmente botou pra foder nos anos 80 foi essa. Pouco se lixaram para convenções e desprezaram todas as chances de um possível sucesso reinventando-se o tempo inteiro. O **DEFALLA** é gótico? O DeFalla é funk? É punk, hip hop? O cassete! Sempre foi a perversão dos modismos e vanguardismos, tratados como fuleiragem qualquer. Coisa de malucos que mais se preocupam em detonar cerebros do que qualquer coisa.

DeFalla: cara-de-pau e coquetel sonoro que renderam dois grandes CDs

Papaparty e **It's Fuckin' Borin To Death**. Ouvindo esses álbuns com o distanciamento que dez anos propiciam, redescobre-se a espontaneidade de seu som e chega-se à conclusão de que fossem eles uma banda estreante nesse final de século, viranam não só os ídolos de dez entre dez roqueiros malucos – que acabaram virando a nova geração do *rock brasília* – e queridinhos da imprensa. Seriam um estrondoso sucesso radiofônico e brilhariam em tempos de MTV. Nunca lhes faltou os hits potenciais e o visual extravagante fundamentais para tanto. Muito menos a qualidade instrumental de Edu K, Biba Meira – reconhecida –, e, especialmente, do baixista Flávio Santos e do guitarrista Castor Daudt, relegados a segundo plano na época ante o destaque dado aos dois primeiros.

Oportunissimo este relançamento para se detonar no volume máximo chinelices como "Sodomia", "Repelente", a versão de "Como Vovó Já Dizia", "It's Fucking Borin To Death" e "Não Me Mande Flores" – da qual até hoje esses sacanas me devem o crédito de parceria que omitiram por pura preguiça.

Ouça e tente imaginar se Chico Science & Nação Zumbi, Planet Hemp, Mundo Livre s/a e muitos outros ídolos atuais seriam tão bacanas se não tivessem exibido esses caras-de-pau antes.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

O arquiteto que virou sucozinho

Os anos 90 tiveram de esperar cinco anos para rir sem culpa com o deboche e a cara lavada dos Mamonas – e, mais recentemente, Tiririca. Mas o verdadeiro guru, o marco zero, a pedra fundamental, enfim, o real culpado por abrir as picadas da fim-da-picada-music foi o (no bom sentido) grande, enorme, colossal FALCÃO e seu Bonito, Lindo E Joiado. O álbum traz aquela inconfundível vozinha de taquara rachada, aquele palavreado que faz até Clemilda corar, aquelas histórias de corno, aqueles trocadilhos infames. Ou seja, todo o descaramento de Falcão, o arquiteto que virou suco ("sucozinho", diria ele).

Além do classicaço "I'm Not Dog No" (versão para o *plurimegahit* de Waldick Soriano), Marcondes Falcão Maia bota o nariz (digo, a goela) a serviço de bijouterias (que pérola é coisa pra bacana) como "Canto Bregoriano II", "Vão-se Os Cabaços, Ficam-se Os Desgostos" e "O Amor Que Antes De Ser Já Era". Quer mais? Então fique com essa, do twist-sem-razão-de-ser-mas-foi "Um Bodegueiro Na Flec": "A burgesia fede/ Mas tem dinheiro pra comprar perfume". Bonito, porreta e cheiroso.

Falcão detona um banquete de músicas engraçadas

Israel Do Vale

Divulgação

Sopro no coração

Problemas cardíacos, taquicardia emoções exageradas. É alto o índice de adeptos do reggae que sofrem desse bem. Motivo: as fortes emoções geradas pela escaleta – um cruzamento entre teclado e instrumento de sopro – de **AUGUSTUS PABLO**. Nascido Horace Swaby nas quebradas de Kingston, Jamaica, lá pelos idos de 1953, ele é um dos papas da dub music, o lado mais experimental do reggae – e que até hoje faz a cabeça de gente tão distinta quanto Massive Attack e Nine Inch Nails.

Pablo é tecladista por opção e se interessou pela escaleta ainda na adolescência. Seu serviço de sopro encantou gente como Bob Marley – que o levou para trabalhar no Studio One, um dos mais lendários da Jamaica – e tocou nas primeiras versões de "Sun In Shining" e "Kaya". Elas estão lá, irretocáveis, nas melhores coletâneas dos Wailers iniciais. Em 1971, já com o nome artístico de Augustus Pablo, ele repartiu experiências extra-sensoriais com nomes como King Tubby e Lee Perry, além de acompanhar diversos cantores jamaicanos.

Boa parte dessa história está sendo contada na coletânea importada **Classic Rockers** (Island). São 16 faixas, muitas delas acompanhadas de indefectíveis versões dub, em que Pablo duela ao lado Jacob Miller, Delroy Wilson e Junior Delgado. Tem até uma releitura para o clássico japonês "Sukiaki" (!!). Ouça, de preferência, acompanhado pelo cardiologista de plantão.

Sérgio Martins

Melodias em frente e verso

Era uma vez um garoto de 16 anos que gravou, em 1967, a frente dos Box Tops, grupo de soul branco, teleguiado por produtores, porém bom – o monstruoso hit "The Letter". Sai banda seguinte, Big Star, registrou quatro discos melodicamente geniais no começo dos anos 70. Desde então **ALEX CHILTON** oscila entre grandes e esquisitas gravações, multiplicando seu ligado e sua carreira 1970 e o elo perdido entre Box Tops e Big Star, um disco lendário que saiu 26 anos depois de gravado e engavetado por Chilton. Aos 19 anos – idade que Iggy tinha ao gravar *The Stooges*, o maior disco da história do rock –, nosso herói não fez nenhuma obra-prima, mas registrou um trabalho que revela seus dois lados: o melodista sensível e o melodista selvagem.

Contaminado pelo country rock praticado na época pelos Flying Burrito Brothers, que tinham nos Stones seus maiores fãs, Chilton enterra a pedal steel de Jeff Newman em várias faixas – entre elas, a clássica "Free Again". Menos inspirado nas tentativas blues, ele brilha mais em baladas como "Every Day As We Grow Closer" e "The EMI Song (Smile For Me)". Também se sai bem no rock safado "All I Really Want Is Money" e termina destroçando num "Heavy Medley" que funde "Sugar Sugar" e "I Got The Feeling", de James Brown. Grande exumação! *Pedro Só*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARICIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 – CEP 05479-900 – Tel.: (011) 867-3000 – Fax: (011) 867-3000 – São Paulo – SP

Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 23 – sala 2503 – Castelo – Rio de Janeiro – CEP 20030-021 – Caixa Postal 4616 – Tel.: (021) 532-0313 – Fax: 021-532-1486/532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. – SDS Ed. Venâncio – Bl. "A" – sala 202 – CEP 70300 – Brasília/DF – Tel.: (061) 321-0305 – Fax: (061) 226-7644

Campinas: C2 Press Com. e Representações Ltda. – Rua Antônio Cesarino, 967 – CEP 13015-291 – Campinas/SP – Tel./Fax: (019) 32-7975

Fortaleza: AG Holanda Comunicação – Rua Edgar Borges, 8 – sala 103 – CEP 60050-100 – Fortaleza/CE – Tel.: (085) 254-1666 – Fax: (085) 224-4761

Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Representações Ltda. – Av. Contorno, 8000 – sala 1101 – Ed. Wall Street – CEP 30110-907 – Belo Horizonte/MG – Tel. e Fax: (031) 335-8789

Paraná: M.L.C. Representações Comerciais – R. Cândido de Abreu, 526 – cj. 604 – Bloco B – CEP 80530-005 – Curitiba/PR – Tel.: (041) 253-4046 – Fax: (041) 252-2844

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. – Av. Marechal Câmara, 60 – 9º andar – sala 979 – CEP 20020-080 – Telefax: (021) 220-1762

Rio Grande do Sul: Print Sul – Av. da Azenha, 1502 – cj. 206 – CEP 90060 – Porto Alegre/RS – Tel.: (051) 223-0528 – Fax: (051) 227-1055

Santa Catarina: Bly Secretaria – Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 – Cond. Village II – Florianópolis/SC – Tel./Fax: (048) 232-0519

Vitória: Duarte Propaganda & Marketing Ltda. – Rua Fábio Ruschi, 42 A – Bento Ferreira – Espírito Santo – Telefax: (027) 324-1174

LANÇAMENTOS

Da pureza do Blues de Clara à sutileza das baladas de Mona... sensacional!

EXCLUSIVOS

GRAVADORA MOVIE PLAY

Qualidade em Música de Qualidade

Tel.: (011) 605-3007
Fax: (011) 607-1323

Enjoy it

corpão violão

Curvas perfeitas pra embalar qualquer levada

YAMAHA - APX-96 LTD
Cordas de aço e sonoridade acústica com várias alternativas de equalização. É um dos preferidos de Cássia Eller e Chico Cesar
R$ 780

GIBSON - CHET ATKINS CE
Clássico cheio de classe. Pode ser plugado e o corpo sólido garante um supersustain. O controle de volume é individual para cada corda
R$ 1670

ARIA – AC 25-E
"Um banquinho, um violão..." Eletroacustico, com cordas de nylon e controles de grave e agudo, é o mais usado pelos profissionais da MPB **R$ 410**

JASMINE TS 26 C
Violão folk, eletroacustico. Controles de grave e agudo. É plugar e alucinar
R$ 660

FOTOS: ARY DIESENDRUCK

GIANNINI CLASSICO
Este é baratinho... Bom pra quem está aprendendo e excelente para encher o saco alheio em rodinhas de violão. Cordas de nylon. **R$ 150**

YAMAHA FG 30LTD
Folk, cordas de aço. Eric Clapton usa um semelhante da marca Martin
R$ 350

TAYLOR 855
Doze cordas, como Jimi Page gosta. É o sonho daqueles que se amarram num som viajandão. Qualquer acorde parece uma sinfonia **R$ 2 mil**

TAKAMINE EF 341 C
Cordas de aço e três bandas de equalização é um dos melhores disponíves no mercado
R$ 1360

ONDE ACHAR

- **GANG MUSIC** Rua Teodoro Sampaio 806 São Paulo, SP Fone/Fax: (011) 3061-5000
- **LEIMAR** – Av. Rebouças 3060 - São Paulo, SP Fone: (011) 814-9588
- **SHOWPOINT** Rua Alceu Amoroso Lima, 105, loja A Rio de Janeiro, RJ Fone/Fax: (021) 493-0626
- **GOOD MUSIC** – Rua Coronel Vicente, 397 Porto Alegre, RS Fone: (051) 225-0343
- **MUSIMED** – Edifício Venâncio IV, setor de Diversões Sul, sala 105 - Brasília, DF Fone: (061) 225-5620

Letras traduzidas

KISS

(Paul Stanley, Bob Ezrin)

I feel uptight on a saturday night
Nine o'clock, the radio is the only light
I hear my song and pulls me trough
Comes on strong, tells me what I got to do
I got to

Get Up
Everybody's gonna move their feet
Get down
Everybody's gonna leave their seat
You gotta lose your mind in Detroit Rock City

Getting late
I just can't wait
Ten o'clock and I know I gotta hit the road
First I drink, then I smoke
Start the car, and I try to make the midnight show

Movin' fast, doin' 95
Hit to speed but I'm still movin' much too slow
I feel so good, I'm so alive
I hear my song playin' on the radio
It goes

Twelve o'clock, I gotta rock
There's a truck ahead, lights starin' at my eyes
Oh my God, no time to turn
I got to laugh 'cause I know I'm gonna die
Why?

Detroit, a cidade do rock

Eu me sinto paranóico no sábado à noite
Nove em ponto, o rádio é a única salvação
Eu ouço minha música e ela me impulsiona
Bate forte, me diz o que eu tenho de fazer
E eu tenho

Todo mundo vai se maxer
Cai dentro
Todo mundo vai abandonar seus assentos
Você tem de enlouquecer em Detroit, a cidade do rock

Está ficando tarde
Eu mal posso esperar
Dez em ponto e eu sei que tenho de encarar a estrada
Primeiro eu tomo um drink, depois fumo
Dou partida no carro e tento chegar à meia-noite
para o show

Estou indo rápido, dando 95
É a velocidade máxima, mas ainda estou muito
devagar
Eu me sinto tão bem, estou tão vivo
E ouço minha musica tocar no rádio do carro
É continua

Meia-noite, eu tenho de tocar
Tem um caminhão na minha frente, as luzes me cegam
Oh meu Deus, não há tempo de desviar
Eu tenho de sorrir porque eu sei que vou morrer
Por quê?

GARBAGE

(Garbage)

I'm only happy when it rains
I feel good when it's complicated
And though I know you can't appreciate it
I'm only happy when it rains

Pour your misery down
pour your misery down on me (2 x)

I'm only happy when it rains
I feel good when things are going wrong
I only listen to the sad songs
I m only happy when it rains

I only smile in the dark
My only comfort is the night gone black
I didn't accidentaly tell you that
I'm only happy when it rains
You'll get the message by the time I'm through
When I complain about me and you
I'm only happy when it rains

Pour your misery down
pour your misery down on me (3 x)

Pour your misery down
You can keep me company as long as you don't care

I'm only happy when it rains
You wanna hear about my new obsession
I'm riding high upon a deep depression
I'm only happy when it rains

Só quando chove eu sou feliz

Só quando chove eu sou feliz
Só sou feliz quando tudo se complica
E mesmo sabendo que você não gosta
Só quando chove eu sou feliz
Você sabe que eu adoro as más notícias
E sabe por que é tão gostoso ficar mal
Só quando chove eu sou feliz

Espalhe sua tristeza... espalhe sua tristeza por mim

Só quando chove eu sou feliz
Me sinto bem quando as coisas dão errado
Eu só escuto as canções bem tristes
Só quando chove eu sou feliz

Eu só sorrio no escuro
Meu única conforto é a noite negra
E não te conto isso por acaso
Só quando chove eu sou feliz
Você vai entender quando eu acabar
Quando reclamo de mim e de você
Só quando chove eu sou feliz

Espalhe sua tristeza... espalhe sua tristeza sobre mim (3x)
Espalhe sua tristeza
Você pode me fazer companhia, desde que você não se importe

Só quando chove eu sou feliz
Você quer saber da minha nova obsessão
Eu tô voando numa depressão profunda
Só quando chove eu sou feliz

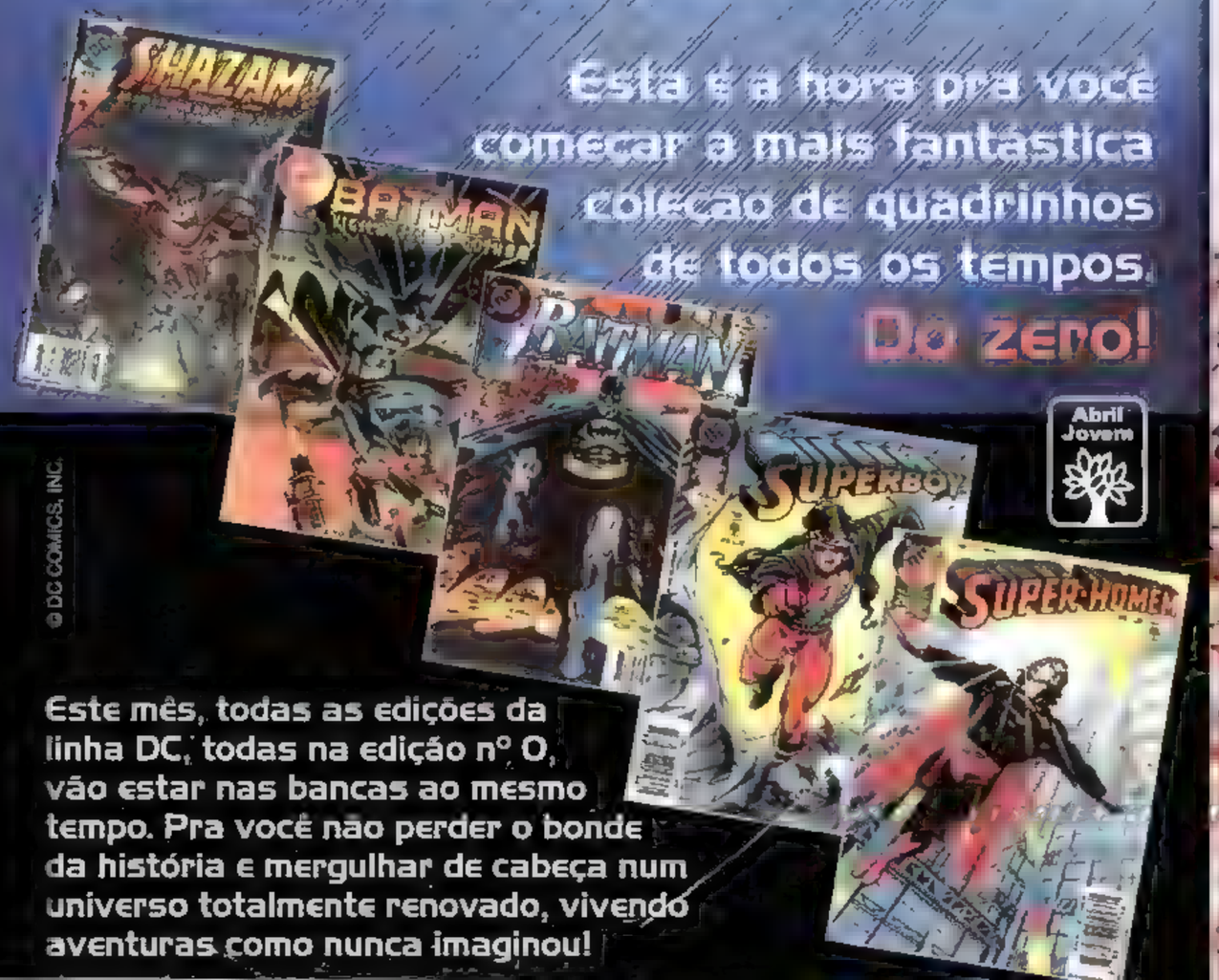
ZEROU TUDO!

00:00

ACOMPANHE OS NOVOS TEMPOS DA AVENTURA!

Esta é a hora pra você começar a mais fantástica coleção de quadrinhos de todos os tempos.

Do zero!



Este mês, todas as edições da linha DC, todas na edição nº 0, vão estar nas bancas ao mesmo tempo. Pra você não perder o bonde da história e mergulhar de cabeça num universo totalmente renovado, vivendo aventuras como nunca imaginou!

Funk You

Cheque o nível da sua melanina musical

1 *É impossível falar de funk sem citar George Clinton. Considerado Deus por deuses do porte de Stevie Wonder e James Brown, Clinton é o fundador dos lendários grupos Parliament e Funkadelic, principais influências dos Red Hot Chili Peppers e de milhares de outras bandas. Durante as apresentações do Parliament/Funkadelic, Clinton e seus colegas costumavam:*
a) fumar maconha e simular atos sexuais
b) evocar o demo e simular masturbação
c) tomar nos canos e fazer solos de mais de 40 minutos
d) fazer coreografias homo-eróticas
e) se despir no palco e usar o pênis como palheta

2 *Baixista e compositor do Parliament-Funkadelic, Bootsy Collins revolucionou a maneira de tocar baixo e chegou a fazer mais sucesso com seus discos solo do que com os álbuns do P-Funk. Em 90 voltou a roubar a cena, desta vez com uma participação especial num clip de um grupo psycho-modernínho.*
a) Deee-Lite
b) Red Hot Chili Peppers
c) Babes In Toyland
d) Mamonas Assassinas
e) Brand New Heavies

3 *Praticamente todas as bandas dos anos 70 beberam na fonte de Sly And The Family Stone. Consagrado em Woodstock, em 1969, o grupo tinha um grande envolvimento com o movimento contra a segregação racial nos EUA. Participava constantemente de*
a) convenções dos Panteras Negras
b) passeatas contra os brancos no poder
c) pancadaria com a polícia americana
d) festas para homossexuais negros
e) visitas a fábricas da grife Tirinca

4 *Nascido em 1933, no estado de South Carolina, nos EUA, Brown revolucionou a música negra quando lançou o single "Please, Please, Please", em 1959. Com sua performance frenética no palco e seus funks poderosos, Brown foi logo chamado por um apelido explosivo:*
a) Mr. TNT
b) Mr. Dynamite
c) James Bomber
d) Buttman
e) The Godfather Of Soul

5 *Formado no bairro do Bronx, Nova York, pelo guitarrista Nile Rodgers, o baixista Bernard Edwards e o baterista Tony Thompson, o Chic marcou os anos 70. Seus maiores hits foram:*
a) "Dance, Dance, Dance" "Le Freak" e "Good Times"
b) "Everybody Dance", "C'est Chic", "We Are Family"
c) "Everybody Dance", "Le Freak", "We Are Family"
d) "Everybody Dance" "La Konga" "C'est Chic"
e) "Everybody Dance" "Dance, Dance, Dance" "Celebration"

6 *A partir de 1981, Nile Rodgers também passou a produzir discos. Ele trabalhou em mais de 50 álbuns. Entre eles estão os discos de Robert Palmer, Rod Stewart, Debbie Harry e o de uma ótima cantora*
a) Donna Summer
b) Sinéad O' Connor
c) Alanis Morissette
d) Madonna
e) Neneh Cherry

7 *Influenciados pelos Bar-Kays e Sly And The Family Stone, o som dos Commodores foi chamado de hard funk no início da carreira. Anos mais tarde, o grupo que lançou Lionel Richie estourou com baladas como "Easy", vendeu mais de 40 milhões de discos e foi apelidado de*
a) os papas do soul
b) os super-freaks
c) os Beatles do Funk
d) os A. Stars
e) Bacalhau

8 *Investindo no funk e no r&b, Robert "Kool" Bell fundou o Kool and the Gang em 68 com os mesmos integrantes do Jazziacs, grupo de jazz dos começo dos anos 60. O grupo ficou superpopular depois de participar da trilha sonora de um filme clássico dos anos 70. O filme é:*
a) Love Story
b) Atrás Da Porta Verde
c) O Poderoso Chefão
d) Os Embalos de Sábado à Noite
e) Rocky, O Lutador

9 *Rick James ficou tão conhecido por seu visual quanto pela sua música. Chamado de Super-Freak, foi a referência básica de Prince. Bad boy por natureza, Rick é cocainômano assumido e foi preso várias vezes. Em 1991 foi condenado a cinco anos e quatro meses de cana porque*
a) junto com sua mulher, espancou um policial que pegou o casal traficando
b) junto com sua mulher, violentou uma adolescente fã do seu trabalho
c) junto com sua mulher, espancou uma garota com quem tinha feito uma orgia
d) foi pego na Sunset Boulevard, em Los Angeles, pagando um boquete num famoso ator de cinema
e) vendeu pó-de-giz com maizena para MC Hammer dizendo que era brizola

10 *Um dos conjuntos vocais mais populares dos anos 70, os O'Jays sempre ocuparam os primeiros lugares das paradas de r&b. Em 1977 um importante componente do grupo morreu de câncer e foi substituído por Sammy Strain. Seu nome:*
a) Walter Williams
b) Bernie Worrell
c) O.J. Powell
d) O.J. Simpson
e) William Powell

11 *Maurice White, talentoso baterista de Memphis, fundou o Earth, Wind & Fire em 1971, com mais oito músicos negros em Chicago. Misturando jazz, funk, rhythm & blues, soft soul, ritmos latinos, africanos e folclóricos, eles mudaram o som do pop negro nos anos 70. Dedicado a Charles Stepney, que dividia a produção com White e morreu em 1976, o álbum mais vendido do EW&F é:*
a) Gratitude
b) All 'n All
c) Faces
d) Raise
e) Spirit

Stamp Rock Wear

PRODUTOS OFICIAIS — IMPORTADO NO BRASIL — FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS PELAS BANDAS

ALTA QUALIDADE

TAMANHOS P M G

RECEBA PELO CORREIO

PAGUE AO RETIRAR

TS 200 IRON MAIDEN

TS 201 DOORS

TS 202 LED ZEPPELIN

TS 203 RAMONES

TS 204 PINK FLOYD

TS 205 PANTERA

TS 206 DOORS

TS 207 JIMI HENDRIX

TS 208 IRON MAIDEN

TS 209 LED ZEPPELIN

TS 210 PANTERA

TS 211 DOORS

TS 212 PAGE/PLANT

TS 213 DOORS

TS 214 IRON MAIDEN

TS 215 RAMONES

TS 216 LED ZEPPELIN

TS 217 DOORS

TS 218 IRON MAIDEN

TS 219 BIOHAZARD

TS 220 DREAM THEATER

TS 221 PRIMUS

TS 222 HOLE

TS 223 BODY COUNT

TS 224 MADONNA

TS 225 DOORS

TS 226 RAMONES

TS 227 PINK FLOYD

TS 228 LED ZEPPELIN

TS 229 DOORS

TS 230 JIMI HENDRIX

TS 231 LED ZEPPELIN

TS 232 DOORS

TS 233 LED ZEPPELIN

TS 234 BEASTIE BOYS

TS 235 MADONNA

TS 236 BIOHAZARD

TS 237 PANTERA

TS 238 SEPULTURA

TS 239 SEPULTURA

TS 240 SEPULTURA

TS 241 SEPULTURA

R$ 22,00

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

LOJAS STAMP:

AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222.9984 - GAL. ROCK.
RUA 24 DE MAIO, 116 - TERREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222.7015

RIO DE JANEIRO ROCK'N'ROLL — REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1º PISO - B. DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU COPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022.051 - SÃO PAULO/SP

- NOME: _____
- END: _____
- CEP: _____ CIDADE: _____ EST:
- TEL.: _____ ASSINATURA: _____

REF:	TAM:	REF:	TAM:	REF:	TAM:

VALOR TOTAL: R$ _____ + FRETE

ATENÇÃO: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

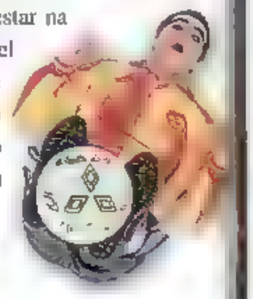
SKANKhumilha

De bola cheia, grupo vende seu segundo milhão de discos e chuta longe o olho-grande

Depois de quase dois milhões de cópias vendidas (um milhão por *Calango* e 900 mil – até agora – por *O Samba Poconé*), o pessoal do Skank comemora "Da próxima vez – se Deus quiser – a gente faz a foto para a revista num milharal", brinca Fernando Furtado, empresário do grupo, fazendo referência à capa de SHOWBIZZ que mostrou Samuel com um milho gigante, no começo do ano. Enquanto isso, o quarteto segue trabalhando pesadó: até o fim de 1997 o Skank não sai da estrada.

Tanto sucesso já atraiu olho-grande. Um suposto poeta baiano chamado Ajax Jorge da Silva resolveu contestar na Justiça a autoria de alguns sucessos de Samuel e Chico Amaral, repetindo um golpe que tentou dar em cima da Banda Mel e não colou. A imprensa deu destaque, mas o dublê de detergente e poeta continuou sem emplacar.

Samuel, com a bola toda, quer repetir a dose do milhão



As coelhinhas alegres do Me & My

"Conhecem o Romário?"

Estas duas coelhinhas dinamarquesas, quem diria, foram dar na área de Romário. Louras e rechonchudas, Susanne e Pernille Georgi, da dupla dance Me & My, estiveram no Brasil para lançar seu CD de estréia. O show foi no Mello Tênis Clube, em Vila da Penha, no Rio. "Não, não somos chegadas a um futebol", desculparam-se as meninas, diante da capciosa pergunta "do you know Romário?" ("Conhecem o Romário?"). Elas cresceram ouvindo Abba e Carpenters, mas só se nota isso no visual kitsch que adotam: vestem-se de enfermeiras, coelhinhas (claro) e gatinhas. "Tem a ver com a mensagem alegre de nossas músicas", diz Susanne.

"Estou curtindo fazer música sem aquela flatulência toda em volta"

Paul McCartney, na revista inglesa *Q*, sobre o disco que prepara em ritmo baiano para 1997 com Ringo Starr, que chama de "minha luva velha"

FUNKED OFF

Confira aqui seu nível de negritude musical

7 acertos PEROLA NEGRA – Você está pronta para morar em Chocolate City. Respect!
5 a 6 acertos – BOLA QUATRO – Ou Alcione, se preferir, espertinho(a)! Na caçapa.
4 a 0 acertos – FERNANDO HENRIQUE. Seu poderio de conhecimentos black não é nenhuma Tiririca, mas já dá para estrangular um certo mulatinho.
0 a 3 acertos VANILLA ICE – Você levou a sério o que dizia aquele famoso baterista brasileiro antes de encher a napa: "Vamos perder o mingue!"

Respostas: 1-a • 2-a • 3-a • 4-b • 5-a • 6-a • 7-c • 8-a • 9-c • 10-a • 11-a

de NUNO para MAYALL

De fera para lenda, o guitarrista Nuno Mindelis entrevistou John Mayall antes de sua visita ao Brasil em setembro. Confira os melhores momentos deste bate-papo telefônico com o homem que mais divulgou o blues na Inglaterra, iniciando em sua banda alguns dos maiores músicos do gênero (Eric Clapton e Mick Taylor, entre outros).

Nuno: *Em seu disco* Wake Up Call *(1995) aparece Dave Grissom tocando guitarra. Em* Spinning Coin *lá vem Grissom de novo, desta vez como compositor. Depois temos Buddy Whittington (atual guitarrista de Mayall), Gary Nicholson (compositor), e por aí afora. O senhor, de alguma forma, prefere músicos do Texas?*

Mayall: Não necessariamente. Eu ouvi Buddy Whittington e fiquei impressionado, sendo ele texano ou não. Foi coincidência.

Nuno: *Bem, não sei até que ponto o senhor se importa com a pergunta mas temos de saber: o senhor mantem contato regular com Eric Clapton?*

Mayall: A gente se cruzou ano passado na Inglaterra. Aconteceu de tocarmos na mesma noite na mesma cidade. Você sabe, Clapton mora lá, é ocupadíssimo e isso dificulta o nosso contato. Mas a amizade do passado fica para sempre.

Nuno: *Gostaria de saber sua opinião sobre os bluesmen ingleses da nova geração. Sobre Gary Moore, por exemplo.*

Mayall: Bem, Gary é um músico de rock, você sabe. Ele converteu-se ao blues recentemente... Mas ouvi uma banda nova que me impressionou. Chama-se Hoax. A cena do blues está em ascensão atualmente.

picuinha CASEIRA

A turnê americana do Oasis foi abortada depois da milésima discussão entre os irmãos Liam e Noel. O grupo voltou para a Inglaterra sob boatos de separação. Pura balela promocional: o porta-voz do quinteto já declarou que o Oasis vai continuar. Noel até compôs músicas para um novo álbum, que deve sair no próximo outono. As pendengas entre os irmãos Gallagher nos EUA tiveram cenas de cinema. Primeiro, Liam se recusou a viajar. Depois, já na América, enfureceu o irmão cuspindo cerveja no público do MTV Music Awards. Noel botou a viola no saco e sartou. Mas já fez seu *mea culpa* e prometeu ser um bom rapaz. Até quando?

As briguinhas entre Liam e Noel abortaram a turnê americana do Oasis

rock around the interNET

por Claudia Grechi

• Já é possível fuxicar nos arquivos de Raul Seixas sem sair de casa. Desde julho está na rede *O Baú Do Raul* (www.raulseixas.com.br), a home page oficial do maluco beleza. Lista de fã clubes, as poesias de "Gita", "O Trem Das Sete" e as letras em inglês do projeto inédito Opus 666 – que Raul lançaria nos Estados Unidos –, estão à disposição lá. Mas o melhor fica por conta do "Inventário", escrito a partir de sessões de terapia. **"Perdi a sexta-série por três anos para comparecer aos programas de rádio e ao *Elvis Rock Club*,** onde se bebia e dublava os artistas americanos. Eu era o único que tocava e cantava ao vivo", diz um trecho. Outro texto mostra a reação dos pais de Raul diante da escolha profissional do garoto. Um menino que teve de tudo, nascera em berço de ouro, minado, por que age assim?"

Raulzito caiu na rede

• O camaleão David Bowie andou conversando com simples mortais pela rede. O cantor promoveu uma orgia internetera para lançar seu novo single "Telling Lies", já remixado pelo DJ e produtor A Guy Called Gerald (um dos papas do jungle). Brincando de contar mentirinhas, **Bowie e mais dois falsos Bowies respondiam às perguntas dos entrevistadores.** Quem acessava podia votar na resposta "mais correta". As perguntas, infelizmente, foram do nível. "David, você mente?" Para ouvir "Telling Lies", que não está à venda e não vai tocar nas rádios, basta acessar a page do cantor (http://www.davidbowie.com).

Bowie: só para internautas

democracia

Mande demos para : *Democracia* - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

MODS prontos para serem absorvidos

Eles são mods, mas querem ser compreendidos. Em bom português. A corruptela de "modern" que designava os ingleses de terninhos e franjões dos anos 60 cai como uma luva nos três curitibanos do Reles publica. A mistura de rock com soul, R&B e ska tem feito do Reles a banda mais cultuada de Curitiba. Juntos há sete anos (começaram a tocar com 13 anos), Fabio Elias (guitarra e voz), Ricardo Bastos (baixo e vocal) e Emanuel Moon (bateria) são PhDs em festivais alternativos. Superdemo, Abre Pro Rock, Skol Rock e Juvenatribo fazem parte do seu currículo. Em maio deste ano lançaram o primeiro CD -demo, totalmente autofinanciado, com seis músicas gravadas ao vivo em um show na Universidade Federal do Paraná. Mas já estão cansados do status alternativo. "É fogo ser cult! A gente quer ser uma banda brasileira!", chora o baixista Ricardo. Contatos: (041) 252 5950.

Sergipe também tem BECK

Para quem gosta de uma banda estranha, nada pode ser mais alternativo do que o Lacertae. Formado na cidade de Lagarto, em Sergipe, por Paulo Henrique (voz, percussão, flauta, pífano, violão e cabaçofone - instrumento de sopro criado a partir de uma cabaça com material de construção), Deon Costa (guitarra e vocais) e Tacer (bateria), o Lacertae tem chamado a atenção pela originalidade de seu "hard core experimenta, primitivista" com influências de Velvet e The Clash. O questo originalidade dificilmente será superado por outra banda, pelo menos geograficamente. "Lagarto fica a uns 50 minutos de Aracaju. Tem cinema, tem asfalto. ", conta Paulo Henrique, uma espécie de Beck sergipano. Se já é difícil imaginar a localização de Lagarto, mais difícil é se manter sintonizado por lá. "A gente ouve rádio, ondas curtas, onde toca muita música muçulmana." Descoberto pelo produtor Sérgio Espírito Santo, o Lacertae está na coletânea *Brasil Compacto*, da Rock It! de Dado Villa-Lobos, e prontinho para invadir o Sul com seu som pesado e lesado.

O trio sergipano "inventou o cabaçofone"

rock 80 atualizado

Banda lá de Brasília, já rolou em superdemos e outros festivais. Oskara acaba de produzir o primeiro CD (demo) com a assessoria de Tom Capone e Mauro Manzoli, bebendo na fonte do rock nacional dos anos 80. Eles arriscam letras como: "Eu quero me afogar na sua ausência/ Pra saber se a solidão é passageira ou se é fatal/ Depois/ De olho na chegada / Eu vou saber se quero mais", apoiadas em riffs ágeis de guitarra e bateria consistente. Pop 90 interessante para o ouvido brasileiro familiarizado com as ondas Cazuza/Legião. Tem o diferencial da ausência do teclado, que dá lugar a um sax tenor e outros metais convidados. O disco, pronto para ser negociado com gravadoras, traz ainda uma regravação de "Frevo Mulher", de Zé Ramalho. Falar com Oskara: Tel - (061) 988-1391.

(Leonardo Rivera)

Ó Oskara... Sem medo da cara limpa e do som pop

LINHA DOCE

A linha doce é uma delícia! Através dela, você pode trocar recados com pessoas superlegais e encontrar o seu par perfeito. É só ligar, escolher a pessoa ideal e adoçar a sua vida. Ligue já:

0900-11-0666

R$ 2,95 POR MINUTO

CD's • VHS
LD's

SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO

LONDON CALLING

RARIDADES DE: U2 • CURE • • MADONNA • OASIS • • REM • BLACK SABBATH • E TODOS OS ESTILOS

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO

TEL-FAX: (011) 223-5300

RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

SWEET JANE

ROCK RECORDS

(011) 288-4847
fone/fax

LANÇAMENTOS RECENTES

CATÁLOGO / BEST SELLERS

AV. PAULISTA, 726 Loja-9 - São Paulo - SP

REVISTA carícia

grátis

Bloquinho Halloween

NAS BANCAS

+Bizzes

Blues, hip hop, reggae, soul: Harper mistura e manda

O bazar tem-de-tudo do HARPER

É um pássaro? É um avião? Não, é Ben Harper, cantor americano cujo estilo entra no escaninho "inexplicável". Aos 26 anos de idade e com dois belos discos lançados – *Welcome To The Cruel World* e *Fight For Your Mind* –, Harper adiciona violões de aço e blues à batida do rap.

"Toco o que vem do coração", diz o rapaz, em cujas veias corre sangue negro, índio e judeu. Harper também é dono de um talento raro: o de escrever letras que põem o mais lerdo dos americanos para pensar. Como a de "Mama's Got A Girlfriend Now", em que uma mulher assume sua porção Ângela Rô Rô, cata uma namorada e bota o macho para correr. Harper esclarece: "A música não tem nada a ver com minha mãe. Eu só quis defender a opção sexual das pessoas."

Fã dos dois Bobs – Dylan e Marley –, ele não gosta de falar sobre política. "Isso não tem nada a ver com a minha música", resmunga. "Prefiro falar sobre meu trabalho. Eu quero trazer algo novo. Em *Fight For Your Mind* você pode até identificar influências, mas nada se compara ao que eu fiz nesse álbum." Ceerto.

Juventude transviada

Uma lenda da soul music está em cana (e dessa vez não foi James Brown). Wilson Pickett, 55 anos, conhecido internacionalmente pelo clássico "In The Midnight Hour", foi condenado a um ano de prisão depois que um exame toxicológico registrou cocaína em seu sangue. O cantor estava em liberdade condicional por ter agredido um ancião de 86 anos em 1992, e não teve direito a choro.

colegas dos CAVALERA

O Skol Rock fez dois bens aos headbangers do Eminence. O grupo, que venceu a etapa mineira do festival em setembro, mudou especialmente para o evento. "Começamos a cantar em português por causa do festival. Antes era tudo em inglês", conta o baterista Adolfo.

Formado ano passado por ele, Farid (vocal), Allan (guitarra) e Rico (baixo), o Eminence tem um quê de Sepultura. "Querendo ou não, a gente tem influência. Gostamos demais dos caras e todos os músicos da banda começaram há dez anos junto com eles."

Eminence: agora também em português

VAI ROLAR...

Max vem aí

COOLIO E CYPRESS HILL
26/11 - Rio de Janeiro (Metropolitan)
27/11 - São Paulo (Olympia)

SEPULTURA
11 e 12/11 - São Paulo (Olympia)
13/11 - Rio de Janeiro (Metropolitan)

SILVERCHAIR E TRACY BONHAM
25/11 - Rio de Janeiro (Metropolitan)
26/11 - São Paulo (Olympia)

NANA MOUSKOURI
19/11 - São Paulo (Olympia)

esses loucos marsupiais

Neguinho mora longe, sai pouco de casa, fica no seu canto contando omitorrinco. Resultado: acaba tendo idéias meio tresloucadas. "Minha idéia era fazer algo na linha de *Pet Sounds* ou *Sgt. Pepper's*, discos com atmosferas bem variadas", delira Dave Faulkner, vocalista e líder do Hoodoo Gurus, direto da Austrália, babando no acetato do recém-lançado *Blue Cave*. "Não queríamos restringir o som a nós quatro num quarto." PelamordeDeus...

No palco, a banda é bem mais pé-no-chão. Mas isso você não vai ver, pelo menos não até 97. É que o baterista Mark Kingsmill deu um mau passo na vida, ou melhor, na escada de um camarim na Tasmânia, desmembrou-se todo e fica no estaleiro até dezembro. "Foi feio", conta Dave. "E nós não queremos tocar sem ele."

Até lá, fiquemos com *Blue Cave*, que, descontada a pretensão, é um disco boa-praça. A única exceção é a melancólica "Night Must Fall", composta por Dave em homenagem a um amigo que morreu em decorrência da Aids. "Fiquei sabendo da morte dele aí no Brasil, ano passado."

Os Hoodoo Gurus esperam o batera sarar

Brasil lembra praia, que lembra surf, que lembra banda australiana... E pode parar por aí... "Sou mais de esquí na neve", diz Dave. "Mas, se temos algum nome na Califórnia, é por conta dos nossos fãs surfistas." Sempre é bom sentir o mar antes de entrar, né não, Brad?

(Jaime Biaggio)

CIDADE É RÁDIO QUE SE VÊ

CIDADE 96,9

A Rádio Cidade, além de possuir uma programação totalmente feita pelo ouvinte, é a única que quando promove ou produz um show leva mais de 100.000 pessoas pra ver. É a rádio que faz mais eventos e promoções em São Paulo, e tudo isto só para o ouvinte ver, dançar e se divertir. A Rádio Cidade é primeiro lugar absoluto em audiência há 1 ano, e isto não se consegue só de ouvido, porque para transmitir alegria não basta uma antena. É no contato direto que se vê e se sente.

1 ano em 1º LUGAR

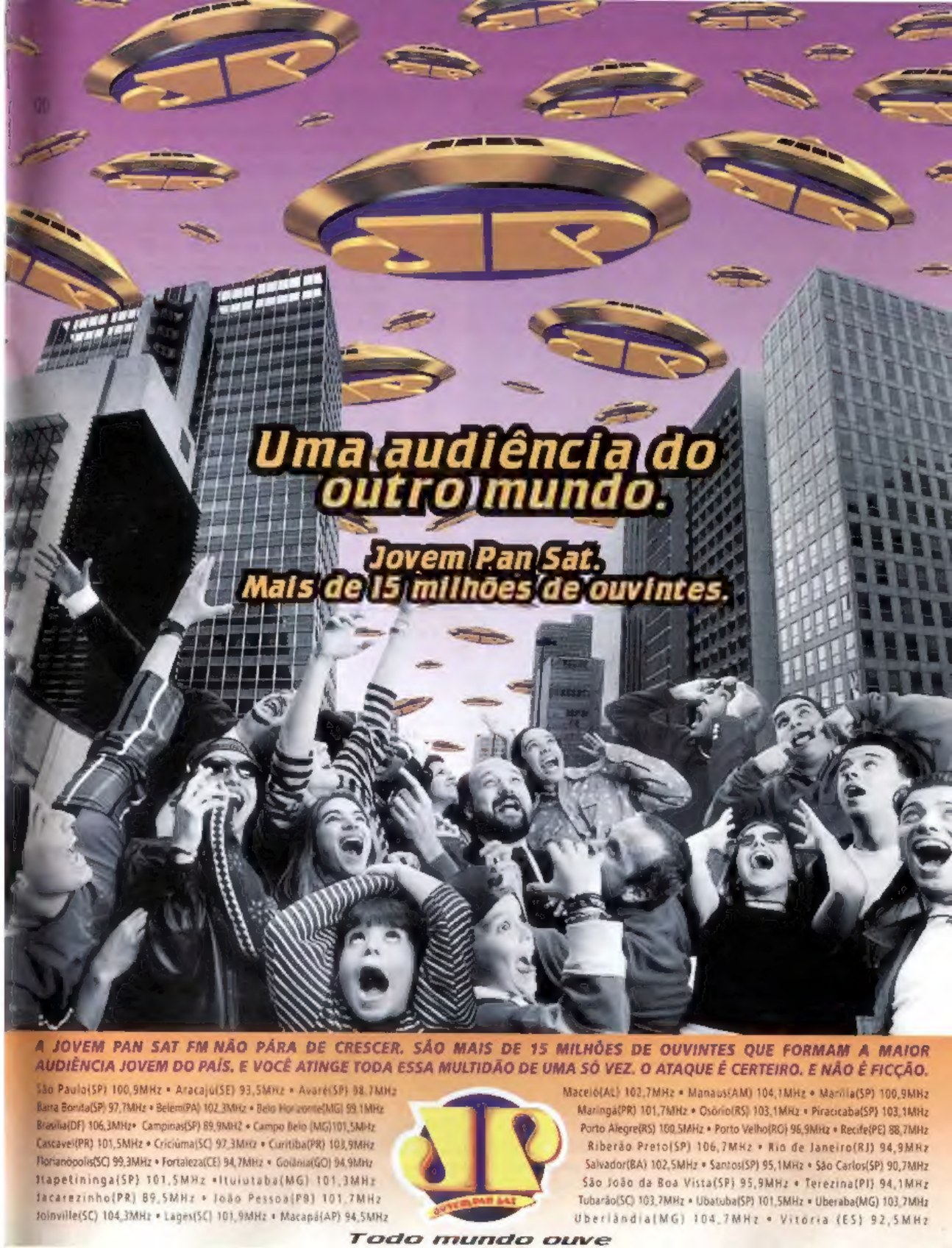
revista

BOA FORMA

Entre em forma dançando.

A sua revista BOA FORMA desse mês mostra que dançar, além de divertido, é uma ótima alternativa para ficar com aquele corpinho. Você vai conhecer todos os benefícios que os diversos tipos de dança – balé, afro, flamenco, jazz, etc. – podem trazer para você.

NAS BANCAS



Nando Reis, 33, é baixista da banda de rock Titãs

4 WAY STREET

Crosby, Stills, Nash & Young

Há, no mínimo, duas maneiras de incluir um álbum em sua discoteca básica. A primeira engloba aqueles LPs que, durante a infância ou a adolescência, graças à sua excelência musical, moldaram o seu gosto musical, deram contornos largos ao seu universo emocional, enfim... fizeram de você uma pessoa melhor, ou ao menos mais feliz. Discos que acompanharam você desde sempre como um pequeno ursinho de pelúcia incrustado na memória do coração.

A segunda é a descoberta de tais obras fundamentais numa outra época. Subitamente, você repara num imenso lapso deixado pela desatenção ou até mesmo pela simples ignorância. É o meu caso com *4 Way Street*, de Crosby, Stills, Nash & Young. Este texto destina-se àqueles que, como eu, gastaram muitos anos de suas vidas desconhecendo a magia desse trabalho.

"Don't Let It Bring You Down", com Neil Young, talvez seja a mais linda canção que já ouvi, mas todas as outras são fundamentais"

Terceiro álbum do quarteto, trata-se, inegavelmente, de uma obra-prima! Gravado ao vivo em 1970 entre Nova York, Chicago e Los Angeles, *4 Way Street* captura momentos sublimes. No formato de um CD duplo – com quatro faixas adicionais magníficas–, a primeira parte traz o set acústico, e o segundo, a parte eletrificada.

Álbuns ao vivo, em geral, têm a função de entregar aos fãs uma segunda leitura de músicas previamente conhecidas. Essas versões sempre soam mais quentes ou mais vibrantes, pois compensam a perda de qualidade das gravações de estúdio com o calor e o suor proporcionados pela presença de uma audiência. Muitas vezes esses LPs agradam apenas àqueles que já gostavam do trabalho.

Arrisco a dizer que *4 Way Street* foge completamente à regra. Ainda estabelece um outro parâmetro: quanto maior a crueza do arranjo, mais se percebe o esqueleto, a alma da canção de seu artista. Em muitos momentos deste show, cada um dos quatro empunha seu violão e se entrega a desenhar no ar o espírito irreproduzível de suas composições. São momentos de tal magia que esquece-se de respirar. Para exemplificar, citarei apenas um momento de cada um. David Crosby com "The Lee Shore" (capaz de fazer pedras milenares chorarem), Stephen Stills em "49 ByeByes/America's Children" (absolutamente eletrizante), Graham Nash em "King Midas In Reverse" (uma verdadeira jóia, com um refrão contevente) e Neil Young com "Don't Let It Bring You Down" (talvez a mais linda canção que eu já tenha ouvido, embora isso possa parecer absurdo). Estou falando apenas de quatro das 15 canções do primeiro álbum. Todas são fundamentais.

O segundo disco traz a parte eletrificada do show. O destaque é a longuíssima versão de "Southern Man", com seus 13 minutos e 45 segundos de solos alternados de Stills e Young. Completam a banda o baterista Johnny Barbata (que também emprestou suas baquetas aos Seeds e Turtles, duas crias psicodélicas dos anos 60) e Calvin Samuels (baixo).

Trata-se de um clássico dos anos 70 que permanece absoluto e incomparável. Na tradição dos grandes álbuns duplos de rock'n'roll, *4 Way Street* tardiamente veio engrossar minhas prateleiras. Não deixe que isso aconteça com você. Se não tiver ainda esse disco, pare tudo imediatamente e vá comprá-lo. Vale a pena.

Nando Reis

Performance

Ano de lançamento: 1971

Produção: David Crosby, Stephen Stills, Graham Nash & Neil Young

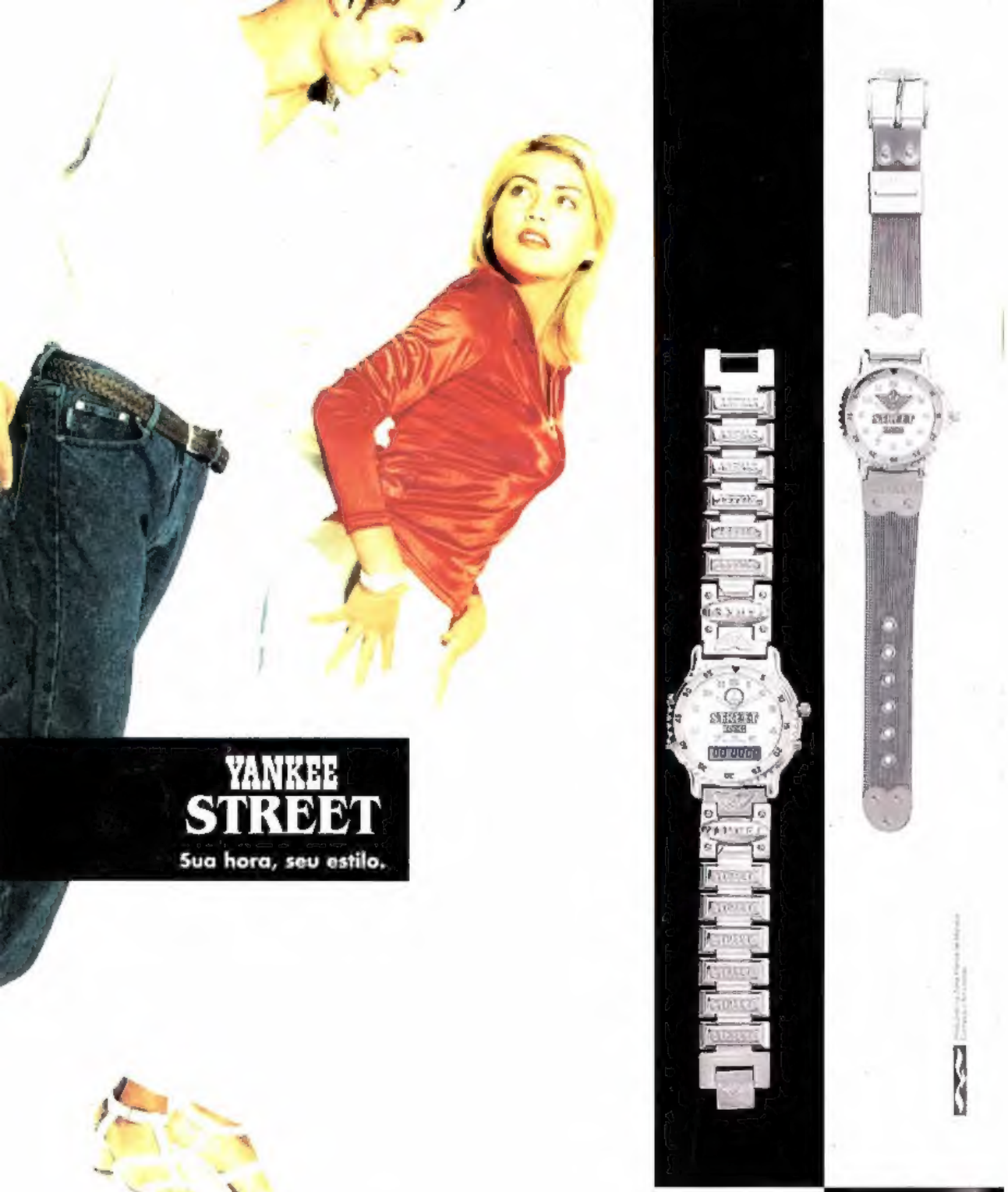
Faixas: "Suite: Judy Blue Eyes" • "On The Way Home" • "Teach Your Children" • "Triad" • "The Lee Shore" • "Chicago" • "Right Between The Eyes" • "Cowgirl In The Sand" • "Don't Let It Bring You Down" • "49 Bye-Byes/America's Children" • "Love The One You're With" • "King Midas In Reverse" • "Laughing" • "Black Queen" • Medley: "The Loner" /"Cinnamon Girl"/ "Down By The River" • "Pre-Road Downs" • "Long Time Gone" • "Southern Man" • "Ohio" • "Carry On" • "Find The Cost Of Freedom".

Crosby, Stills, Nash & Young inauguraram a era dos supergrupos. O quarteto reunia dois ex-integrantes do Buffalo Springfield (Stephen Stills e Neil Youg), um dissidente dos Byrds (David Crosby) e o inglês Graham Nash que comandou a British Invasion ao lado de seu grupo, os Hollies.

Uma das músicas mais polêmicas desse 4 Way Street é "Southern Man". De autoria de Neil Young, ela rechaçava a onda de linchamentos a negros no sul dos Estados Unidos. A resposta e Neil Young veio em forma de música – e que música! "Sweet Home Alabama", do igualmente sulista Lynyrd Skynyrd. No Brasil, 4 Way Street já saiu em forma de álbum duplo e simples. Em 92, foi lançado em CD pela WEA

Tão suave que você pode beber puro. Diferente de tudo que você já conhece.

Surpreendente.



Agora com pulseira de metal.